

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
Departamento de Psicologia Experimental

ANDRÉ DE MARTINI

A Metapsicologia dos Descentramentos  
entre Sujeito e Objeto na Obra de Freud

São Paulo  
2006

ANDRÉ DE MARTINI

# A Metapsicologia dos Descentramentos entre Sujeito e Objeto na Obra de Freud

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da  
Universidade de São Paulo para obtenção do título de  
Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Problemas teóricos em Psicologia  
Orientador: Prof. Dr. Nelson Ernesto Coelho Junior

São Paulo  
2006

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

De Martini, André.

A metapsicologia dos descentramentos entre sujeito e objeto na obra de Freud / André De Martini; orientador Nelson Ernesto Coelho Junior. --São Paulo, 2006.

181 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Problemas teóricos em psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Metapsicologia 2. Psicanálise 3. Freud, Sigmund, 1856-1939 4. Subjetividade 5. Ego I. Título.

RC504

## FOLHA DE APROVAÇÃO

André De Martini

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Problemas teóricos em Psicologia

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, ao incansável trabalho de Nelson Ernesto Coelho Junior, cuja disponibilidade e presença consistente ajudaram-me a percorrer este caminho.

Aos professores Luís Claudio Mendonça Figueiredo e Alfredo Naffah Neto, pela leitura e discussão deste trabalho.

Aos colegas do grupo de orientação, pelos animados debates e preciosa companhia.

À Camila Lousana Pavanelli, pela presença, dedicação e fundamental colaboração nos passos finais.

Ao CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelo apoio material e financeiro, que permitiu a concretização deste trabalho.

À leitura e revisão imprescindíveis de Patrícia Carvalho.

Aos amigos, indiretamente presentes sempre.

Aos pacientes, que ajudam a manter o pensamento vivo.

“It was known that Descartes had an illegitimate daughter, Francine, who died when she was five years old; this was said to be the greatest tragedy of his life. The story went that Descartes was so struck with grief that he created an automaton, a mechanical doll, built exactly identical to his dead daughter. The two were inseparable. He took this mechanical doll with him wherever he went. It was kept in a small trunk, and wherever he slept she was by his side. The story is that Descartes was crossing the Holland Sea, and the captain of the ship became very curious about the contents of this trunk that Descartes always had by his side. One night the captain crept down to his cabin while he was sleeping and opened up the trunk. To his horror the robot Francine arose. The captain, struck with revulsion, grabbed her, dragged her up to the deck of the ship and threw her overboard.”

*P. Bloom*

“It's hard to know if this story is true. Descartes did go to Sweden, and did, as he had feared, die there, six months later. He had, in fact, attempted to build some automata earlier in his life (one of his correspondents reported that Descartes had plans for ‘a dancing man, a flying pigeon, and a spaniel that chased a pheasant’), and he continued to be interested in mechanical toys.”

*G. Wood*

## RESUMO

DE MARTINI, André. **A metapsicologia dos descentramentos entre sujeito e objeto na obra de Freud.** 2006, 181 p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

O aumento da importância que se tem dado ao *objeto* na constituição do psiquismo ao longo da história da psicanálise nos tem levado a reflexões acerca da constituição ou instalação da subjetividade, e ao exame detido das condições do psiquismo do *outro*, para além dos aspectos constitucionais ou idiossincráticos do sujeito. Indagações acerca do estatuto desta figura a que chamamos *objeto* apontam irremediavelmente para o mesmo lugar – o *ego* – sendo ambos parte de um quadro maior que podemos chamar *subjetividade*. O objetivo deste trabalho é percorrer os meandros da constituição e instalação da subjetividade, em que as figuras do sujeito e do objeto (ou de um eu e um outro) encontrarão seu lugar, sustentação e dissonâncias. Isto é realizado através do percurso, no texto de Freud, de conceitos, idéias e sentidos implícitos cabíveis nessa discussão. Abordo a natureza ambivalente do vínculo sujeito-objeto, no qual se evidenciam as dificuldades de delimitar objeto e sujeito sem que isto signifique alguma imbricação entre os conceitos ou noções de cada um. É preciso pensar em níveis simultâneos de constituição subjetiva, um de diferenciação e outro de indiferenciação, que se exigem. Cria-se, a partir de um momento originário, antes de haver um ego, uma condição de reflexividade que denomino *si*, e uma região primitiva de alteridade que denomino *não-si*. Este *si* é o primeiro depositário do investimento a que chamamos *narvisismo primário*. Ao longo da vida do sujeito, este *si* geralmente coincidirá com o ego, e será somente numa experiência *estranha* que ele poderá dar-se conta daquilo que estou chamando de *descentramento subjetivo*. A ferida tocada, justamente, é a suposta natureza sintética dos processos do ego, habitualmente ancorada na experiência de identidade. É na expressão freudiana de uma “*estrutura do ego*” que encontramos apoio para abordar o atravessamento interno que o sujeito sofre do objeto, uma estrutura que excede a função egóica, e que, não obstante, diz respeito ao *eu*. Também o viés econômico na psicanálise, através da pulsão, do traumático e da repetição – elementos que perfazem o vínculo sujeito-objeto –, tem um papel fundamental para a compreensão da constituição dos lugares subjetivos, do *eu* e do *outro*.

Palavras-chave: Metapsicologia, Psicanálise, Sigmund Freud, Subjetividade, Ego.

## ABSTRACT

DE MARTINI, André. **The metapsychology of the decenterings between subject and object in the work of Freud.** 2006, 181 p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

The increasing importance having been given to the *object* on the constitution of the psyche throughout the history of psychoanalysis has been leading us to reflections about the constitution or installation of subjectivity and to a thorough exam of the conditions of the psyche of the *other*, beyond the constitutional or idiosyncratic aspects of the subject. Scrutiny of the status of this notion we term *object* point irrevocably to the same place – *the ego* – both of which are part of a larger scene that can be termed *subjectivity*. The aim of the present work is to go through the paths of the constitution and installation of subjectivity, in which the notions of subject and object (or of I and other) shall find their ground, support and dissonances. The afore-mentioned is accomplished through the investigation, in the work of Freud, of concepts, ideas and implicit meanings pertinent to the present discussion. The ambivalent nature of the subject-object link is addressed, wherein lie the difficulties of delimitating object and subject without this meaning some imbrication between the concepts or notions of the two. Concomitant levels of subjective constitution must be regarded, one of differentiation and other of undifferentiation, both mutually dependant on each other. From a primary moment, prior to the emergence of the ego, there is the creation of a reflexivity condition that I call '*impersonal self*', alongside a primitive alterity region I term '*impersonal non-self*'. This '*impersonal self*' is the first repository of the cathexis we term *primary narcissism*. Throughout the subject's life, this '*impersonal self*' will usually coincide with the ego, and it is only in an *uncanny* experience that he will be able to gain awareness of what I am calling '*subjective decentering*'. The touched wound is precisely the alleged synthetic nature of the ego processes, customarily anchored in the experience of identity. It is in Freud's expression of a "*structure of the ego*" that we find support to address the internal crossing that the subject suffers from the object, a structure that exceeds the ego function and, nonetheless, refers to the *I*. Furthermore, the economic standpoint in psychoanalysis, through the instinct, trauma and repetition – elements that shape the subject-object link – has a fundamental role in the understanding of the constitution of subjective positions, of the *I* and the *other*.

Keywords: Metapsychology, Psychoanalysis, Sigmund Freud, Subjectivity, Ego.



## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>8</b>
A Questão para alguns Autores da Psicanálise.....	15
O Trabalho com Textos.....	22
<b>Capítulo I - Notas sobre O “Estranho”.....</b>	<b>32</b>
<b>Capítulo II - O Impacto da Dimensão Econômica.....</b>	<b>58</b>
Um tipo de vinculação especial entre sujeito e objeto .....	61
Ambivalência na Constituição do Objeto, Ambivalência na Constituição do Sujeito ...	65
O Surgimento, pela libido, do objeto enquanto entidade total .....	74
Ponderação sobre o papel do outro na determinação das pulsões, das zonas erógenas e também seu lugar antes de ser considerado um objeto total .....	81
Impacto da dimensão econômica: a pulsão escapa ao sujeito, escapa ao objeto.....	85
Representante, por um lado, Representante, por outro.....	91
O contraponto do argumento biologizante e disposicional em Freud .....	95
Sobre este Outro Primário, numa Relação Originária .....	100
Considerações Gerais .....	107
<b>Capítulo III - A Estrutura do Ego .....</b>	<b>113</b>
Primeiramente, o investimento narcísico .....	113
A ligação narcísica com o objeto .....	116
A libido do ego, a libido objetal e o desenlace edípico .....	118
Teorias pulsionais e Teorias relacionais.....	126
O Ideal do ego e a Sublimação .....	130
A Estrutura do Ego e o Posicionamento Arcaico da Subjetividade.....	136
Narcisismo primário e a ‘torção’ do auto-erotismo.....	150
O objeto e a pulsão de morte.....	153
A subjugação do ego.....	159
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>164</b>
<b>Referências .....</b>	<b>175</b>

## Introdução

---

Uma das marcas distintivas da clínica, ao longo da história da psicanálise, tem sido o avanço contínuo em relação aos casos chamados “difíceis” – muitos autores têm se detido sobre as limitações teóricas da técnica clássica, numa tentativa de dar conta das exigências que o atendimento a esses pacientes parece colocar ao analista. Nas diversas produções que se realizaram, algum tipo de reformulação teórica estará sempre em jogo: quer seja em maior grau, com aqueles autores que julgaram necessário uma profunda modificação das bases teóricas da psicanálise, quer seja em menor grau, com aqueles que consideraram os conceitos da teorização clássica abrangentes o suficiente para que, com um mínimo de alterações, pudessem aproximar-se das questões mais características da clínica contemporânea.

Em todo caso, pode-se observar o aumento da importância que se tem dado ao *objeto* na constituição da subjetividade, e a passagem gradual do foco intrapsíquico para a consideração acerca da subjetividade deste *outro* para quem sou um objeto<sup>1</sup>. As reflexões acerca da constituição ou instalação da subjetividade passaram a implicar o exame detido sobre as condições do psiquismo do outro, para além das condições constitucionais ou

---

<sup>1</sup> Neste ponto, é pertinente fazer algumas discriminações terminológicas. Ao longo do texto utilizarei o termo *sujeito* num sentido mais amplo, próximo ao uso freudiano. Este modelo apóia-se no sentido epistemológico da relação sujeito-objeto, tal como se dava, p.e, na compreensão da relação analista-paciente: o analista-sujeito deve buscar conhecer o funcionamento psíquico do paciente-objeto. Neste contexto, *objeto* será tudo aquilo que a este *sujeito* se reportar. Entretanto, em outros momentos, deveremos considerar em adição a isso o sentido técnico que “*objeto*” tem para a psicanálise.

Sabemos que desde o final do séc. XIX, notadamente a partir das discussões acerca das “ciências do espírito”, a problemática do *sujeito* vem sofrendo um deslocamento gradual (mas nunca absoluto) do campo epistemológico para os campos ontológico e ético. A psicanálise inaugura uma prática que, ao longo do tempo, também precisou de novas sustentações nestes outros campos. Neste trabalho, quando me utilizar mais precisamente dos conceitos psicanalíticos, o leitor notará uma certa aproximação com as questões éticas, a consideração do *outro* e o papel da alteridade.

idiossincráticas do sujeito. As possibilidades clínicas diante dos casos de psicose, de autismo ou “borderline” estão estreitamente vinculadas aos desenvolvimentos que se fizeram no sentido de desvelar o papel do outro, do objeto, na gênese ou tratamento destes casos. Diferentes concepções e conduções clínicas emergem dessa problemática, sem que se possa atualmente assinalar este ou aquele autor ou teoria como mais genuinamente dentro do campo psicanalítico. Certamente, esse movimento da teoria e da clínica acerca dos “casos difíceis” é um dos protagonistas na dispersão teórica da psicanálise – que, para além de sua importância numa clínica específica, é muitas vezes responsável por um redimensionamento da teoria ou da técnica de uma forma geral, o que acirra ainda mais as diferenças entre as escolas ou autores.

O fato de que os desenvolvimentos e articulações da clínica contemporânea remetem muitas vezes a uma revisitação dos conceitos mais bem estabelecidos não deveria nos causar surpresa: veremos, ao longo dos capítulos, como a indagação acerca do estatuto desta figura a que chamamos *objeto* nos leva invariavelmente ao mesmo lugar – o *ego*<sup>2</sup> – sendo ambos parte de um quadro maior que podemos chamar *subjetividade*. De modo recíproco, desde a criação da psicanálise já é possível observar o surgimento tímido e oscilante da figura do objeto, conforme Freud aprofundava sua pesquisa sobre a constituição e funcionamento do psiquismo do sujeito. Neste ponto, já é possível definir melhor um dos aspectos do presente trabalho: percorrer os meandros da constituição e instalação da subjetividade, em que as figuras do sujeito e do objeto (ou de um eu e um outro) encontrarão seu lugar, sustentação e dissonâncias.

---

<sup>2</sup> Faço uso do termo *ego* significando a instância psíquica que é representante funcional da totalidade do sujeito, incluindo-se aí a dimensão corporal. Desta forma, o *ego* é o representante do *self* ou do *eu* (num sentido mais abrangente); estes dois últimos serão também encontrados como sinônimos no decurso do texto, e diferenciam-se do termo *sujeito* pela ênfase nos atributos que excedem o sentido tradicional de um “sujeito do conhecimento”. Além disso, *ego* e *self* demarcam mais propriamente a discussão psicanalítica.

A partir do incremento da pesquisa específica sobre o lugar do objeto, as reverberações que se fazem sentir ao longo do corpo teórico da psicanálise não terminam aí: novas considerações passam a informar a prática clínica, para além do âmbito específico do atendimento de casos difíceis. O que está em jogo na compreensão implícita que temos da relação sujeito-objeto (eu-outro, ou analista-analisando, neste caso), quando estamos na situação de análise? A maneira como pensamos nossa relação com o analisando, as coisas que ele diz, suas atitudes, as demandas em questão, nossos próprios pensamentos e conclusões sobre isso ou aquilo, a relação dessa prática com a teoria, tudo isto é informado pelo entendimento que temos do que seja esse campo sujeito-objeto, a despeito de nossa maior ou menor preocupação com esta questão.

Mas, afinal de contas, de que forma tais questionamentos seriam relevantes para a prática clínica, para a teoria ou mesmo para a metapsicologia psicanalítica? Trata-se também de saber se isto realmente se coloca como uma questão para a clínica, em geral, ou se é apenas um aspecto que estará presente conforme a linha, dentre as diversas teorias psicanalíticas.

Esta é uma questão contemporânea, exclusivamente? Até que ponto é válido buscar uma compreensão dessas relações sujeito-objeto nos textos de Freud, tais como as compreendemos hoje, ou pensar como isso poderia ou não estar presente numa sessão em Viena do início do séc. XX? Frente aos demais tratamentos médicos da época, a psicanálise, em sua prática clínica, inaugura uma situação muito singular – em sua aparente simplicidade, constituiu um campo extremamente fecundo de atuação, com o qual nos defrontamos até os dias de hoje, fato demonstrado pelo grande número de linhas teóricas (psicanalíticas ou não) que procuram dar conta desta prática que é a relação terapêutica. Assim, há realmente uma exigência interna à própria prática psicanalítica para os

desenvolvimentos que se seguiram? São perguntas como essas que pretendo ventilar dentro do tema proposto neste texto, à medida que procurarei evidenciar, se possível, a vinculação dos elementos dessa temática aos textos de Freud.

Indagar a relação sujeito-objeto em psicanálise é algo que acontece não apenas por exigência intelectual, mas principalmente pela reflexão que se vincula à prática clínica, como já dissemos anteriormente. Em outras palavras, ainda que a problemática sujeito-objeto seja algo muito anterior ao advento da psicanálise, reencontra nesta última um sentido e importância próprios, ligados ao atendimento de pacientes e ao exercício de teorização que lhe acompanha. Podemos seguir refletindo agora sobre o lugar, dentro da psicanálise, em que poderemos nos situar para discutir a relação sujeito-objeto.

Em toda teoria ou prática psicológica, podemos supor a existência de uma concepção de sujeito que se faz ali presente, quer isto seja explícito ou não. Mesmo quando a psicologia assume o caráter de uma ciência com pretensões de isenção do que seja da ordem do subjetivo (exterioridade segura entre seu objeto de estudo e suas práticas de pesquisa), há pelo menos uma concepção bem definida sobre a subjetividade do pesquisador: a de que ela deve estar ausente, ou muito bem demarcada. O curioso é que, com isso, se pretende chegar exatamente ao que seja o objeto, como se fosse possível desvendá-lo precisa e exaustivamente em sua natureza, e de forma absolutamente independente da subjetividade do pesquisador. Ainda que, na maioria das vezes, a questão da subjetividade só possa ser encontrada de forma implícita nas diversas teorias psicológicas, não podemos perder de vista sua invariável vinculação a qualquer objeto de estudo:

À concepção de sujeito em uma dada teoria corresponde, dialogicamente, uma dada concepção de *objeto*, de modo que é da relação *sujeito – objeto* que decorre boa parte da conceitualização teórica caracterizadora desta ou daquela abordagem em psicologia. Em síntese, a cada aspecto meta-teórico da relação sujeito-objeto correspondem diferentes epistemologias em psicologia.<sup>3</sup>

Assim, podemos pensar em implicações que se desdobram por todo corpo epistemológico psicanalítico, decorrentes do modo como se faz presente a questão sujeito-objeto dentro de cada teoria.

Entendo que a relação sujeito-objeto não é uma questão já fechada dentro do que existe em psicanálise, mas certamente se insere num conjunto de pesquisas e trabalhos clínicos que procuraram (de uma certa forma, desde o início com Freud) entender o que está em jogo nesta relação<sup>4</sup>. Entretanto, no presente trabalho, o leitor irá acompanhar um percurso que se restringe basicamente aos textos freudianos, e eventualmente poderá perguntar-se qual o alcance ou legitimidade disso, uma vez que autores mais contemporâneos certamente trazem uma elaboração mais madura no desenvolvimento desse tema. Em primeiro lugar, cabe pensar que os desenvolvimentos realizados na questão da relação sujeito-objeto não são ‘enxertos’<sup>5</sup>, inserções externas que simplesmente se anexaram tardiamente ao campo psicanalítico – ao contrário, estes desenvolvimentos nascem e encontram seu sentido nesse próprio campo. A releitura dos textos de Freud coloca-se como uma tentativa de dar voz mais uma vez às suas exigências

---

<sup>3</sup> COELHO JUNIOR, N.E. (e outros). *Noção de objeto, concepção de sujeito*: Freud, Piaget e Boesch, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p.7

<sup>4</sup> Neste ponto, é preciso atentar para o risco de apoiar-se num ponto ou recorte específico em Freud, e ampliá-lo a ponto de abarcar toda a teoria. Não se trata de formatar a teoria a partir do viés dessa problemática. No caso da relação sujeito-objeto, uma pesquisa mais abrangente provavelmente demonstraria haver outros modelos ou nuances que se aplicariam a essa questão, assim como exigências e necessidades clínicas e teóricas distintas das que apresento aqui.

<sup>5</sup> Aproveito para fazer uma notificação sobre o uso das aspas: sempre que o leitor encontrar aspas simples, será em função de enfatizar palavras, expressões, sentidos figurados etc., de minha autoria; o uso de aspas duplas será sempre em função de uma citação.

clínicas e teóricas, no que sejam responsáveis pelas assimetrias e proximidades com cada um dos autores que o sucederam, no desenvolvimento de seus próprios trabalhos. Em segundo lugar, ainda que conceitos tais como *espaço transicional* ou *identificação projetiva*, da psicanálise inglesa, e também a questão ética suscitada pela teoria lacaniana pudessem eventualmente servir melhor a esses questionamentos da relação sujeito-objeto, optar por este ou aquele modelo teórico específico não responde à necessidade de buscar algo que diga respeito à teoria psicanalítica como um todo, algo mais visceral ou mais básico, para que daí se possa então retornar a tais conceitos mais especializados<sup>6</sup>.

Com isso, estou assumindo que estaremos acompanhando, no texto freudiano, elementos muito basilares da teoria psicanalítica, e que, direta ou indiretamente, tocam as diversas linhas teóricas que se ramificaram desde então.

Se a clínica contemporânea caracteriza-se por um desenvolvimento teórico e clínico em direção ao tratamento dos casos “difíceis”, isto só pode acontecer dentro das brechas e ‘rachaduras’ de uma prática já estabelecida, e em relação visceral com ela. Procurar salientar esses hiatos na teoria, através da leitura dos textos de Freud, é tentar compreender as relações de origem da teoria clássica com as práticas ou teorizações que a ela sucederam. De fato, podemos supor que há uma dimensão traumática presente no próprio cerne da constituição do campo psicanalítico, e que não faz mais do que reproduzir e reverberar uma problemática que está presente em todo campo de saber que,

---

<sup>6</sup> Podemos encontrar um exemplo do grau de rudimentariedade que busco para os processos de constituição da subjetividade, por analogia, na seguinte citação de Merleau-Ponty: “Quando minha mão direita toca minha mão esquerda, sinto-a como uma ‘coisa física’, mas no mesmo momento, se eu quiser, ocorrerá um acontecimento extraordinário: eis que a mão esquerda também começará a sentir a mão direita [...]” E continua, ainda: “[...] meu corpo efetua ‘uma espécie de reflexão’. Nele, por ele, não há somente relação em sentido único daquele que sente com aquilo que sente: a relação inverte-se, a mão tocada torna-se tocante, e sou obrigado a dizer que o tato está espalhado em meu corpo, que o corpo é ‘coisa que sente’, ‘sujeito-objeto’. MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1991a, p. 183.

de uma forma ou de outra, lide com a alteridade. A temática da constituição da subjetividade, em Freud, exigiu, daqueles que vieram depois, que se houvessem com um apelo impensado, criando conceitos e construções teóricas que fizessem frente a isto. Esses apelos estão presentes, p.e., na abertura que a prática psicanalítica pôde ter para os casos graves de psicose, autismo e *borderline*, ao longo do tempo. Se estas demandas mais caracteristicamente contemporâneas se fizeram ouvir gradualmente pelos analistas, isto só aconteceu porque a técnica clássica possui brechas para isso – caso contrário, não faria qualquer sentido um psicanalista conjecturar a hipótese de atender tais casos. Esses apelos, essas *exigências de trabalho* não poderiam, com efeito, ser determinações que já estivessem lá no texto freudiano de modo positivo, pois daí seriam tão somente indicações de caminhos possíveis de pesquisa – não seriam mais exigências de trabalho, não haveria disparidades, nem necessidades de reformulação ou redimensionamento da teoria.

Chegamos, deste modo, a um estatuto para os desenvolvimentos psicanalíticos contemporâneos que respondem a essas exigências: as contribuições teóricas dos autores contemporâneos colocam-se, de fato, como contribuições inéditas, mas que não são um inédito qualquer, não partem de uma tábula rasa, pois que são afetados e atravessados por essas exigências – não poderiam ser, deste modo, *quaisquer* contribuições. Há um compromisso com aquilo que não foi teorizado, que não tem corpo, mas que se apresenta pelo negativo sob a forma de uma disparidade, de um apelo, de uma anteposição. As inovações teóricas que respondem a estas exigências, é bom que se diga, não deveriam também ser encaradas como respostas que esgotam tais exigências: pelo contrário, podem



mesmo reforçá-las e fortalecê-las, acrescentar outras tantas, e assim por diante, muito mais num efeito de multiplicação de forças do que de anulação mútua<sup>7</sup>.

Talvez esse tipo de movimento teórico no campo psicanalítico seja possível devido à psicanálise ser uma prática e uma teorização que se alimentam contínua e mutuamente, uma não podendo se sustentar muito bem sem a outra. Isto traz também um problema curioso para aqueles que quiserem persistir em delimitar exatamente de onde provêm estas exigências de trabalho, no sentido em que proponho; são questões e impasses próprios do domínio instaurado pela prática clínica psicanalítica, ou podem de fato ser encontradas nos textos freudianos? Não vejo que tal distinção possa ser útil em qualquer medida, e vai contra, justamente, esta marca distintiva da produção de conhecimento em psicanálise.

### *A Questão para alguns Autores da Psicanálise*

Sabemos que, no desenvolvimento da teoria e prática psicanalíticas a questão do sujeito e das relações de objeto<sup>8</sup> ganhou cada vez maior consideração, e já desde a época de Freud muitos autores procuraram dar conta deste aspecto ambíguo da experiência. No entanto, falarei primeiro de um autor da atualidade, Thomas Ogden, para quem há

---

<sup>7</sup> Como no fenômeno de troca *kula* estudado por Mauss e por Malinowski, onde a regra de trocas mantém as pessoas em permanente desnível, num sistema que permanece sempre aberto a novas dádivas, novas retribuições. Cf. MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1977.

<sup>8</sup> Devo dizer que a problemática sujeito-objeto, tal como a proponho aqui, não se restringe à teoria das relações de objeto, ainda que esta seja parte daquela. Para uma melhor idéia da teoria das relações de objeto no campo da intersubjetividade, ver COELHO JR., N.; FIGUEIREDO, L.C. Figuras da intersubjetividade. *Interações*, vol. IX n. 17, p. 9-28, jan-jun/2004.

sempre uma dimensão dialética quando se trata de pensar as subjetividades na situação analítica:

[...] o analisando não é simplesmente o sujeito *da* investigação analítica; o analisando precisa ser ao mesmo tempo o sujeito *nesta* investigação (ou seja, criar esta investigação), na medida em que sua auto-reflexão é fundamental para o trabalho da psicanálise. De modo similar, o analista não pode ser apenas o sujeito observador desse esforço, na medida em que sua experiência subjetiva *nesse* esforço é o único caminho possível para adquirir conhecimento sobre a relação que ele está tentando entender.<sup>9</sup>

Ogden entende que essa dimensão ambígua está presente na concepção freudiana do sujeito, que se vê “simultaneamente constituído e descentrado de si mesmo por meio da negação e da preservação na inter-relação dialética entre consciência e inconsciente.”<sup>10</sup> A verdade do sujeito deve ser buscada, para este autor, neste espaço intermediário, na relação que o cria, nega e preserva; o sujeito não se reduz ao inconsciente tomado isoladamente, nem à consciência em si. Considera também que, a partir dos trabalhos de Klein e Winnicott, outros elementos vêm a reforçar este descentramento freudiano do sujeito, abarcando também o desenvolvimento do psiquismo, seus “espaços” internos e as relações intersubjetivas. A partir desses elementos, chega à idéia de que o *sujeito analítico* é um terceiro elemento que deve ser distinguido das subjetividades separadas do analista e do analisando – trata-se do *terceiro analítico*, que sustenta e é sustentado pelo par clínico. Há um efeito de descentramento das subjetividades isoladas pela relação dialética de criação e negação das figuras do analista e do analisando.

A origem de tais questionamentos, como indica Ogden, deve ser buscada em momentos anteriores da história da psicanálise. Por exemplo, com Melanie Klein é possível desdobrar os questionamentos sobre o papel que cabe ao sujeito, através dos

---

<sup>9</sup> OGDEN, Thomas. *Os Sujeitos da Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994, p.4.

<sup>10</sup> Idem. *Ibidem*, p. 13.

conceitos das posições *esquizo-paranóide* e *depressiva*. O desenvolvimento do indivíduo passa a ser pensado para além do direcionamento linear e cronológico das pulsões por ‘fases’ mais ou menos definidas, marcando a exigência de pensarmos também numa dinâmica de posições que nunca é superada completamente. *A relação do sujeito com seus objetos não se reduz a seu próprio tempo presente*. O sujeito é constituído na tensão entre essas posições, num movimento oscilatório que nunca cessa, pois não se determina uma das posições como ponto de partida e outra como meta final. A cada nova retomada de posição, o sujeito já se encontra diferente do que era antes, num desenvolvimento de tipo “espiralado”, no qual a oscilação circular entre as posições não impede a progressão. O lugar bem definido de sujeito é relativizado pela multiplicidade e riqueza de relações internas de objeto, onde a dimensão da relação com o outro se mistura com a dinâmica deste espaço intrapsíquico, onde o *eu* e o *outro* têm suas fronteiras esmaecidas, contornadas, interpenetradas. Nesse sentido, o conceito de *identificação projetiva* desempenha uma função vital na compreensão das relações do sujeito e da constituição do ego na obra de Klein, e é uma de suas contribuições mais importantes à psicanálise. Partes do *self* (ou a totalidade dele) são projetadas para dentro do objeto, com o objetivo de controlá-lo, possuí-lo, danificá-lo etc., utilizando-se de sua alteridade rudimentar (pois ainda não se trata de alteridade em sentido pleno, de outro alguém) para comportar as partes perigosas de si, bem como desfazendo essa mesma diferenciação para preservar ou apropriar-se de partes boas. De fato, a relação de diferenciação do *ego* com o *objeto* torna-se muito mais complexa do que isto, e acompanha os usos intersubjetivos dos objetos internalizados numa espécie de campo comum que não poderia acontecer isoladamente num só pólo da relação. Ogden, reportando-se a este fundamental conceito de Melanie Klein, ressalta a identificação

projetiva como fator presente e uma das primeiras formas de comunicação entre mãe e bebê, através da qual o registro ambíguo da experiência sujeito-objeto fica evidente:

Nessa relação dialética, projetor e “recipiente” entram numa relação de estar-em-um (*at-one-ment*) e estar separado simultaneamente, na qual a experiência do bebê recebe uma forma da mãe, sendo que (nos casos normais) a forma que a mãe dá já foi determinada pelo bebê.<sup>11</sup>

Assim como Klein, outro autor fundamental para os desenvolvimentos mais atuais desse tema é Winnicott. Na sua compreensão da experiência do início da vida, o enfoque é levado para além da subjetividade do psiquismo individual do bebê. A relação mãe-bebê é o lugar de onde é possível pensar o desenvolvimento individual do bebê enquanto um sujeito, pois no começo “um bebê é algo que não existe” fora deste eixo. Quando tudo ocorre normalmente, há uma situação de identificação tal da mãe com seu bebê, que ela torna-se capaz de antecipar o apelo dos impulsos deste e, essa atitude de sintonia, Winnicott chama de *preocupação materna primária*. Este estado inicial de *unicidade* entre ambos é fundamental para que mais tarde o bebê possa apropriar-se de sua existência como alguém separado de sua mãe. É só a partir desta condição estabelecida que o bebê pode reconhecer-se no olhar da mãe, ter a experiência de se encontrar em outro lugar, como um *eu* que é um *eu* para outro (sua mãe). Há então a vivência de uma diferenciação de *self*, não apenas um *self* que vive no mundo, mas que é ele próprio o mundo para outro alguém. Quando a mãe devolve-lhe isso através de seu olhar, seus cuidados, sua voz e seus ritmos, o bebê passa então a reconhecer-se enquanto objeto de si mesmo. Sujeito e objeto de (para) mim mesmo.

---

<sup>11</sup> OGDEN, Thomas. *Os sujeitos da Psicanálise*, 1994, p.41.

Talvez um dos conceitos mais importantes desenvolvidos pelo autor seja o de *objeto transicional*. Nesses primórdios da relação do bebê com o mundo, como algo que não se confunde com ele, Winnicott chama a atenção para a existência de determinados objetos ou fenômenos de importância peculiar para o bebê, pois constituem a *possessão original "não-eu"*<sup>12</sup>. Trata-se de um objeto que tem valor como constituição de uma área intermediária entre a realidade interna e a realidade externa, pois não é apenas um objeto interno do psiquismo nem meramente um objeto externo, mas um objeto subjetivo que ao mesmo tempo já contém o caminho para a alteridade:

Ele [o objeto transicional] é oriundo do exterior, segundo nosso ponto de vista, mas não o é, segundo o ponto de vista do bebê. Tampouco provém de dentro; não é uma alucinação.<sup>13</sup>

O objeto transicional pode simbolizar um objeto parcial, como, por exemplo, o seio, mas mais importante do que seu valor simbólico é o fato de, ao mesmo tempo, *não ser* o seio ou o que quer que esteja representando. Em outras palavras, a importância do objeto está no fato de ele também contar em sua própria exterioridade. Há um registro simultâneo de modos de existência, interno e externo: o objeto é criado pelo bebê, mas também é admirado como um objeto que se descobriu no mundo. De fato, a decisão de que se trata de uma criação ou uma descoberta não é uma questão que se coloca para o bebê.

Com Winnicott fica evidente o quanto é difícil restringir a questão da relação sujeito-objeto a uma decisão de pura exterioridade, mesmo quando pensamos a relação da mãe com seu bebê. O desenvolvimento do indivíduo no sentido da aquisição da vivência

---

<sup>12</sup> Cf. WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1971, cap. I.

<sup>13</sup> WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*, 1971, p.18.

de si como alguém, e da convivência com os outros enquanto sujeitos que não se reduzem a ele, está calcado num espaço que é intermediário entre o *eu* e o *outro*, não pode ser perfeitamente delineado fora desta tensão que se faz entre sujeito-objeto.

Neste ponto, vejo a importância da prática clínica como um meio possível de desenredar alguns ‘nós’ teóricos: a situação clínica não parece se deixar capturar facilmente por uma concepção dicotômica entre sujeito | objeto, de modo que eu pudesse colocar-me tranquilamente como a contraparte observadora do paciente objetivamente reduzido a ele mesmo.

Esta condensada apresentação que fiz da questão do sujeito-objeto para esses autores teve por objetivo delinear alguns dos contornos que estão presentes hoje na psicanálise, como uma preocupação que permeia diferentes orientações teóricas. Como já expus acima, os desenvolvimentos psicanalíticos acerca da relação sujeito-objeto não devem ser compreendidos como meros empréstimos de outras áreas do saber, tais como a filosofia ou a lingüística. Esses desenvolvimentos especializados na questão apontam em direção à própria natureza da prática analítica, que deve ser considerada em seus *dois tempos*: em sua gênese com Freud, antes da enunciação de tal problemática, e depois, com as contribuições de autores posteriores. Não poderemos reduzir essa problematização ao que disseram os autores mais atuais, o que seria tão errôneo quanto supor que a coisa estava toda lá, pronta, o tempo todo. Fica a questão, portanto, de saber como se dá esta vinculação de certos desenvolvimentos do campo psicanalítico com o corpo teórico clássico. Esses desenvolvimentos teóricos não são fortuitos nem necessariamente predeterminados, mas senão que respondem satisfatoriamente a certas *exigências de trabalho* que estavam presentes no próprio seio da psicanálise.

Pensar em exigências de trabalho pela história da psicanálise, os vínculos do texto freudiano com as produções que o sucederam, é uma questão instigante. Isto porque devemos escapar do apelo ingênuo de considerar que há, nas obras completas, sempre alguma semente ou uma ‘proto-conceitualização’ de tudo o que se pôde dizer sobre a psicanálise em mais de um século de produção contínua de conhecimento. Da mesma forma, será que se tratou sempre de desenvolvimentos meramente adicionados, reformulações e conceitualizações que vieram atender a novas necessidades de uma clínica contemporânea com suas questões e desafios próprios? Obviamente, devemos supor como perfeitamente possíveis tanto a existência de conhecimentos ‘que já estavam lá’ de alguma forma, no início da psicanálise, como também outros que vieram atender a demandas de outros tempos, absolutamente fora do que se pudesse fazer presente ao texto freudiano. Entretanto, seria muito empobrecedor tomar qualquer das duas possibilidades como caracterização mais abrangente destes vínculos históricos de que vimos falando e, por isso, me parece mais interessante pensarmos nos termos destas exigências de trabalho enquanto um outro nível de determinação, que não exclui nem se prende a estes outros.

Penso que o tema da relação sujeito-objeto é algo que se apresenta na psicanálise no modelo do *a posteriori*, e que os desenvolvimentos contemporâneos são justamente a possibilidade de reativação e representação de algo que antes não pôde ser trazido à luz, e que de fato nem mesmo constituía um problema, propriamente; isto estaria de acordo com o crescente interesse, atualmente, pela questão da ética como uma condição fundamental na prática psicanalítica. Ao propor-me considerar como aparece esta questão sujeito-objeto em Freud, não faço outra coisa que reafirmar a legitimidade da questão como um aspecto inerente à própria natureza da prática clínica tal como ela existe desde o

início. O que não diminui em nada o caráter inédito das contribuições de Ferenczi, Federn, Klein, Winnicott, Lacan, Green, Ogden, Bollas ou outros, mas o fato é que todos eles tratam disto que é a situação analítica, que não pode ser reduzida a seu passado ou futuro teórico<sup>14</sup>.

### *O Trabalho com Textos*

É possível pensar a relação sujeito-objeto na psicanálise dentro de uma concepção que escape aos modelos dualistas de separação absoluta ou pura indistinção de pólos, com todas as implicações que isto teria na compreensão da teoria? Se isto for possível, é preciso compreender a natureza desta relação, como ela se caracteriza, e como se apresenta a constituição da subjetividade que resultará das reflexões a partir do texto freudiano. É preciso realizar o percurso, no texto de Freud, dos conceitos, idéias e sentidos implícitos cabíveis na discussão do tema em pauta, para que possamos então chegar a um possível entendimento de como tais idéias articulam-se nesse texto, pelo menos enquanto insuficiências que se fizeram presentes aos olhos de autores que mais tarde procuraram desenvolver tais questões.

---

<sup>14</sup> Uma aproximação interessante de tais idéias pode ser encontrada em Adriana Salvitti – “Investigações sobre o método de W. Bion: uma leitura de ‘Sobre Arrogância’” . *Psyché*, São Paulo, ano VIII, n. 13, p. 13-24, jan-jun/2004.



O trabalho com o texto apresenta-se como uma tentativa de travar um diálogo vivo com a escrita de Freud, que exija trabalho de minhas idéias, assim como minha leitura exige que o texto trabalhe<sup>15</sup>.

Há uma dinâmica de forças que se passa entre leitor e textos. Assim como acontece na análise, em que empresto meu corpo (minha presença, meu psiquismo, meus afetos e representações) para que alguma coisa aconteça entre mim e o analisando<sup>16</sup>, penso que, no exercício da leitura, emprestamos nosso corpo ao texto, somos invadidos e afetados a partir do lugar em que nos encontramos originariamente, assim como o corpo do texto é afetado por nossa leitura, no sentido mesmo que possa ter. Neste modelo de forças, o sentido do texto nunca poderá ser compreendido como algo reificado num sentido absoluto, senão que sempre dependerá de um leitor para o qual se perfaz. Mas por outro lado, nunca poderá ser *qualquer* sentido, pois que sempre oferecerá “resistência” e afetará o leitor, para além daquilo que fosse eventualmente o mais adequado ou útil para este. Assim, o sentido de um texto será passível de certa universalização, também, mas uma universalização que está fora do modelo do “em si” metafísico, e mais próxima da idéia de uma confluência de leituras que o assentam num determinado lugar quase estável (e nunca totalmente fixo), mas permanentemente em tensão com um impensado, com um negativo, que fará com que todo texto seja arredo a interpretações definitivas, ou a horizontes consensuais. Enfim, no exercício de leitura cria-se um movimento,

---

<sup>15</sup> Neste sentido, vale a pena destacar a proposição de Nelson Coelho Junior sobre seu trabalho de leitura no livro *A força da Realidade na Clínica Freudiana*. São Paulo: Escuta, 1995, p. 149: “A reflexão sobre os textos freudianos abre caminho para elaborações da prática clínica cotidiana. Não são transposições, nem confirmações, nem tampouco recusas com relação às propostas de Freud. Um pensamento assim tão rico e complexo faz, a cada momento, uma nova exigência de trabalho. Ele não exige recusa, nem aceitação incondicional; exige trabalho a partir de um impacto ao mesmo tempo conceitual e afetivo.”

<sup>16</sup> Os Botella têm uma idéia interessante que se aproxima disto, de um certo uso de capacidades regressivas do analista: “Um momento regressivo que opera entre dois psiquismos e que leva a um pensamento quase-alucinatorio do analista, o que chamamos ‘trabalho do duplo’”. *Irrepresentável*, Porto Alegre: Editora criação humana, 2002, p. 136.

eventualmente novas idéias surgem, há um campo de forças que está também para além do presente, formando um jogo complexo em que o conceito mais banal de autoria fragiliza-se<sup>17</sup>.

A meu ver, uma abordagem segundo uma concepção de um modelo de forças entre leitor e texto, e que suscita exigências de trabalho na leitura dos textos de Freud, faz sentido na mesma medida em que as considerações acerca da relação sujeito-objeto na psicanálise contemporânea *remetem a algo que foi inaugurado pela própria natureza da prática psicanalítica*, e que só pôde vir a ser “elaborado” com o passar do século por autores que hoje tratam mais especificamente desta questão, numa época em que as questões éticas ganham amadurecimento na psicanálise.

O recorte que faço é o de procurar nos textos freudianos os elementos que resvalam a questão da constituição quer do sujeito, quer do objeto, assim como aqueles que tratam de algum aspecto da natureza da ligação entre sujeito e objeto; mas também, além disso, as assimetrias, hiatos, rupturas que tenham esse mesmo efeito. Estas três questões de abordagem ao texto formam, grosso modo, os três eixos principais de desenvolvimento na dissertação.

O primeiro capítulo, *Notas sobre o Estranho*, trata da natureza ambivalente do vínculo sujeito-objeto, no qual se destacam os diferentes aspectos que evidenciam as dificuldades de delimitar objeto e sujeito sem que isto signifique alguma imbricação entre os conceitos ou noções de cada um<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> O trabalho de leitura que desenvolvo aqui encontra apoio, de forma geral, em algumas concepções hermenêuticas, das quais destaco a de Gadamer, a do desconstrutivismo, a de M.-Ponty, e também aquilo que Luís Claudio Figueiredo chamou de “hermenêutica do negativo”. Meu objetivo, entretanto, não será o de uma aplicação direta de um método ou princípios hermenêuticos de quaisquer dos autores ou linhas mencionados, mas apenas situar o leitor a respeito do tipo dos autores que influenciaram o presente método de leitura.

<sup>18</sup> Na pesquisa minuciosa do que seja o sujeito, somos arremessados para o objeto, e vice-versa. Conforme diz M.-Ponty, referindo-se a Husserl no texto “O Filósofo e sua Sombra” (São Paulo: Nova Cultural,

De fato, o aspecto central disso é o movimento ambivalente que se torna responsável por um certo paradoxo vivido pelo ego. O recurso ao fenômeno do *estranho*, por Freud, traz à tona uma ambivalência que percorre a língua alemã em torno da palavra *unheimlich*. O estranho remete ao encontro peculiar que é criado pela conjunção entre familiaridade e alteridade numa mesma vivência do sujeito – isto acontece quando nos deparamos com algo assustadoramente familiar naquilo que esperávamos ser pura alteridade; ou, então, quando nos defrontamos com algo inesperadamente estranho naquilo que supuséramos ser absolutamente familiar. Freud aponta, a princípio, dois fatores responsáveis pelo sentimento do estranho: o retorno do recalcado e a reativação de um modo de funcionamento psíquico primitivo, tendo como resultado um pequeno vacilo do teste de realidade. Além destes dois fatores, há um ‘terceiro’ que aponta para um elemento ‘narrativo’ ou vivencial do estranho: a apreensão, vivida em um mesmo momento, de duas correntes da vida mental que se encontram em oposição. Não há um lugar teórico para este terceiro fator no texto freudiano, de modo que irei apresentá-lo como uma construção a partir de elementos daquele.

Veremos nesse capítulo como é possível, a partir do conceito de duas correntes da vida mental, a aproximação entre os fenômenos do estranho e o *fetichismo*, a partir da presença simultânea de reconhecimento e recusa de uma percepção. A recusa de uma parte da percepção só pode acontecer pela estreita familiaridade do sujeito com as conseqüências que o reconhecimento daquela percepção implica: a rejeição da castração e a formação do fetiche só podem ocorrer para aquele que já está, de alguma forma, sujeito à lei da castração.

---

1989, p.187-208), “[...] o movimento de volta a nós mesmos – de ‘retorno a nós mesmos’, dizia Santo Agostinho – fica como que dilacerado por um movimento inverso *que ele suscita*.” Talvez esse seja um dos motivos pelos quais a psicanálise nunca poderia assentar-se num modelo metafísico de essências. A psicanálise, p.e., não poderia ser um humanismo.

A aproximação ao fenômeno do fetiche (ou da relíquia, que lhe é próximo) nessa discussão sobre o estranho é bastante frutífera, pois nos permite vislumbrar a atuação dos três fatores responsáveis pelo sentimento do estranho, mencionados mais acima. Como espero demonstrar ao longo do texto, veremos que a vivência do ego nesses fenômenos é o fator necessariamente presente, um fator sobredeterminante *que pode ser descrito como uma vivência de descentramento do sujeito em relação a seu próprio ego*<sup>19</sup>. Entre alteridades e familiaridades, aproximamo-nos do *outro*, não exatamente numa experiência de indiferenciação, mas numa curiosa experiência de reversibilidade ou *ambivalência*. Também algumas considerações a respeito da psicose se farão necessárias, mas tão somente na medida em que nos ajudem a elucidar os elementos de nossa temática central.

O segundo capítulo, *O Impacto da Dimensão Econômica*, apóia-se mais nas questões acerca da pulsão, do traumático, da repetição – elementos que perfazem o vínculo sujeito-objeto. Através da justa consideração das nuances pulsionais, p.e., o conceito de *ambivalência* pode ser compreendido em toda a sua complexidade.

Antes de o objeto adquirir o estatuto de um objeto total, ele já conta libidinalmente para o sujeito através de um tipo de vinculação ambivalente; esta deve ser compreendida, nesse momento, como a montagem pulsional que permite a alternância e simultaneidade entre os papéis ativo e passivo na satisfação. Há um fator de imperiosidade ou pressionamento da pulsão que deve ser levado em consideração nas ligações ambivalentes do sujeito nos estágios iniciais de constituição do psiquismo. Isto posto, podemos enunciar a idéia central desse capítulo, qual seja, de que o viés econômico na psicanálise

---

<sup>19</sup> O *descentramento* que será abordado ao longo deste trabalho não coincide com aquele proposto por Ogden (apresentado no tópico anterior), ainda que tenham algum parentesco. Procuraremos desvelar sentidos, para esta experiência, cujos fundamentos teóricos serão encontrados tão somente nos textos de Freud. O leitor notará que percorremos âmbitos que se encontram muito além do descentramento causado pelo advento do inconsciente, e, no nosso caso, não se trata de uma questão dialética.

tem um papel fundamental para a compreensão da constituição dos lugares subjetivos, do *eu* e do *outro*.

Habitualmente se dirá da pulsão que possui um caráter fronteiro, que se encontra entre o somático e o psíquico. Acompanhando o texto freudiano, podemos ver que, além disso, ela se coloca como uma espécie de ‘operador’ fronteiro também entre o *eu* e o *objeto*, e é isto o que possibilitará alguma maleabilidade de seus lugares. Nesse sentido, talvez fosse mais acertado dizer que o que é correlato da pulsão não é o objeto, simplesmente, mas sim o par *sujeito-objeto*. Como veremos, a pulsão possui uma irreduzibilidade que não a permite ser perfeitamente localizada nem no sujeito (enquanto uma atribuição constitucional sua) nem no objeto (enquanto fator exógeno que provém deste). Para Freud, parece que a ligação da pulsão ao soma, ao nível biológico, é o que garante este seu lugar, de não poder ser reduzida a seus elementos psíquicos. Assim, penso que é preciso buscar um outro estatuto para os ‘biologismos’ freudianos, que não o de serem tão somente metáforas ou pretensões científicas a se ignorar.

A gênese do objeto no psiquismo é uma questão da qual não poderemos nos furtar, de modo que teremos a oportunidade de acompanhar, com Freud, as nuances na dimensão econômica que se fazem presentes no enredamento das primeiras relações entre sujeito e objeto, até o encontro com o *objeto total*. Há um fator libidinal a se considerar para esse surgimento do objeto total – a genitalidade –, que arregimenta as pulsões parciais sob um novo primado. Mas há um outro fator que deve igualmente ser considerado neste evento, pois que o encontro com o objeto é, na verdade, um “*reencontro*”, que de há muito já estava pré-configurado: Freud fala de uma relação *originária*, anterior à montagem parcial das pulsões, quando então há um contato com um objeto *primário*. É já a partir desse momento que podemos pensar num papel para o

objeto que excede a questão pulsional, pois a inevitável frustração da onipotência do bebê com este objeto aponta diretamente para uma *alteridade* que não pode ser suportada – o objeto primário é fragmentado e transforma-se em objeto parcial, o que marca o início do movimento pulsional libidinal parcial do sujeito.

Penso que este encontro originário terá uma conseqüência muito peculiar também no que diz respeito à constituição do sujeito: a cisão entre o reconhecimento e a recusa desta experiência primária é o que possibilitará o caráter ambivalente do movimento pulsional que está no cerne da experiência do estranho. Cria-se, neste momento originário, antes de haver um ego, uma condição de reflexividade que chamarei *si*, e uma região primitiva de alteridade que chamarei *não-si* – estes seriam os rudimentos que, juntamente com as experiências de identidade e de alteridade, formam a pré-condição para a existência do fenômeno do estranho, do *unheimlich*. Mas estas são passagens muito largas para se realizarem a contento num parágrafo introdutório; deixemos isto de lado, por ora.

As questões abordadas nesse capítulo apontam para aspectos do vínculo entre sujeito e objeto que, afinal, só por uma operação didática podem ser perfeitamente distinguidos como aspectos mais quantitativos, em oposição a outros qualitativos desta relação. De fato, veremos que há uma aproximação constante entre as duas coisas: fatores como a *finalidade da pulsão* e o *amor* apontam para o entrecruzamento de elementos qualitativos na dimensão econômica da psicanálise – sua importância na constituição da subjetividade, as especificidades dos tipos de estimulação (que, para Freud, caracterizam um fator qualitativo que se junta à pulsão) e assim por diante.

Enfim, o pensamento econômico em psicanálise parece revelar detalhes fundamentais para a consideração de aspectos da subjetividade que excedem o sujeito do ego, e abrem as portas para melhor considerar os impactos da alteridade, do *outro*.

O terceiro capítulo, *A Estrutura do Ego*, firma-se principalmente na constituição desta figura chamada *ego*, assim como nos demais elementos que entram em jogo a partir da segunda tópica freudiana.

O *narcisismo primário* será o conceito chave na leitura desse último capítulo e, como espero fazer transparecer ao longo do texto, veremos que o objeto não está ausente *para o sujeito* nesse momento. Nem tampouco encontraremos lugar para a idéia de que, no início, há somente um único tipo de investimento libidinal – o narcísico. Sempre, e desde o início, a situação é a da existência de dois investimentos libidinais simultâneos e indiferenciáveis, libido de objeto e libido narcísica, que se conjugam num campo ambivalente de permuta subjetiva entre ambos – o que Freud chamou de situação de “amor feliz”. Entretanto, está correto dizer que o resultado desta indiferenciação caracteriza uma situação geral de narcisismo, e que o objeto não pode ser ainda reconhecido pelo sujeito. Ainda que no narcisismo primário o objeto não possa ser apreciado e compreendido como tal pelo sujeito, não obstante trata-se de um contato com o objeto, o que torna absurda a idéia de que o sujeito nasce ‘encapsulado’ em si mesmo, alheio aos objetos e ao mundo. Há uma função do objeto a se considerar para além do estatuto da representação que o sujeito tenha dele.

Apenas com o conceito do narcisismo primário (desde que devidamente deslindado) já é possível entrever que a subjetividade do ego não poderá ser como um ‘monobloco’, uma unidade fechada em si – já há desde o início elementos outros que atravessam a constituição desse sujeito. Mas é na expressão freudiana de uma “*estrutura do*

*ego*” (um conceito, a meu ver, ainda a ser explorado pelo discurso psicanalítico) que encontraremos ancoragem para o atravessamento interno que o sujeito sofre do objeto. Nela encontraremos a convergência de muitos elementos, tais como o ego ideal, o superego, as libidos de objeto e narcísica, os objetos de identificação, a onipotência etc. Neste ponto, faremos também algumas considerações acerca da psicose, em continuidade com o que será discutido no capítulo II sobre o assunto.

Também espero que fique claro ao leitor que a boa compreensão da dinâmica entre os elementos da estrutura do ego demanda noções econômicas, como as de intensidades, investimentos e “proximidades”. Com a segunda teoria das pulsões, a dimensão econômica traz novas complexidades para a relação sujeito-objeto, com a questão das fusões e desfusões entre as pulsões de morte de Eros (mais comumente expressa em termos de amor-ódio entre as figuras totais de objeto e sujeito), e também com a questão da sublimação, como veremos. Ela também se mostra fundamental na compreensão da segunda tópica, na qual se deve considerar não apenas os compromissos e tensões entre as instâncias, mas também as transformações das pulsões que podem ocorrer entre aquelas.

Por fim, com a segunda tópica é possível discriminar melhor as características da constituição do ego, e o papel do objeto nisto. Espero poder evidenciar que a experiência de *identidade* não é um atributo ou qualidade do ego, mas sim resultado da ligação deste com aquilo que Freud chamou de sistema Pcpt.-Cs. Este “sistema” é a sede em que se localiza aquela experiência auto-reflexiva sedimentada no sujeito, o *si* de que falava há pouco, que atribuí uma qualidade específica à consciência oferecendo-lhe um *lugar*. Entretanto, aqui também nos deparamos com um campo permeável a elementos do sujeito e do objeto, que neste momento arcaico de constituição do psiquismo não podem



ser diferenciados. Assim, o conceito de *ambivalência* ganha em envergadura ao se incorporar à consciência e percepção. Ao longo da vida do sujeito, este *si* geralmente coincidirá com o ego, e será somente numa experiência *estranha* que ele poderá dar-se conta daquilo que estou chamando de *descentramento subjetivo*.

Na discussão sobre a constituição subjetiva do ego e de seus objetos, o leitor não deve esperar por qualquer conceito alternativo à dicotomia sujeito-objeto, um que fosse *mais* verdadeiro do que as noções de sujeito e objeto em si próprias – tampouco encontrará qualquer sugestão de que devêssemos abandonar este paradigma de separação entre sujeito e objeto por outro de indistinção entre estes. Principalmente, isso não tem nada a ver com um certo rumo possível das idéias, de que este nível de indiferenciação significaria a superação da alteridade, ou a abolição dos conflitos. Como então pensar uma experiência de indiferenciação entre sujeito-objeto sem anular a possibilidade de conflito, ou alteridade? Penso que é preciso dar um passo além da decisão de pura exterioridade ou pura indiferenciação entre sujeito e objeto, pois para o que nos interessa pensar aqui, um certo nível de indistinção nunca prescinde da existência de outro nível de polaridades bem definidas. Parece-me, seguindo uma sugestão de Nelson Coelho Junior, mais profícuo pensarmos em termos de dois níveis simultâneos de constituição subjetiva, um de diferenciação e outro de indiferenciação, que se exigem<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> Cf. COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Intersubjetividade: Conceito e Experiência em Psicanálise. *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, vol. 14, n.1, 2002.

## CAPÍTULO I - Notas sobre O “Estranho”

---

Tampouco isto se limita aos casos em que a língua é uma língua estrangeira, mas também na própria língua e, note-se, inteiramente independente dos diversos dialetos nos quais ela eventualmente se decompõe, ou de particularidades que se encontram em um e não em outro, existe para cada um o estranho nos pensamentos e expressões de um outro, e isto nas duas exposições, a oral e a escrita.<sup>21</sup>

Ao propor-se a falar sobre o *estranho*, Freud<sup>22</sup> começa por sua vinculação ao tema da estética, desde que compreendida, logo avisa aos leitores, enquanto uma “teoria das qualidades do sentir”. Destaca então o estranho dos demais ramos da estética, pela particularidade de evocar certas impressões não muito apreciadas pela literatura especializada, geralmente mais preocupada com o belo, com o sublime ou com outras experiências cujo sentimento é de natureza positiva. Chega a dizer até que o estranho, enquanto tema específico, foi “negligenciado”, e isto já dá uma conotação de um certo tipo de atitude familiar à psicanálise. Isto já causa um certo sentimento, em nós leitores, de que há algo suspeito, algo está fora do lugar onde deveria estar. Com isto, define também aquilo sobre o que se detém o tipo de atenção característica da psicanálise: uma falha, uma negligência, um ponto obscuro, pois que outros ramos da experiência estética, enquanto impulsos emocionais dominados, pouco interessam ao analista, que “opera em outras camadas da vida mental”.

---

<sup>21</sup> SCHLEIERMACHER, F. *Hermenêutica: Arte e Técnica da Interpretação* ([1929] 1999). Petrópolis: Ed. Vozes. p. 33.

<sup>22</sup> FREUD, Sigmund. O Estranho (1919). In: *Obras Completas*. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996f.

Num parágrafo seguinte, Freud fala a respeito de si mesmo, em terceira pessoa: “*Há muito tempo que não experimenta ou sabe de algo que lhe tenha dado uma impressão estranha, e deve começar por transpor-se para esse estado de sensibilidade, despertando em si a possibilidade de experimentá-lo.*”<sup>23</sup> Entendo aqui um convite shakespeariano ao leitor que, além de capturar sua atenção na direção desejada, já insinua que se trata de algo que tende a ser negligenciado também na experiência banal de cada um dos leitores e de si próprio, caso não nos detenhamos com uma certa atitude apropriada! Relativiza assim a culpa dos estudiosos da arte, trazendo sua falha para uma dimensão mais banal e universal da experiência.

Poderíamos também logo aqui fazer a associação com um tema mais contemporâneo, ligando o sentimento do estranho à experiência de alteridade de um *outro* que não se deixa assimilar facilmente. Mas ainda é muito cedo, deixemos isso de lado, por ora. Freud, não obstante, anuncia de antemão o resultado de sua pesquisa: o estranho é a dimensão do assustador que remete ao que é familiar, conhecido. Abordarei mais tarde também isto que se coloca como uma dupla via.

Freud passa a uma incursão filológica da palavra *unheimlich*. Ainda que o oposto de *heimlich* (familiar), o estranho não equivale a tudo o que não seja familiar; é preciso ainda alguma outra característica, dentro de tudo o que é novo e não familiar, para que algo se constitua como *estranho*. Na tradução de algumas línguas, encontramos os sentidos de *estrangeiro, hora ou lugar estranho, inquietante, desconfortável, sombrio, obscuro, assombrado, repulsivo, sinistro, suspeito, lúgubre, demoníaco*.

Num exame mais detido da palavra *heimlich* nos dicionários de alemão, encontram-se duas direções de sentido: I) familiar, pertencente à casa, íntimo, doméstico etc. e II)

---

<sup>23</sup> FREUD, Sigmund. O Estranho (1919), 1996f, p. 238.

escondido, oculto da vista, secreto etc. O composto *unheimlich* é mais comumente utilizado na acepção que corresponde ao oposto do grupo I do termo *heimlich*, significando então “estranho”, “não familiar” etc. Mas pode também ter um outro sentido: “nome de tudo que deveria ter permanecido [...] secreto e oculto mas veio à luz” (Schelling, citado por Freud)<sup>24</sup>. Freud resgata assim um sentido de *unheimlich* que nos lembra nada menos que a própria lógica do recalcado, e isto será fundamental para sua argumentação sobre as origens do sentimento do estranho. Há também um fator de ambigüidade nos dois conjuntos de idéias, I e II, relacionados à palavra *heimlich*, não exatamente opostos, mas numa disposição o suficiente para que seja possível encontrar como significando a mesma coisa *unheimlich* (enquanto quer expressar a idéia de *estranho*, *desconfortável*, *não familiar*, *inquietante etc.*, ou seja, o oposto do grupo I) e *heimlich* (enquanto quer expressar a idéia de algo secreto, oculto, ou seja, o sentido do grupo II). Freud cita Gutzkow, num exemplo desta ambigüidade etimológica: “*Oh, nós chamamos a isso ‘unheimlich’; vocês o chamam ‘heimlich’.* Bem, o que faz você pensar que há algo secreto e suspeito acerca dessa família?”<sup>25</sup>. Dessa peculiar conexão entre os dois sentidos encontrados, há a esclarecedora definição de um outro dicionário (Grimm) trazido por Freud: “*Da idéia de ‘familiar’, ‘pertencente à casa’, desenvolve-se outra idéia de algo afastado dos olhos de estranhos, algo escondido, secreto; e essa idéia expande-se de muitos modos [...]*”<sup>26</sup>. Além da aproximação da lógica do recalque, esta ambigüidade acerca do termo *heimlich* é outro fator fundamental na argumentação de Freud, que permitirá operar diversos elementos referentes ao sentimento do estranho, como mostrarei mais adiante. Podemos ainda acrescentar aos exemplos de Freud um outro termo que comporta em si tal ambigüidade de sentidos:

---

<sup>24</sup> FREUD, Sigmund. O Estranho (1919), 1996f, p. 242.

<sup>25</sup> Idem, ibidem, p. 241.

<sup>26</sup> Idem, ibidem, p. 243.

curiosamente, em espanhol, *extrañar* significa “sentir saudades” – remete a algo familiar que não está mais presente. Em português, ainda, *estranhar* é comumente utilizado para a situação em que o cão não reconhece seu dono ou alguém conhecido, ou seja, uma situação que deveria lhe ser *familiar*. Enfim, e com isto termina a pesquisa etimológica, Freud aponta que o *estranho*, *unheimlich* é de alguma forma uma ‘subespécie’ de *heimlich*, *do familiar*, mas que é também *o oculto*, *o secreto*.

Passa então a resgatar as situações, pensamentos, impressões, eventos ou coisas que causam este tipo de sensação do estranho. Cita como primeiro exemplo um que retirou de um artigo médico-psicológico de 1906, de um autor chamado Jentsch: “[...] dúvidas quanto a saber se um ser aparentemente animado está realmente vivo; ou, de modo inverso, se um objeto sem vida não pode ser na verdade animado.”<sup>27</sup> Por exemplo, referia-se à estranheza de observar os quase vivos bonecos de cera, ou autômatos engenhosamente construídos; ou ainda a estranha impressão de se observar processos mecânicos e automáticos, despertada pela visão de um ataque epiléptico ou numa manifestação de insanidade.

Na literatura, trata-se de um recurso utilizado para causar o *estranho*, criar no leitor a incerteza de se uma determinada personagem é um ser humano ou um autômato, prendendo aí sua atenção, sem resolver a questão.

Freud nos dá então um longo exemplo literário de Hoffmann, que não retomarei aqui<sup>28</sup>. Apenas apontarei que Freud relaciona a figura do *estranho* com determinada interpretação que faz, na qual compreende o temor da perda ou ferimento dos olhos

---

<sup>27</sup> FREUD, Sigmund. O Estranho. (1919), 1996f, p. 244.

<sup>28</sup> Para quem se interessar, pode ser encontrado em uma edição recente, na coletânea compilada por Ítalo Calvino, *Contos Fantásticos do Séc. XIX*, Companhia das Letras, São Paulo, 2004.

como um substituto do temor de ser castrado. Assim, teríamos um *fator infantil* por detrás do sentimento de estranheza. A aproximação de um boneco a um ser animado, por sua vez, remete também às atividades infantis, pois trata-se de brincadeira das mais preferidas das crianças tomar seus bonecos como se fossem vivos (guardemos este fator, ainda que seja claro que a criança não experimente tal sentimento *sempre* que brinca com bonecos). A clareza destes dois exemplos fica prejudicada sem toda a história que os acompanha, mas veremos aos poucos como se dá esta conexão do estranho com fatores infantis.

Há um outro recurso amplamente utilizado na literatura e no cinema, que tem por objetivo causar este tipo de sensação do *estranho* no leitor ou espectador. Este fica à deriva quando não pode saber se seu solo é o mundo real ou um ‘mundo puramente fantástico’; mais especificamente, o efeito do *estranho* acentua-se se percebemos o fantástico quando tínhamos a segurança de que se tratava do mundo real, ou o inverso disso, quando naquilo tudo que sabíamos ser apenas fantasia encontramos algo que remete irreversivelmente para o mundo real. Para quem assistiu a trilogia Matrix, há um excelente exemplo deste ponto específico do sentimento do estranho. No filme, uma vez despertado para o mundo real, compreende-se que é possível subverter as ‘leis de realidade’ do mundo virtual onde a humanidade está enredada, e isto se torna uma questão fundamental na luta contra o mundo das máquinas. Paralelamente às suas incursões na *matrix*, à medida que se esforçam para conseguir combater os programas neste mundo virtual, há também uma luta no mundo real, onde pessoas de carne sobrevivem resistindo ao domínio das máquinas. No final do segundo filme, já habituados então a esta trama, vem uma cena que nos arranca do conforto da familiaridade. As personagens principais estão prestes a ser mortas no mundo real, pois máquinas sentinelas descobrem seu refúgio e os obrigam a fugir correndo, a pé, por um túnel onde não há

saída. Súbito, nosso herói Neo percebe algo: vira-se para as máquinas e, com um simples gesto de suas mãos, as pára no ar, tal como faria no mundo virtual, caindo então ele próprio inconsciente no chão. Quer dizer, isto *não era para acontecer*, há uma subversão das regras da realidade no mundo real, quando isto só era esperado no mundo virtual. O filme acaba exatamente aí, sem quaisquer explicações, deixando no ar uma sensação inquietante, *algo estranho acabara de acontecer*.

Numa outra novela de Hoffmann citada por Freud<sup>29</sup>, um outro elemento muito expressivo do estranho perpassa diversos elementos da história – o fenômeno do ‘duplo’. Cito então um parágrafo de Freud que considero dos mais significativos do texto:

Assim, temos personagens que devem ser considerados idênticos porque parecem semelhantes, iguais. Essa relação é acentuada por processos mentais que saltam de um para outro desses personagens – pelo que chamaríamos telepatia –, de modo que um possui conhecimento, sentimento e experiência em comum com o outro. Ou [essa relação] é marcada pelo fato de que o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu eu (*self*), ou substitui o seu próprio eu (*self*) por um estranho. Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu (*self*). E, finalmente, há o retorno constante da mesma coisa – a repetição dos mesmos aspectos, ou características, ou vicissitudes, dos mesmos crimes, ou até dos mesmos nomes, através das diversas gerações que se sucedem.<sup>30</sup>

Seguindo Otto Rank, Freud levanta uma série de possíveis motivações para a emergência da dimensão do ‘duplo’: visando proteger-se da morte, o ego, via projeções e identificações, liga-se a sombras, espelhos, espíritos guardiões, crença na alma imortal etc. No entanto, conforme o ego alcança estádios mais complexos de desenvolvimento dos próprios contornos (indo além do narcisismo primário), este mecanismo torna-se uma armadilha. O duplo perde seu propósito original de proteção e torna-se persecutório,

<sup>29</sup> FREUD, Sigmund. O Estranho. (1919), 1996f.

<sup>30</sup> Idem. Ibidem, p. 252. (grifo meu).

criando então figuras demoníacas e aterradoras, anunciando justamente aquilo de que se procurava escapar.<sup>31</sup> A chave é que se trata de uma regressão a um “[...] período em que o ego não se distinguira ainda nitidamente do mundo externo e de outras pessoas. Acredito que esses fatores são em parte responsáveis pela impressão de estranheza, embora não seja fácil isolar e determinar exatamente a sua participação nisso.”<sup>32</sup> Veremos mais adiante, com Freud, que, na experiência do estranho, podemos encontrar sempre um modo de funcionamento psíquico primitivo que foi resgatado, ou um elemento de retorno do que foi recalcado, ainda que estas não sejam em si condições suficientes. Penso que o fator comum à impressão do estranho, que conjuga situações de caráter regressivo e infantil, diz respeito àquilo que possibilita certa experiência de *descentramento subjetivo*. Esta idéia, central para a argumentação que nos interessa, será retomada mais detidamente ao longo deste trabalho.

O tema do ‘duplo’ é peculiarmente interessante para ilustrar o que seria a contraparte do puro estranho em mim, do encontro com a alteridade quando se esperava estar situado no terreno do que é familiar – trata-se aqui de *ver-se a si próprio fora do âmbito do próprio*. É crucial ressaltar que isto não pode ser reduzido à questão da projeção; implica, para além disso, a situação de um arrebatamento, de obrigação de uma resposta<sup>33</sup>, de um reconhecimento que expõe nossa condição completamente passiva diante da situação. Somos assim como que tomados, a despeito de nossa vontade. Esse objeto estranho, o ‘duplo’, nos causa esse descentramento subjetivo de mesma ordem do que é causado quando reconhecemos a alteridade radical do *outro* presente em nós mesmos –

---

<sup>31</sup> É claro que há muitas outras questões acerca das figuras terríficas da infância, que implicam o conflito edípico, as imagos parentais e todo o jogo de identificações em pauta aí, e assim por diante. Mas lembremo-nos de que o que importa aqui é o *estranho*, que é apenas uma das dimensões de tudo o que é terrível, assustador etc.

<sup>32</sup> FREUD, Sigmund. O Estranho. (1919), 1996f, p. 254.

<sup>33</sup> Fazendo um paralelo com a hermenêutica, remeto à interessante idéia colocada por Luís Claudio Figueiredo, da interpretação enquanto *resposta e realização de sentido*, em oposição ao dualismo das concepções de interpretação como mera reprodução ou como pura criação. *A Fabricação do Estranho: Notas sobre uma Hermenêutica “Negativa” Boletim de Novidades – Pulsional* (Centro de Psicanálise), 1994.



com a diferença de que aqui se trata da via da familiaridade. Em outras palavras, além da questão da alteridade, do estrangeiro que sou obrigado a reconhecer em mim, há o descentramento que se dá nos meandros da familiaridade – também sou obrigado a me reconhecer no terreno que pertence ao outro. Desta forma, chegamos à interessante conclusão de que a experiência do estranho acontece por uma ‘dupla via’: *familiaridade e alteridade*. Tal como acontece com *heimlich* e *unheimlich*, *alteridade e familiaridade* são conceitos que, levados cada um a seus limites, desembocam numa dimensão paradoxal de colapso em seu oposto<sup>34</sup>. Seguindo direções opostas, atingem o mesmo alvo, qual seja, esgarçar até os limites os contornos de propriedade do eu (*self*) e do outro pelos caminhos da subjetividade. É preciso ainda a ressalva de que estes não são opostos simples – não é que um seja o negativo do outro (numa lógica antitética), mas constituem uma relação *não-identitária*<sup>35</sup>, ou uma *dialética sem síntese*<sup>36</sup>.

Mas voltemos ainda àquele surpreendente parágrafo citado um pouco antes. Freud coroa a questão mencionando a problemática da repetição (no ano seguinte publica *Além do Princípio do Prazer*<sup>37</sup>), e assim retornamos à outra via: a do estranhamento da *alteridade* encontrada no cerne de nosso ser. O caráter implacável da repetição, que põe em xeque a soberania no domínio do *próprio*, nos remete novamente ao exemplo de Jentsch, da estranha impressão causada por processos mecânicos e automáticos quando encontrados

<sup>34</sup> Hillis Miller, em seu texto *O crítico como Hospedeiro*, dá outro exemplo similar de ambigüidade etimológica entre os termos *parasita* e *hospedeiro*, ao fazer uma leitura desconstrutivista sobre a utilização de notas nos textos de crítica literária. *A Ética da Leitura* (1990). Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1995.

<sup>35</sup> “A tarefa desta *lógica não-identitária* (como é o caso da *lógica da suplementaridade*) é a de entrelaçar os fenômenos/‘teses’ com suas *condições de possibilidade* que são ao mesmo tempo a sua *condição de impossibilidade* e que, nesta medida, são sempre um outro irredutível em relação às ‘teses’.” FIGUEIREDO, L.C. *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Ed. Escuta, 1999, p. 21.

<sup>36</sup> “O que se deve aqui apontar é que dialética sem síntese de que falamos não é o ceticismo, o relativismo vulgar ou reino do inefável. [...] Em outros termos, o que excluímos da dialética é a idéia do negativo puro, o que procuramos é uma definição dialética do ser, que não pode ser nem o ser para si nem o ser em si – definições rápidas, frágeis e lábeis [...]” Merleau-Ponty, M. 1964, citado por COELHO JUNIOR, N.E. *Noção de objeto, concepção de sujeito: Freud, Piaget e Boesch*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 24.

<sup>37</sup> FREUD, Sigmund. *Além do Princípio de Prazer*. (1920). In: *Obras Completas*. Vol.XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996a.

no âmbito do que é vivo. Só que aqui, além de ataques epilépticos e “manifestações da insanidade”, trata-se mais especificamente da compulsão à repetição, dos sintomas – e, por que não dizer, de toda a dimensão econômica da psicanálise. Aliás, um percurso interessante poderia ser o de realizar a correlação entre o eixo *alteridade-familiaridade*, neste contexto, e o eixo formado pelas dimensões econômica e tópica da psicanálise (considerando-se, nesta última, principalmente a problemática da identificação na formação das instâncias psíquicas). Nos dois capítulos seguintes, teremos a oportunidade de observar mais especificamente as questões que se colocam nos meandros econômico e tópico da discussão.

Freud<sup>38</sup> aponta que o que nos remeta a esta “íntima ‘compulsão à repetição’ é percebido como estranho”. A repetição involuntária cria uma certa aura de estranhamento em torno de eventos que, tomados individualmente, passariam despercebidos. Isto está amplamente difundido no cotidiano popular, por idéias que, de diferentes maneiras, fazem referência a uma situação fatídica, como p.e. a de predestinação. Está presente também de certa forma na atitude supersticiosa, como quando se diz que ‘é muita coincidência para ser mero acaso’, ou na famosa ‘lei de murphy’. Além disso, todas essas situações devem ser pensadas em conjunto com o fator do caráter regressivo descrito acima, pois não obstante pertencendo à vida real, tais situações reavivam nosso pensamento mágico quando, de alguma forma, se vinculam e confirmam nossas fantasias.<sup>39</sup>

Neste ponto, creio ser apropriado comentar algo estranho que me aconteceu durante a leitura do texto de Freud sobre o estranho. Estivera lendo, logo antes deste

---

<sup>38</sup> FREUD, Sigmund. O Estranho [1919], 1996f.

<sup>39</sup> Isto nos remete a Winnicott, quando pensamos neste fator latente que não é reprimido, mas está ali, ‘num canto’ da vida psíquica.

texto, um pequeno livro de Schleiermacher no qual me chamara a atenção a utilização do termo *estranho*<sup>40</sup>. Considerado dentro do pensamento romântico, o autor coloca-se criticamente em oposição a uma tradição iluminista: há que se fazer a suspensão da atitude natural que crê na possibilidade de o entendimento ser plenamente assegurado pela razão. “A compreensibilidade era antigamente o primário ou inato, a não-compreensão, por assim dizer, a exceção, [...] Schleiermacher põe esta perspectiva ‘ingênuo’, provinciana, de cabeça para baixo e pressupõe o mal-entendido (o equívoco) como realidade básica.”<sup>41</sup> Schleiermacher, dentro da história da hermenêutica, dá um passo na aproximação ao que é estranho, numa relação de não controle, de algo que é arredio, que faz resistência, algo que ‘renega-se’. Além do trecho no início do texto<sup>42</sup>, vale a pena a seguinte citação:

Mesmo no conhecido, é de fato o estranho que a nós se manifesta na língua, quando uma ligação de palavras renega-se a tornar-se clara; é o estranho que se manifesta na produção do pensamento, mesmo quando ele é muito análogo ao nosso, quando o encadeamento entre as partes isoladas de uma série ou a extensão destes renega-se a se fixar e nós, inseguros, vacilamos; [...] <sup>43</sup>

É inevitável a aproximação destas idéias com aquelas com que estamos nos deparando por aqui, e então durante a leitura fiz uma nota mental para talvez utilizar estes trechos de Schleiermacher quando fosse escrever sobre o *estranho*. Pois bem – no texto de Freud, há aquela citação de Schelling, por sua definição de *unheimlich*: “[...] é o nome de tudo que deveria ter permanecido [...] secreto e oculto mas veio à luz”<sup>44</sup>. Esta é uma citação especial para

---

<sup>40</sup> Esta é a palavra escolhida em português pelo tradutor da edição brasileira; no original em alemão o autor não utiliza nenhuma derivação de *unheimlich*, mas sim de seu sinônimo *fremd*, que significa: hóspede, estrangeiro, forasteiro, desacostumado, exótico, incógnito, ignoto. Cf. MICHAELIS. Deutsch. Portugiesisches Wörterbuch. New York: Frederick Ungar Publishing Co., 1987

<sup>41</sup> GRONDIN, J. *Introdução à Hermenêutica Filosófica*. [1991] . Rio Grande do Sul: Unisinos, 1998, p. 127.

<sup>42</sup> Ver nota 21.

<sup>43</sup> SCHLEIERMACHER, F. *Hermenêutica: Arte e Técnica da Interpretação* [1929]. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999, p. 45.

<sup>44</sup> FREUD, Sigmund. *O Estranho*. (1919), 1996f, p. 242.

Freud porque, diferentemente da grande maioria, explica o termo *unheimlich* pelo oposto da segunda e menos comum acepção do termo *heimlich* (secreto, escondido), além de ter certa proximidade com a lógica do reprimido, o que depois Freud utilizará como corroboração de sua hipótese. Num segundo momento em que Schelling é citado<sup>45</sup>, vi então, para minha surpresa, esta nota de J. Strachey, que diz o seguinte: [Apenas na versão original do artigo (1919), imprimiu-se aqui o nome ‘Schleiermacher’, evidentemente por engano.]!

Antes de prosseguir com o texto, comentarei brevemente um outro exemplo de uma produção do cinema, por apresentar diversos desses elementos discutidos até aqui. O filme tem o título em inglês “Ghost in the Shell” e é um ‘anime’ (desenho animado japonês), tendo sido apresentado na Mostra Internacional de Cinema de 1995, em São Paulo. Há uma trama em torno de um terrorista virtual, apelidado “*the Puppet Master*”, de identidade desconhecida, que comete uma série de crimes através de um *modus operandi* bem específico – “ghost hacking”, adentrando e adquirindo certo controle sobre mentes humanas. Isto só é possível porque, nessa sociedade futurista, as pessoas possuem implantes cibernéticos que atingem desde membros e tecidos superficiais até órgãos e sistema nervoso. Há uma cena em que um motorista de caminhão de lixo vai, a cada parada, realizando ligações pelas quais completa, por telefones públicos, um programa de computador que um amigo lhe deu, sem desconfiar que agia como parte do esquema do *Puppet Master*. Ele é apanhado pela polícia, fica muito confuso com tudo aquilo, não compreende o que se passa. Quando então tenta dialogar, sendo confrontado com uma série de perguntas, percebe, para seu espanto, que não consegue pensar em nada que diga respeito à sua vida particular, nem a seu passado, nem seus gostos – exceção feita à

---

<sup>45</sup> Idem. Ibidem. (1919), 1996f, p. 244.

imagem de uma esposa, uma filha e uma casa, que descobre serem imagens fictícias: era na verdade solteiro e morava em um apartamento no subúrbio (fatos dos quais não se lembrava, absolutamente). Conforme vai se dando conta do que aconteceu, é tomado (juntamente com o espectador) por um forte sentimento do *estranho*, um desamparo, que pode ser então compreendido na perda irremediável da referência de realidade, assim como da própria identidade.

Outra personagem fundamental na história é a major Kusanagi, cujo corpo fora praticamente todo remodelado com tecnologia cibernética, permanecendo intacto apenas o cérebro. Ela é uma agente de campo que está permanentemente questionando sua própria humanidade – e, de maneira recíproca, o que de fato poderia ser entendido como realidade, uma vez que mesmo sentimentos e memórias artificiais não podiam ser distinguidos daqueles vividos concretamente. Numa das cenas mais belas do filme, o estranho faz-se presente de forma singular, quando a major passa por um canal que recorta um quarteirão cheio de edifícios. Não há diálogos aqui; apenas uma música de fundo, e uma longa sucessão de imagens que a personagem observa. Eis que, por uma janela, observa um ‘duplo’ seu, diferente apenas nas roupas, em pé, olhando em sua direção. A cena termina, nada é comentado – resta apenas o sentimento do *estranho*.

Enfim, esta major Kusanagi, encarregada de perseguir o *Puppet Master*, acaba por descobrir que este era um programa de inteligência artificial, chamado projeto 2501, que adquirira consciência de si próprio e fugira do controle da organização que o criara. Além disso, alguns eventos estranhos de intercâmbio e contato por pensamento revelam aos poucos que há algum tipo de conexão entre o programa autoconsciente e a própria major. Ao final, este *Puppet Master* revela à major sua intenção de fundir-se a uma outra consciência, com o objetivo de evoluir, para que assim continuasse sua vida num nível

acima da mera reprodução exata no mundo virtual. Cética a princípio, ela acaba aceitando, pois já não pode negar o fascínio por tais idéias. Aqui, quando já fusionados, o *estranho* apresenta-se no epílogo da história, num encontro da major com seu antigo parceiro, numa situação em que, durante alguns momentos, ficamos na expectativa do que irá se apresentar ali, naquela figura familiar e, não obstante, estranha<sup>46</sup>.

Podemos reconhecer nesta história os diversos elementos que ora despontam para a discussão do *estranho*, além de ser possível postularmos também um elemento narrativo responsável pela *vivência* do estranho pelo espectador, para além da mera comunicação ou entendimento intelectual de seus elementos fora de um contexto de experiência. Isto é, em parte, o fator que Freud apontará como normalmente diferencial entre o estranho na vida real e o estranho na realidade poética.

O ponto é que somos levados a duvidar de nossos próprios olhos e, segundo Freud, esta dúvida aponta para algo primitivo do psiquismo que, não obstante, permanece durante toda a vida, mas que é geralmente deixado de lado, até que aconteça algo que o reative.

Freud fecha essa parte da exposição, vinculando com a teoria psicanalítica o que dissera até este ponto. De acordo com a sua teoria da angústia de então, toda ansiedade é derivada de um afeto reprimido; ora, de todas as experiências aterrorizantes, assustadoras, pode-se esperar que haja um subgrupo no qual o elemento amedrontador é justamente

---

<sup>46</sup> Sobre o sentimento do estranho em torno dos autômatos que parecem ‘possuir vida’, vale a pena citar um trecho do filme *Ghost in the shell 2: Innocence* [*Inosensu: Kôkaku kidôtai*] (2004), do mesmo diretor: “A dúvida de se o que parece vivo está realmente vivo... Contrariamente, a dúvida de que coisas sem vida estejam vivas... A única razão pela qual bonecas são assustadoras é que bonecas são modelos de humanos, e isso significa que elas não são nada, mas são humanas por elas mesmas. O medo de que humanos possam ser meramente a soma de simples truques de mecânica e de substâncias... em outras palavras, o medo do fenômeno chamado ‘humano’ essencialmente pertencer à vacuidade.” (65’43”). “A ciência que tentou explicar o fenômeno chamado ‘vida’ teve seu papel em produzir esse medo. A crença de que a natureza pode ser calculada leva à conclusão de que humanos podem ser reduzidos a um simples maquinário.” (66’24”).

causado por *algo reprimido que retorna* – este é o subgrupo, justamente, responsável pelo sentimento do *estranho*. Isto explicaria porque uma equação do tipo “estranho” = “não-familiar, inquietante, sinistro, lúgubre, suspeito etc.” não funciona, pois nem toda experiência deste segundo termo pode ser *estranha*, mas tão somente aquelas que cumprirem esta outra condição, de ser da ordem do retorno do que foi já, alguma vez, vivenciado e reprimido. Se esta teoria está correta, então se compreende também porque o termo *unheimlich* chega a imbricar-se em *heimlich*, pois que este *estranho* não é algo novo, simplesmente, mas remonta a algo familiar e há muito já conhecido. O prefixo *un* é, para Freud, o sinal da repressão, e de fato trata-se sempre de algo familiar. Desta forma, acredito ter subsídios para propor o seguinte: etimologicamente falando, o sentimento do estranho é atingido quando os dois grupos de sentidos do termo *heimlich*, “familiar, conhecido etc.” e “oculto, secreto, suspeito etc.” estão presentes simultaneamente numa mesma experiência vivida pelo eu (*self*), criando assim uma peculiar situação paradoxal cujo resultado é um movimento de *descentramento subjetivo*. Retornaremos a isto mais à frente.

Cabe aqui um parêntese em relação ao tema da *castração*, talvez subestimado por Freud nessa discussão. Ainda que só em 1927 vá escrever especificamente sobre o *fetichismo*, essa idéia já estava presente nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905)<sup>47</sup> e em *Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci* (1910)<sup>48</sup>. Especificamente em relação ao fetiche, podemos vincular o sentimento do *estranho* com aquelas situações de encontrar algo que *não deveria ali estar*, ou seu inverso, *de não encontrar algo que lá deveria estar*. “O

<sup>47</sup> FREUD, Sigmund. Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. (1905). In: *Obras Completas*. Vol.VII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996q.

<sup>48</sup> Idem. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. (1910). In: *Obras Completas*. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996k.

*significado do fetiche não é conhecido por outras pessoas [poderíamos dizer: unheimlich – oculto da vista (das outras pessoas)], de modo que não é retirado do feticheista.”*<sup>49</sup> “É facilmente acessível”: a visibilidade do objeto fetiche encobre a falta do objeto original, o pênis feminino. Algo permanece no lugar do pênis, atraindo para si toda a atenção e mérito que este possuía. Esse interesse “sofre também um aumento extraordinário”, cria-se um “monumento a si próprio” (diga-se, narcísico), pois agora está fora do alcance da lei de castração. O fetichismo é interessante para esta discussão na medida em que evidencia uma dinâmica muito afim às questões que temos discutido até aqui – um interjogo de *ambivalências* e *asserções opostas*, de reconhecimento e recusa. Neste texto, o próprio Freud faz uma breve mas inequívoca aproximação: “*Como nesse último caso [interrupção da memória na amnésia traumática], o interesse do indivíduo se interrompe a meio caminho, por assim dizer; é como se a última impressão antes do estranho e traumático fosse retirada como fetiche.*”<sup>50</sup>. Na tradução em espanhol da Amorrortu Editores (vol. XXI, p. 150), o termo em alemão está mantido entre chaves, {unheimlich}, ao lado da palavra em espanhol, “*ominosa*”. Na edição alemã, p. 314, no vol. XIV das Gesammelte Werke, há exatamente o termo “unheimlichen”.

O estranho, o *unheimlich*, que se põe aqui diante desta cena do genital feminino, vem de acordo com o que vimos até agora – confirma algo familiar, já sabido, que é a própria ameaça da castração que acompanha a lei da interdição. Provavelmente, numa situação hipotética em que a criança não soubesse nada desta última, a simples visão da

---

<sup>49</sup> Idem. Fetichismo (1927). In: *Obras Completas*. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996g, p. 157.

<sup>50</sup> FREUD, Sigmund. Fetichismo (1927), 1996g, p. 157, grifos meus. No texto do Fetichismo, Freud nota que poderíamos esperar que os objetos ou órgãos que são escolhidos como fetiche aparecessem como símbolos do falo sob outros aspectos, ou seja, como símbolos tais como os que se formam nos sonhos ou sintomas – entretanto isto não ocorre assim. A questão é deixada sem resposta, mas poderíamos arriscar o seguinte: um símbolo que simplesmente tomasse o lugar do pênis perderia essa montagem de vinculação com a mulher no seu todo (uma montagem fálica), que o pênis feminino mantém. Ele é uma *parte*, uma parte da mulher. *Essa condição ‘de ser parte’ somente se mantém pelo deslocamento para uma outra parte, que assim preserva o estatuto fálico feminino original.* A explicação de Freud, do olhar contingencial que antecede a visão traumática, parece-me um fator secundário, que não explicita o fato de se tratar sempre de um deslocamento metonímico.



ausência do pênis não seria suficiente para o “estranho e traumático”, nem para a formação do fetiche.<sup>51</sup> Também podemos supor que há aqui um efeito de descentramento subjetivo (no caso, aquele que é acompanhado de angústia) em conformidade com esta “divisão do ego”, tal como denominada por Freud. “*Todo esse processo [de divisão do ego] nos parece tão estranho porque tomamos por certa a natureza sintética dos processos do ego.*”<sup>52</sup> Aqui, aproximamo-nos novamente do unheimlich, do descentramento subjetivo.

Assim, nas situações de familiaridade e alteridade, temos as duas correntes na vida mental: uma *reconhecendo*, outra *rejeitando* (unheimlich, algo é rejeitado como estranho, mas só porque remete a algo familiar). Há uma coabitação na construção do fetiche: da mesma forma que acontece com heimlich e unheimlich, aqui também se verifica a necessidade de remetimento mútuo entre *afirmação* e *recusa*, mesclados em proporções variáveis.

Como bem explicou Freud no texto do fetiche, não se trata propriamente de uma “escotomização” (mais próxima da idéia de extirpação) da percepção da falta, mas de uma *rejeição* (ou *recusa*): há que se fazer alguma aproximação aqui com a medicina – algo que foi colocado dentro, que se esperava ser (tornar-se) familiar ao organismo, não obstante é recusado por este. Ainda que a recusa ou rejeição tenham em seu horizonte a escotomização, o fato é que nela aquilo que é recusado ou rejeitado *está presente*, é, afinal, algo familiar que está causando o incômodo.

Após estas considerações, pode ser que já se tenha suscitado a seguinte questão: por que simplesmente não escotomizamos o ‘saber’? Por que sempre há margem para o retorno (seja do recalcado, seja do real)? Devemos supor que talvez a crença pura não

---

<sup>51</sup> Cf. FREUD, Sigmund. A divisão do ego no processo de defesa ([1938] 1940). In: *Obras Completas*. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996c.

<sup>52</sup> FREUD, Sigmund. A divisão do ego no processo de defesa ([1938] 1940). 1996c, p. 293.

subsistisse (em outras palavras, a rigor, talvez não seja possível uma *rejeição irreversível* do saber, da realidade). Daí teríamos que: ou o psiquismo possui uma orientação constitutiva em direção à realidade (o que estaria mais de acordo com uma psicologia do desenvolvimento), ou apenas que esta via de recusa é uma via necessária na experiência constitutiva do psiquismo, *mas que nunca pode ser levada à radicalidade da escotomização*. A realidade pode ser recalcada, negada, deformada, recusada, desinvestida em seu valor etc. – *mas sempre haverá mantida alguma relação*. A parte que *responde* à realidade não é “escotomizada”, ou seja, é mantida “a salvo”, dessa forma. Há que se pensar a diferença entre psicose e neurose, nesse sentido. Se de fato é assim, nem na psicose há uma perda irreversível da realidade, pois que o psicótico oscilaria entre os extremos violentos de um alto grau de recusa da realidade para outro de aniquilação da subjetividade, em que esta é devassada pela presença da realidade. No Capítulo VIII do *Esboço de Psicanálise*<sup>53</sup>, Freud escreve:

O problema das psicoses seria simples e claro se o desligamento do ego em relação à realidade pudesse ser levado a cabo completamente. Mas isso parece só acontecer raramente ou, talvez, nunca.<sup>54</sup>

Seja o que for que o ego faça em seus esforços de defesa, procure ele negar uma parte do mundo externo real ou busque rejeitar uma exigência instintiva oriunda do mundo interno, o seu sucesso nunca é completo e irrestrito.<sup>55</sup>

E ainda:

Isto harmoniza-se muito bem com o que aprendemos da experiência clínica – a saber, que a causa precipitadora da irrupção de uma psicose

---

<sup>53</sup> FREUD, Sigmund. Esboço de Psicanálise ([1938] 1940). In: *Obras Completas, Vol. XXIII*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996e.

<sup>54</sup> Idem, *ibidem*, p. 215.

<sup>55</sup> Idem, *ibidem*, p. 217.

é ou que a realidade tornou-se insuportavelmente penosa ou que os instintos se tornaram extraordinariamente intensificados – [...]<sup>56</sup>

Apesar de não tratar deles especificamente, podemos ver aqui a idéia de pólos extremos, dentro de uma dinâmica que poderia ser descrita como um sistema em tensão; podemos ver isto aqui através dos advérbios *extraordinariamente* e *insuportavelmente*, que expressam uma dimensão de intensidade intrínseca à radicalidade das experiências do mundo externo ou dos impulsos. Desta forma, não há porque imaginar que os vínculos entre um e outro dos pólos, entre realidade e impulsos, estejam rompidos completamente, mesmo no psicótico. Se de fato encontramos este movimento de oscilação, é preciso supor que, de alguma forma, a ligação com a realidade nunca é perdida completamente, e daí restaria a tarefa de descortinar a natureza e complexidade desta ligação, o que escapa aos objetivos deste trabalho.

No neurótico esta oscilação seria mínima, sem a radicalidade de quaisquer dos pólos. Entretanto, e isto é fundamental, tais considerações não devem ser confundidas com o nível da psicopatologia – a saber, a clássica caracterização da neurose como a perda de aspectos da subjetividade e da psicose como a perda de aspectos da realidade, de um modo geral.

Deste modo, o que diferenciaria mais refinadamente neurose e psicose não seria apenas a presença ou ausência do reconhecimento da realidade, ou o grau de utilização do mecanismo de rejeição ou recusa, mas também a maior ou menor instabilidade de um tipo de sistema em tensão, de forma que o risco psicótico é o de não suportar esta tensão, e ver-se num estado de “oscilação violenta” para os extremos dos pólos (aniquilamento ora do ego, ora da realidade): no mais óbvio, perde-se o contato com a realidade e a recusa ganha maiores dimensões; no menos óbvio (porque geralmente associado à neurose), a

---

<sup>56</sup> Idem, ibidem, p. 215, grifos meus.

realidade é vivida de modo aterrador, pois “devassa” e aniquila qualquer possibilidade subjetiva. Se tal linha de pensamento mostrar-se sustentável, se pudermos com isso discriminar melhor as especificidades entre neurose e psicose, teremos de prestar atenção especialmente a estas dimensões de intensidade e de dinâmica que se fazem presentes<sup>57</sup>. O descentramento subjetivo será tanto menos possível de ser vivido de forma benéfica quanto menor a possibilidade de a pessoa tolerar esta tensão – ou seja, quanto mais frágil o ego, menor a possibilidade de colocar-se fora dele, pelos meandros de constituição entre eu-outro, sem que isto represente um risco de aniquilação desse ego<sup>58</sup>.

E quanto à vivência do estranho? Talvez possamos pensar em vivências mais psicóticas e outras mais neuróticas, sendo que, no primeiro tipo, o estranho seria certamente muito mais terrorífico e ameaçador, devido à intolerância que o sujeito, neste caso, teria a qualquer espaço de alteridade onde pudesse se colocar. Talvez o *unheimlich* psicótico seja algo mais perigoso, mais angustiante, ou ainda, em outros momentos, algo inerte, quando o estranho não possa absolutamente aparecer, em vista da possibilidade de o descentramento subjetivo ser um ataque por demais violento à frágil organização do ego.

Assim, outra questão importante é derivada a partir do fetiche, e diz respeito ao grau de angústia presente nestes fenômenos que tocam o tema do estranho, do

---

<sup>57</sup> Quanto a esta possível “dinâmica” presente, cf. *A Divisão do Ego no Processo de Defesa* [1938]: “[...] uma suscetibilidade ansiosa contra o fato de qualquer de seus dedinhos ser tocado, como se, em todo o *vaivém entre rejeição e reconhecimento*, fosse todavia a castração que encontrasse a expressão mais clara [...]” (p. 296, grifos meus). E também em *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose* [1924]: “Chamamos um comportamento de ‘normal’ ou ‘sadio’ se ele combina certas características de ambas as reações – se repudia a realidade tão pouco quanto uma neurose, mas se depois se esforça, como faz uma psicose, por efetuar uma alteração dessa realidade.” (p. 207).

<sup>58</sup> A esse respeito, encontramos alguma proximidade com as idéias de Costa, A. C. em seu *Lacan e a arte zen do psicanalista: uma leitura da abertura e primeiro capítulo do Seminário I*, in *Percurso*, nº 34, São Paulo, 1/2005. “Na verdade, paradoxalmente, a extinção do eu supõe o seu fortalecimento. Um ego suficientemente bem estruturado é necessário para que se possa experimentar a ausência do eu – do contrário, a pessoa pode aproximar-se perigosamente da loucura.” (p. 11).

descentramento subjetivo do ego. O fetiche geralmente é reconhecido por seus adeptos como uma anormalidade, um absurdo, mas “[...] raramente é sentido por eles como o sintoma de uma doença que se faça acompanhar por sofrimento.”<sup>59</sup> Assim, se supomos com Freud que junto a este tipo de funcionamento operante no fetichismo – duas asserções opostas e simultaneamente presentes no psiquismo – há um *splitting* do *ego* (de acordo com o que vimos acima, isto implica um tipo particular de descentramento subjetivo), temos que este descentramento não é vivido como loucura, *não há sofrimento relativo a um colapso do ego ou da realidade*.

E qual o caráter dessa *divisão* do ego? Devemos supor uma diferença conceitual aí, porque nem todo descentramento subjetivo é vivido como loucura. Pode haver um ganho a partir do momento em que esse descentramento é acompanhado justamente pela diminuição da angústia em relação a este ego, ou seja, há uma redução da necessidade de defesas que geralmente são postas em jogo neste caso. Assim, é preciso distinguir os casos em que o descentramento subjetivo é um ganho, em que isso não significa exatamente uma perda dos aspectos do ego<sup>60</sup>. O ego, em sua “organização dinâmica”, ocupa um lugar fronteiro, transita na tensão entre as exigências internas e as limitações externas, sendo que neste interjogo entre interno e externo aquilo que é o registro do próprio (familiaridade) e o que é o registro do outro (alteridade) colocam-se em posições cambiantes e ambíguas. E há, é claro, os casos em que o descentramento subjetivo implica num grau muito elevado da angústia de perda ora do ego ora da realidade.

---

<sup>59</sup> Primeiro parágrafo do texto *Fetichismo* [1927], 1996g p. 155.

<sup>60</sup> Podemos ainda mencionar o ato sexual, onde há uma situação de “diluição dos egos” sem que isto seja tomado por loucura. Cf. Ferenczi, em *Thalassa*, ensaio sobre a teoria da genitalidade [1923], *In: Obras Completas – Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 267: “A experiência psicanalítica estabeleceu que os atos preparatórios do coito – carícias, abraços – têm por função, entre outras coisas, favorecer a *identificação mútua dos parceiros sexuais*. Abraçar, acariciar, morder, beijar, servem para apagar o limite entre os egos dos dois parceiros; [...]”

Neste ponto, retomemos aqueles dois fatores na origem do estranho, apontados por Freud. Há que se fazer também uma distinção importante entre um fator de *repressão* e um fator de *regressão a um modo de pensamento primitivo*. No primeiro caso, trata-se sempre de alguma relação com os conteúdos reprimidos e seus efeitos, enquanto que, no outro, se trata de ver perdidos todos os duros esforços no sentido de ater-se ao ‘teste de realidade’, pois algo subversivo e mágico é revivido. Entretanto, em ambos os casos, o sentimento do estranho só ocorrerá quando a eles se juntar este terceiro fator, de uma certa situação paradoxal entre duas correntes da vida mental, que se expressa nos pares reconhecimento/recusa, familiaridade/alteridade – em outras palavras, *heimlich/unheimlich*, cujo efeito faz-se sentir no *ego*.

À questão do fetiche, relaciona-se também de forma muito próxima a da *reliquia*, sobre a qual Fédida<sup>61</sup> deteve-se de modo muito interessante:

O objeto-reliquia tem sucesso em sua função de luto mistificado ao preço de um jogo de inversões dentre as quais algumas são imediatamente reconhecíveis. Ou seja, em primeiro lugar, as relações interdependentes do familiar e do estranho, do repugnante e do precioso, do cotidiano e do insólito, ou ainda do usual (ou do útil) e do inutilizado.

E ainda,

Segundo determinações inconscientes análogas, a reliquia retira seu sentido – ao mesmo tempo sua natureza e poder – da inversão possível de uma significação do objeto em sua significação contrária.

É preciso um lugar especial para este objeto reliquia, pois caso fique restrito a seu valor comum, cotidiano, perde a função de remeter a um ente querido ou adorado que já

---

<sup>61</sup> FÉDIDA, P. A reliquia e o trabalho do luto. *In: Depressão*. São Paulo: Ed. Escuta, 1999, p. 53-54.

não está mais presente. *Fora do lugar de ambivalência possível (lugar de concomitância entre as duas correntes da vida mental), o objeto é apenas um objeto banal – deixa de ser relíquia.*

A negação da ausência, da falta, resulta em uma realidade que é preservada, deslocada e ‘adicionada’ à realidade do objeto relíquia (ou fetiche), e daí o seu caráter de “super-realidade” (termo confeccionado por Fédida): possui ‘mais realidade’, por assim dizer, que sua versão original, anterior a esta operação. *É quase como se a própria realidade estivesse em ‘mania’.* E, na linha de se pensar aquilo que a relíquia esconde, talvez fosse melhor descrever esta característica não apenas como *visibilidade*, mas também como *presença de corpo*: é a própria materialidade da relíquia que está em jogo. Uma foto, apesar de contar bastante pela visibilidade do ente que se foi, talvez contasse pouco como relíquia, se não estivesse em jogo a materialidade do objeto foto; à super-realidade corresponde um ‘super-objeto’, se assim quisermos, na realidade de seu corpo, mais do que de sua imagem. Por exemplo, uma relíquia que seja guardada num invólucro lacrado, e pendurada no pescoço, ou uma foto que se tem ‘guardada na carteira’. É a sua *presença disponível* que conta, em acréscimo à idéia de *visibilidade*, disponibilidade ao olhar. Tal como no fenômeno do fetiche, mais do que uma metáfora (investimento de algo *similar* ao que está ausente), trata-se de uma *parte* investida narcisicamente, que representa o outro ele próprio (tal qual acontece com o falo). A relíquia, no caso, não é a imagem (ou uma metáfora) do ausente. Antes, é como se a ‘alma’ do que está ausente passasse para um objeto insuspeito, discreto, que se mantém no tempo, escapando assim da lei que o destrói/castra. Ao mesmo tempo em que eu *sei* de sua ausência, ausência de seu corpo, eu *creio* na sua presença, presença do seu eu num outro corpo-objeto.

Aqui nos aproximamos, naturalmente, dos fenômenos do *unheimlich*, do descentramento subjetivo do ego e do outro. Isto também é material freqüente nos

contos e ficções em que há a passagem da alma para um outro corpo, a troca de corpos, possessões por espíritos e assim por diante – como, por exemplo, no conto da personagem que, devendo a alma ao diabo, consegue ‘escapar’ da dívida colocando sua alma noutra corpo antes do momento de acerto de contas.

Vemos o quanto estas considerações acerca da relíquia (assim como acontece no fetiche) aproximam-se das questões do estranho, naquilo que comportam de reversibilidade entre opostos. *A questão do fetiche/relíquia é, afinal, juntamente com tudo o que viemos dizendo sobre o estranho, o primeiro indício, na dissertação, da aproximação eu-outro, sujeito-objeto, assentada positivamente na teoria psicanalítica, questão que a partir de agora será retomada e melhor desenvolvida ao longo dos capítulos subseqüentes. Esta aproximação (que supõe uma imersão e certo grau de indistinção eu-outro) é muito mais uma situação de reversibilidade quando os pólos (eu-outro, ou sujeito-objeto) são levados até as últimas conseqüências. Isto é um pouco diferente da idéia de uma total ausência de tal distinção eu-outro. A diferença é que em nossas considerações, mesmo na experiência de descentramento subjetivo, de reversibilidade entre sujeito e objeto, os pólos de distinção não desaparecem, estão paradoxalmente presentes.*

Entretanto, essas articulações entre, de um lado, os fatores de repressão e de regressão a um modo de pensamento primitivo e, de outro, o descentramento subjetivo do ego e a dimensão paradoxal entre duas correntes da vida mental (reconhecimento e recusa, familiaridade e alteridade etc.), ultrapassam a argumentação freudiana mais evidente sobre o *unheimlich*, de forma que retomarei seu passo, procurando evidenciar mais alguns elementos que vão no sentido dessa argumentação.

Após a vinculação inicial do estranho com a teoria psicanalítica, Freud observa que, embora tudo isto seja verdadeiro, o fato é que continua faltando algo para se



compreender o que seja o sentimento do *estranho* – ainda que se trate sempre de algo secretamente familiar, que foi reprimido e que retorna sob condições específicas, nem tudo o que evoca desejos e elementos de regressão no psiquismo é, por causa disso, estranho. Freud então dirá que pode haver outros elementos, como p.e. aqueles pertencentes exclusivamente ao domínio da estética, que escapam ao campo psicanalítico. Aponta que, com isto, o valor de sua argumentação geral poderia ser questionado, mas que há um ponto a ser destacado para esclarecer esta questão. Diz que o valor das descobertas psicanalíticas reside no fato de que estes outros elementos fora de nosso âmbito são exclusivamente do domínio da ficção, da literatura, enquanto que tudo o que é *experimentado* como estranho na vida real pode ser remetido invariavelmente a tudo o que dissera até aqui. Freud retoma então uma linha de pensamento que permeou toda a explicação acerca da experiência do estranho, mas que de fato não fora tematizada nos termos da teoria psicanalítica<sup>62</sup>. Ora, ele nos chama a atenção para uma diferença existente nos contos de fadas, que faz com que não experimentemos o estranho aí, ainda que muitas vezes nelas encontremos os mesmos elementos dos contos horripilantes. É que, nos contos de fadas, se abdica desde o início dos parentescos com a nossa realidade, e tudo aquilo que poderia ser amedrontador ou estranho é eliminado, enquanto que, em outros tipos de contos, por uma habilidade narrativa do autor, somos envolvidos pela leitura numa experiência que se aproxima daquilo que “*realmente experimentamos*”<sup>63</sup>. O retorno de um modo de pensamento mágico diante da realidade, que teríamos abandonado ao longo da vida, precisa de uma experiência atual na qual possa apoiar-se e emergir novamente. O que está em jogo é que se trata de uma experiência vivida como

---

<sup>62</sup> Talvez o fosse, se esse texto tivesse sido escrito após a formulação da segunda tópica.

<sup>63</sup> Devo dizer que um dos motivos que me levou a escrever este trabalho foi a experiência de leitura da tetralogia de Yukio Mishima, *Mar da Fertilidade*, à qual remeto o leitor. Evitei apresentá-la como exemplo literário por uma sincera dificuldade de fazer jus ao trabalho do autor.

real, que remete à condição subjetiva do eu (*self*), e não da mera compreensão intelectual ou imaginativa.

Fica claro agora por que Freud fizera a distinção entre os domínios da estética e o da psicanálise, pois remete a este último tudo aquilo que diz respeito à experiência real, e que, desta forma, pode provocar o sentimento do estranho. Não sei se esta seria uma distinção aceita por especialistas na área de estética, até porque Freud mesmo acaba relativizando esta separação quando retoma o efeito de realidade que outros contos e histórias podem ter sobre o leitor, ficando claro que o fator determinante, afinal de contas, é a experiência vivida pelo ego, quer isto se dê na vida real, quer isto se dê num conto – em ambos os casos, apesar de agora definidos em domínios diferentes, trata-se ainda da mesma qualidade do sentir. Isto fica bem evidente num outro exemplo dado por Freud de uma história de Heródoto, em que não há o sentimento do estranho:

A princesa pode muito bem ter tido uma sensação estranha, na verdade provavelmente caiu desmaiada; mas *nós* não temos tal sensação, pois nos colocamos no lugar do ladrão, e não no lugar dela.<sup>64</sup>

Aqui se tem um exemplo de como a *experiência real*, vivida por nós assim (ou como se assim fosse), é condição necessária para que possamos ter o sentimento do estranho. Dessa forma, no final do texto, Freud acaba finalmente por realizar esta correlação entre aqueles fatores apresentados anteriormente e esta particularidade da aproximação à experiência real, *do colocar-se no lugar* – enfim, de uma experiência do ego – como um outro fator sobredeterminante. Mas o faz apenas em vista de explicar os casos literários que escapam à explicação psicanalítica, e não chega a aprofundar o que seria o *caráter* desta experiência real do ego, tal como a vivemos no sentimento do estranho – nem lhe dá o

---

<sup>64</sup> FREUD, Sigmund. O Estranho (1919), 1996f p. 268, grifos meus.

mesmo estatuto dos fatores de retorno do recalçado e da reativação de um modo de pensamento superado.

E é aqui que podemos então encontrar o apoio para a idéia apresentada anteriormente, de um *descentramento subjetivo do ego* como o que caracteriza, justamente, esta relação entre a experiência “realmente” vivida e os fatores de retorno de material infantil recalçado ou reativação de modos superados de relação com a realidade. Tanto o retorno de afetos reprimidos e representações recalçadas quanto uma ‘brecha’ no que está já assentado pelo teste de realidade possuem o efeito de subverter a experiência que o eu tem de si próprio – a experiência do ego – remetendo-o à experiência da alteridade, do *outro*. Em outras palavras, é a força do objeto que se faz presente ao sujeito quando ele pensa estar exclusivamente no terreno do que lhe é próprio; ou então, é a irrecusável familiaridade e reconhecimento de si próprio onde o sujeito menos se esperava encontrar – no objeto tomado como pura diferença, pura exterioridade. E a ambivalência que encontramos no termo *unheimlich*, demonstrada em todas as suas nuances etimológicas ao longo do texto freudiano, cumpre justamente o papel de exemplificar isto que se constitui como uma espécie de *operador de sentido, veículo paradoxal da experiência subjetiva que possibilita uma vivência de descentramento do ego*.

---

## CAPÍTULO II - O Impacto da Dimensão Econômica

---

Neste capítulo, a relação entre identidade e alteridade, entre o *eu* e o *outro*, será abordada em alguns de seus aspectos que pertencem a um eixo econômico de discussão<sup>65</sup>. Desta forma, será crucial acompanhar de perto, e com algum cuidado, os engendramentos entre sujeito e objeto que se dão pelos caminhos pulsionais, dentro de uma perspectiva econômica.. Espero demonstrar de que modo textos como *Os instintos e suas vicissitudes*<sup>66</sup>, p.e., podem formar um campo teórico significativo, e até mesmo crucial para avançarmos na compreensão das intrincadas relações entre sujeito e objeto.

Ao final deste percurso, parece-me possível esperar como resultado a convicção de que é muito difícil, quando o tema da discussão é a constituição da subjetividade, ater-nos exclusivamente aos fenômenos de identificação, das relações de objeto, ou daquilo que podemos compreender mais especificamente dentro de uma dimensão tópica, tal como descreve Freud.

Há que se tomar algum cuidado com aquelas leituras que procuram traduzir a psicanálise em uma hermenêutica<sup>67</sup>, reduzindo-a tão somente a uma experiência narrativa ou a uma teoria da interpretação, a pretexto de eliminar ou “retraduzir” o discurso

---

<sup>65</sup> Freud define este eixo como uma tentativa de “[...] levar até as últimas conseqüências as vicissitudes de quantidades de excitação e chegar pelo menos a uma estimativa *relativa* de sua magnitude.” (*O Inconsciente* [1905], in *Obras Completas*, Vol. VII. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1996, p. 186). Para o autor, assim como acontece com as ciências naturais, também para a psicanálise a energia não é de início definida em sua natureza, mas apenas em seus efeitos.

<sup>66</sup> FREUD, Sigmund. *Os Instintos e suas Vicissitudes*. (1915). In: *Obras Completas*. Vol.XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996i

<sup>67</sup> Originalmente, a hermenêutica é a ciência ou técnica que se ocupa da interpretação de textos religiosos ou filosóficos, e que mais contemporaneamente passou a definir uma especificidade da semiologia. No presente caso, refere-se à compreensão do conjunto teórico e prático da psicanálise enquanto um sistema de significação.

freudiano mais biologizante. Estes ‘desvios’ dentro de uma suposta teorização estritamente psicanalítica são geralmente interpretados como mera influência do pensamento e discurso científico da época ou, no melhor dos casos, como metáforas de processos psíquicos muito bem elaboradas em roupagens pseudo-científicas. A despeito do mérito que possuam tais leituras sobre o biologismo ou o pensamento funcionalista em Freud, elas muitas vezes incorrem no erro de se pretenderem absolutas, e não enxergar nenhum sentido positivo para estas incursões freudianas.

Proponho que tenhamos em conta e deixemos em aberto a possibilidade de algum outro sentido para tais “fantasias” (que, façamos justiça, nunca se restringiram a Freud apenas). Não pretendo aqui fazer uma apologia ao biologismo, mas talvez este seja um indício precioso para pensarmos as relações sujeito-objeto naquilo que está para além de um perfeito encaixe, uma fenda neste plano do sentido que o excede e nos convoca a pensar algo que não se traduz perfeitamente. Eventualmente, outra coisa que não a biologia poderia cumprir esse papel; mas, em se tratando de Freud, este me parece um bom caminho. Tratar-se-ia, aqui, não exatamente de um papel metafórico (a biologia ‘freudiana’ como uma *metáfora* para a psicanálise pós-freudiana), mas de um certo tipo de sobredeterminação que esta parte da teoria desempenharia frente à possibilidade de traduzir tudo em termos de sentido, discurso, intersubjetividade. Aproximamo-nos, assim, da própria natureza da dimensão pulsional, enquanto algo que se situa *entre* o orgânico e o psíquico, que não repousa perfeitamente nem cá nem lá. E apenas para terminarmos por ora esta questão, talvez uma certa dose bruta de um biologismo (muitas vezes fantástico) que encontramos em Freud seja útil aqui para que nos lembremos de que toda tentativa de supressão de conflitos, de elementos contraditórios, deve levantar suspeitas ao ouvido analítico, inclusive no que diz respeito à teoria.

Os textos de Freud abordados neste capítulo serão, principalmente, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*<sup>68</sup>, *Os instintos e suas vicissitudes*<sup>69</sup> e *O problema econômico do masoquismo*<sup>70</sup>, no que podem contribuir a uma discussão sobre a relação sujeito-objeto.

No texto dos três ensaios, por exemplo, Freud consegue fazer percorrer, num mesmo espaço de discussão, o perverso, a criança e o adulto normal, naquilo que têm a dizer a respeito de sua sexualidade. Um feito absolutamente notável, pela época em que se deu. Obviamente, não encontramos em Freud um lugar teórico perfeitamente sólido para isto que é o sujeito, nem um estatuto único para este ‘objeto’ que é também um outro sujeito. Isso pode ser observado na constante variação do lugar ou função que o objeto ocupa ao longo dos três ensaios. Por exemplo, ao definir a condição patológica do fetiche, esclarece que isso acontece quando o fetiche (a) substitui a finalidade sexual normal; ou (b) *quando substitui o próprio objeto* – ao longo de todo o texto, apesar de não haver uma delimitação positiva deste objeto, há inúmeros momentos em que, como neste item, o objeto aparece e ganha relevância, *tomado em si mesmo*, sem que haja um lugar teórico bem definido para ele.

Da mesma forma, com os outros dois textos teremos oportunidade de avançar mais nestas discriminações acerca da relação entre sujeito e objeto, enfatizando o papel que a pulsão cumpre aí.

---

<sup>68</sup> FREUD, Sigmund. *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*. (1905), 1996q.

<sup>69</sup> Idem. *Os Instintos e suas Vicissitudes*. (1915), 1996i.

<sup>70</sup> Idem. *O Problema Econômico do Masoquismo* (1924). In: *Obras Completas*. Vol.XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996o.

### *Um tipo de vinculação especial entre sujeito e objeto*

Ao propor explorarmos a dimensão econômica da psicanálise, tenho em mente que será apenas na justa medida em que isto possa esclarecer alguns pontos importantes em nossa discussão maior – p.e., mesmo que não seja de forma direta, certamente iremos nos deparar com esta figura a que se chama objeto. No entanto, trata-se, neste momento, do objeto geralmente enquanto correlato dos investimentos pulsionais para um determinado sujeito. É o objeto *para* o sujeito, objeto da satisfação pulsional. De início, ao caracterizar a pulsão, temos por definição em Freud o objeto enquanto seu atributo mais lábil. Devo relativizar o que disse anteriormente, pois não se trata de que o objeto não tenha um lugar na teoria, mas só que seu estatuto depende de uma derivação dos movimentos pulsionais e constituição do sujeito, ou seja, não há uma delimitação precisa do objeto na teoria, considerado em si mesmo. Mas proponho que mesmo Freud, que descreve as pulsões na maioria das vezes enquanto um atributo do sujeito (parte de sua constituição), *ao mesmo tempo* apresenta-nos sempre uma dimensão mais intrincada onde o que caracteriza a pulsão é um interjogo ou engendramento complexo entre sujeito e objeto.

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, o objeto é o ponto de partida e o parâmetro sobre o qual vai desconstruindo as delimitações muito rígidas entre a normalidade e o que é patológico, mas também é o que se caracteriza como mais contingente, num cenário onde o que é enfatizado é o aspecto pulsional do sujeito, mais especificamente em sua dimensão libidinal. Entretanto, há um movimento ao longo desse texto para o qual devemos atentar, que se caracteriza por idas e vindas entre este objeto

da pulsão e o lugar e características do sujeito, e que não pode ser compreendido como algo supérfluo. De fato, o que podemos observar é que há um estreito vínculo entre sujeito e objeto que remete à própria natureza e constituição de cada um.

Ao falar sobre a inversão na escolha sexual, Freud recoloca a questão da preferência do objeto em termos dos demais caracteres psíquicos, ou seja, introduz a questão da identificação da personalidade com o sexo oposto. Ao discorrer sobre o objeto sexual, Freud vai introduzindo (casualmente?) a questão de quem somos, naquilo que descreveu como “hermafroditismo psíquico”: “Cabe traçar uma rigorosa distinção conceitual entre os diferentes casos de inversão, conforme se tenha invertido o caráter sexual do objeto ou o do sujeito.”<sup>71</sup> *Há então este tipo de vinculação, entre a pesquisa sobre o objeto da libido e a pesquisa sobre quem é este sujeito que o deseja.* Neste percurso freudiano, pelo tópico que trata dos “Desvios em relação ao objeto”, ao falar sobre este, acaba tendo como questão relativa e necessária a do sujeito. No primeiro dos ensaios, há então a questão dos “desvios” em relação ao objeto (tópico I) e em relação às metas, ou finalidades (tópico II); obviamente, não faz muito sentido falar em desvios do sujeito em relação a si próprio. Seu lugar acaba sendo definido *nas* relações com os objetos – fato que pode passar despercebido, mas que está longe de ser algo natural ou óbvio. É preciso realizar o trabalho de evidenciar quais as vicissitudes desta relação entre sujeito e objeto neste eixo econômico, que parece assim ir além de uma mera solda.

Dentro do tema do objeto sexual “invertido”, coloca-se uma questão interessante e complexa, a respeito da permeabilidade dos lugares de sujeito e objeto, e Freud ocupa, numa única nota<sup>72</sup>, três meias páginas para expô-la. Cita Ferenczi, que procurou tratar

---

<sup>71</sup> FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, (1905), 1996q, p. 137, nota 1 (este trecho foi publicado originalmente apenas na edição de 1910).

<sup>72</sup> FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905), 1996q, p. 137, nota 1.



mais especificamente dessas questões acerca do “homo-erotismo”, conforme implique uma inversão apenas de objeto ou dos caracteres do sujeito também. Além desta distinção que faz Ferenczi, é muito interessante seu ponto de vista a respeito do intercuro sexual, no qual deve haver sempre, em alguma medida, a imbricação dos psiquismos dos parceiros<sup>73</sup>. A questão da escolha sexual, dessa forma, é trespassada de forma fundamental pelo dualismo sujeito-objeto. De fato, este assunto não é foco do texto de Freud, e por isso aparece numa nota – cuja importância pode ser mensurada pelo seu tamanho um tanto incomum: não havia sustentação para isto ser tematizado no corpo do texto.

Assim, espero aprofundar, nas páginas seguintes, este interjogo bastante refinado de constituição mútua entre sujeito e objeto e que, de um modo geral, está também presente (ainda que não tematicamente) nos demais textos freudianos dedicados aqui a este eixo econômico.

\*\*\*

A idéia de um *sujeito* remete a um determinado lugar ou propriedade frente aos fenômenos psíquicos que se tenha em consideração. Podemos nos referir eventualmente a seu par, o objeto, que por sua vez pode ser um sujeito também. Assim, poderíamos pensar que este sujeito, de quem viemos falando até aqui, encerra necessariamente uma abertura permanente a este objeto-sujeito, ao *outro*, e nos dá uma idéia do caráter das discussões mais contemporâneas sobre intersubjetividade.

---

<sup>73</sup> Cf. seu Thalassa. FERENCZI, Sándor. Thalassa, ensaio sobre a teoria da genitalidade. [1923]. In: *Obras Completas – Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Deste modo, há aqui uma necessidade de referendar essa concepção de subjetividade mais larga que a de um ‘eu’, pela presença do objeto. *Uma subjetividade que transcende, mas que ao mesmo tempo está contida no sujeito.* Devemos abrir a possibilidade de pensar as questões acerca da constituição da subjetividade considerando também o papel do objeto, pois há elementos lá e cá (entre sujeito e objeto) que se ligam de muitas maneiras, e que não podem ser compreendidos com justeza se tentarmos sempre confiná-los a um ou outro termo do par sujeito-objeto. Além disso, e é preciso que isto fique muito claro, tal relação está longe de significar qualquer tipo de comunhão ou ausência de conflitos ou diferenças entre um e outro. Muito pelo contrário, tal proximidade tende a ser fonte de angústias e conflitos muito decisivos.

Esses engendramentos entre sujeito e objeto, que se dão no interjogo pulsional, podem ser traumáticos na medida em que a condição de *descentramento subjetivo* que opera aí pode ser muito angustiante e ter efeitos disruptivos, quando o lugar de familiaridade não está perfeitamente garantido para o sujeito, o que representa uma ameaça de aniquilamento ou colapso para o ego: “Então, conforme o objeto ou o sujeito seja *substituído* por um *estranho*, o que resulta é a finalidade ativa de amar ou a passiva de ser amado ficando a segunda perto do narcisismo.”<sup>74</sup>

Parece que Freud, neste texto, está fazendo um uso peculiar da palavra ‘estranho’, relegando a ele o lugar para a alteridade de um *outro* concreto, o que não exatamente está no sujeito *ou* objeto. *Estes, ambos estes, podem ser substituídos por um estranho, sem que isto signifique qualquer prejuízo à subjetividade, que é mais larga que cada um dos termos isolados do par sujeito-objeto!* (E aqui, o uso pragmático da palavra parece ser mais no sentido de estrangeiro).

---

<sup>74</sup> FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. (1915), 1996i, p. 138, itálicos meus.

Assim, vemos como um certo lugar teórico reservado por Freud ao sujeito e ao objeto na dimensão econômica está defasado em relação ao próprio uso que podemos observar que ele faz destas figuras no desenrolar da teoria. A seguir, poderemos compreender um pouco melhor como a dimensão econômica, pela via pulsional, pode contar num nível de engendramento muito mais complexo no par sujeito-objeto do que se supõe habitualmente.

### *Ambivalência na Constituição do Objeto, Ambivalência na Constituição do Sujeito*

A esta altura, é preciso considerar o fenômeno dos pares sadismo-masoquismo e exibicionismo-voyeurismo. Estes parecem implicar de vez o objeto como um todo, que passa a ser tomado em sua condição subjetiva de ser aquele que é sádico ou masoquista:

Contudo, devemos admitir que também a vida sexual infantil, apesar da dominação preponderante das zonas erógenas, exhibe componentes que desde o início envolvem outras pessoas como objetos sexuais. Dessa natureza são as pulsões do prazer de olhar e de exhibir, bem como a de crueldade, que aparecem com certa independência das zonas erógenas e só mais tarde entram em relações estreitas com a vida genital, mas que já na infância se fazem notar como aspirações autônomas, inicialmente separadas da atividade sexual erógena.<sup>75</sup>

Há aqui uma implicação direta do *outro*, para além de sua mera posição correlata às zonas erógenas. Fica difícil encontrar um lugar claro para isto no corpo teórico. A ligação a essa outra pessoa (enquanto um objeto total) através da genitalidade só ocorrerá mais

---

<sup>75</sup> FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905), 1996q, p. 180.

tarde, mas Freud é bem claro quanto à sua importância desde o início, independentemente da dinâmica pulsional sexual e quiçá até arregimentando-a. Ou seja, há uma dimensão aqui que Freud faz questão de distinguir do evento de reencontro do objeto quando do primado genital, algo que se passa antes disso, de forma autônoma em relação à atividade sexual propriamente dita. Poderíamos eventualmente supor que isto se liga às pulsões do âmbito do ego (já que Freud as conjunta às sexuais, nesta época). De fato, veremos mais à frente que há um certo limite na descrição desse papel do objeto, mesmo em termos de uma pulsão de auto-conservação. Tampouco com a segunda tópica poderíamos traduzir perfeitamente o que foi dito até aqui (em termos de pulsão de vida ou morte). Talvez não se trate exatamente de um *tipo* de pulsão, mas de uma ‘natureza’ especial de toda pulsão, que remeteria tanto ao eu quanto ao outro.

Outro ponto interessante nos engendramentos entre eu e o outro pela pulsão está nas origens da curiosidade das crianças pelos genitais de outrem:

Entretanto, minhas investigações da meninice tanto de pessoas sadias quanto de doentes neuróticos forçam-me a concluir que a pulsão de ver pode surgir na criança como uma manifestação sexual espontânea. As crianças pequenas cuja atenção foi atraída, em algum momento, para sua própria genitália – geralmente pela masturbação – costumam dar o passo adicional sem ajuda externa e desenvolver um vivo interesse pelos genitais de seus coleguinhas.<sup>76</sup>

Ou seja, colocam o outro no *lugar de si*, encaminhando para ele o interesse exploratório que era originariamente voltado para o próprio corpo. É interessante neste trecho o movimento de tomar o próprio corpo como *objeto* de investigação – que inclusive se dá *sob* o olhar do outro – para depois querer ver o corpo outro. E este interjogo entre eu-outro que se dá aqui, sem a ajuda externa, é um movimento de vinculação que

---

<sup>76</sup> FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905), 1996q, p. 181.

acontece espontaneamente, não é *instaurado* por alguém de fora, ainda que possa ser corretamente descrito como sendo *despertado* através do outro. Este é um ponto polêmico ao qual retornaremos no devido momento.

Ao falar sobre a organização sádico-anal, Freud chama a atenção para a existência, já demonstrável aí, de um objeto alheio, ainda que falte sua subordinação à organização genital, quando então este objeto será um objeto total. Isto se dá pela divisão de opostos ativo/passivo no sadismo, entre sujeito e objeto.

No texto sobre os destinos da pulsão, Freud retoma a questão e descreve o percurso do sadismo ao masoquismo, no qual “Uma pessoa estranha é mais uma vez procurada como objeto; essa pessoa, em consequência da alteração que ocorreu na finalidade instintual, *tem de assumir o papel do sujeito.*”<sup>77</sup>. Neste trecho, há uma nota em que Strachey tenta dissipar essa ambigüidade da frase, assumindo que “sujeito”, neste caso, refere-se apenas ao lugar ativo a que passa esta pessoa estranha, e que este “sujeito” não se confunde com o sujeito original nos demais aspectos que o caracterizam enquanto alguém. Ora, não é justamente esta possibilidade de uma certa confusão e dissipação de referenciais entre sujeito e objeto que permite que um faça as vezes do outro? Note-se que não se trata da abolição completa dos limites entre um e outro: é preciso que haja *dois*, para que o interjogo sádico-masoquista seja possível. No entanto, este outro estranho que o masoquista requisita não pode ser *qualquer* um, bastando que cumpra esta condição de “ativo” – mas tem de ser alguém com quem ele possa identificar-se. A satisfação, neste caso, não é algo impessoal, há sempre um sujeito peculiar.

Um excesso de cautela quanto às confusões entre sujeito e objeto não permite, por exemplo, que compreendamos muito bem trechos como este:

---

<sup>77</sup> FREUD, Sigmund. Os Instintos e suas Vicissitudes. (1915), 1996i, p. 133, itálicos meus. Sobre o uso da expressão “*pessoa estranha*”, ver nota 80.

[...] e no sadismo a fonte orgânica, que é provavelmente o aparelho muscular com sua capacidade para a ação, aponta inequivocamente para outro *objeto* que não ele próprio, muito embora esse objeto seja parte do próprio corpo do sujeito.<sup>78</sup>

A frase é (propositalmente?) ambígua: é uma parte do próprio corpo do sujeito que apresenta uma alteridade ou é um *outro* que tomo como se fosse parte do meu corpo? Em ambos os casos, as fronteiras entre sujeito e objeto estão esmaecidas.

Façamos então uma pequena apresentação das proposições de Freud, sobre a passagem do sadismo ao masoquismo:

- (a) SUJ ————— violência/poder → OBJ (*sadismo*) – voz ativa  
 (b) SUJ ←———— violência/poder OBJ (*neurose obsessiva, p.e.*) – voz reflexiva  
 (c) SUJ ←———— violência/poder ← OBJ (*masoquismo*) – voz passiva

Em (c), o objeto guarda semelhança com a situação original do sujeito, no sadismo.

Será no texto sobre os destinos da pulsão que encontraremos uma tentativa de dar um lugar teórico para esta dimensão da pulsão de que vimos falando até aqui:

O fato de que, nesse período ulterior de desenvolvimento de um impulso instintual, seu oposto (passivo) possa ser observado ao lado dele merecer ser assinalado pelo termo bem adequado introduzido por Bleuler – ‘ambivalência’.<sup>79</sup>

<sup>78</sup> FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. (1915), 1996i, p. 137.

<sup>79</sup> Idem, ibidem, p. 136.

E em ambos esses casos [isto é, na escopofilia passiva e no masoquismo] o *sujeito* narcisista é, através da identificação, substituído por outro ego, estranho.<sup>80</sup>

Então, conforme o objeto ou o sujeito seja substituído por um estranho, o que resulta é a finalidade ativa de amar ou a passiva de ser amado – ficando a segunda perto do narcisismo.<sup>81</sup>

Reconhecemos a fase de incorporação ou devoramento como sendo a primeira dessas finalidades [metas sexuais provisórias, antes do primado genital e do objeto e ego totais] – um tipo de amor que é compatível com a abolição da existência separada do objeto e que, portanto, pode ser descrito como ambivalente.<sup>82</sup>

Acredito que o conceito de *ambivalência* pode colocar-se aqui como um operador da discussão sobre esta natureza especial de toda pulsão que, colocando-se aquém sujeito e objeto, é capaz de engendrá-los nesse movimento constitutivo que ora nos interessa. A utilização mais banal do conceito, em termos da oposição amor-ódio, está presente também, mas como um caso particular disto que é colocado como um mecanismo complexo de inversões de posição, deslizamentos e oposições, que implicam as *formas* de amor parcial e total e as possibilidades correlatas de engendramento entre sujeito e objeto.

Antes do primado genital – quando ainda não podemos falar de ego e objeto totais – Freud comenta um tipo de amor primitivo, moldado pela meta ou finalidade oral (incorporação ou devoramento), no qual objeto e sujeito encontram-se numa relação de abolição da existência separada e que, portanto, pode ser descrito como ambivalente. A ambivalência, desta forma, não deveria ser equacionada somente com a idéia do conflito da relação amor-ódio. Ainda que esta dimensão do conflito talvez seja mesmo uma marca quase sempre presente nestes processos, seria errôneo reduzir o conceito a tal

---

<sup>80</sup> FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. (1915), 1996i, p.137. Nesta passagem e na seguinte, no original em alemão encontramos o vocábulo “*fremde*”, cuja tradução – “estranho” – parece-me remeter mais ao sentido de *estrangeiro*; todavia, a aproximação semântica entre *fremde* e *unheimlich* tem aqui seu lugar também.

<sup>81</sup> Idem, ibidem, p.138.

<sup>82</sup> Idem, ibidem, p.143, comentários meus.

equivalência – há que se ressaltar a confluência de inversões, identificações e empatia entre sujeito e objeto. Assim, a ambivalência aqui não se confunde com o uso mais comum de *ambigüidade*, tal como poderíamos considerar com autores como Melanie Klein<sup>83</sup> (presença inata de quantidades de amor e ódio): é a condição de *reversibilidade* da pulsão em seu oposto, pela capacidade do sujeito e do objeto trocarem de lugar, quando então a satisfação do *outro*, um objeto que também é um sujeito – um *objeto-sujeito* – faz as vezes de minha própria satisfação. Freud coloca esta como uma das “vicissitudes dos instintos”, junto com a repressão, o retorno ao ego e a sublimação.

Na prática, o que acontece na situação de ambivalência, mais do que a alternância temporal entre uma e outra posição (ativo e passivo, sujeito e objeto), é a concomitância de momentos contraditórios, de posições simultâneas<sup>84</sup>. Mas já no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, nos tópicos referentes ao olhar/exibir e ao sadismo/masochismo, encontramos uma antecipação disto, pois que Freud parecia particularmente impressionado pelo fato de as formas ativa e passiva destas perversões serem geralmente encontradas na mesma pessoa: “Assim, vemos que algumas das inclinações à perversão apresentam-se singularmente como *pares de opostos*, o que, em conjunto com um material a ser posteriormente apresentado, pode reivindicar uma elevada significação teórica.”<sup>85</sup>

---

<sup>83</sup> “M. Klein distinguiu entre noção de *ambivalência* e de *ambigüidade*. Ambivalência: o sujeito faz, quanto a um mesmo ser, duas imagens alternativas, que não são percebidas como representativas do mesmo objeto. Ambigüidade: é uma noção da vida adulta. O sujeito percebe duas imagens, mas sabe que se referem ao mesmo objeto.” (p. 65). “[...] a atitude característica da criança será uma *atitude de ambivalência*, duplo sentimento de onipotência e de impotência; a criança nada pode e tudo quer.” (p. 115). Merleau-Ponty, M. *Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos: 1949-1952: psicossociologia e filosofia* (1988), Papyrus Edt., São Paulo, 1990.

<sup>84</sup> Laplanche e Pontalis, em seu *Fantasia Originária, Fantasia das Origens, Origens da Fantasia* (1985), ao comentarem os pares de termos sadismo/masochismo e exibicionismo/voyerismo, apontam que: “Aquém da forma ativa ou passiva da frase (ver-ser visto, por exemplo), seria necessário supor uma forma reflexa (ver-se a si mesmo), a qual, segundo Freud, seria primordial. Conviria, sem dúvida, apurar esse grau primordial lá onde o sujeito já não se situa nos diferentes termos da fantasia.” Nota 71, p. 98.

<sup>85</sup> FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (1905), 1996q, p. 151.



Freud, ao citar pela primeira vez o termo “pulsão parcial”, o faz destacando o fato de geralmente aparecerem como pares de opostos, o que nos leva a pensar na importância da possibilidade ambivalente desde muito cedo, *e que provavelmente é um dos alicerces de toda possibilidade de subjetivação*. Isto permanecerá como uma característica importante mesmo quando sujeito e objeto já contarem como plenamente constituídos, reforçando a máxima freudiana de que processos primitivos do psiquismo nunca desaparecem por completo, mas ressurgem sempre que a situação torna-se propícia a isto. Freud, através do conceito de ambivalência, dá contornos a este fator que está presente desde o início, e aqui o objeto ganha um estatuto próprio, independentemente de seu papel na satisfação sexual erógena no campo das pulsões parciais. A dimensão da satisfação sexual não está ausente, mas é implicada nesta montagem.<sup>86</sup>

A característica de reversibilidade da pulsão encontra sentido na imperiosidade da necessidade de satisfação – mesmo que para isto o sujeito tenha que deixar de ocupar seu lugar original e colocar-se no lugar de objeto. Isto, por sua vez, só é possível porque um dia o ego já experimentou a si próprio enquanto objeto de investimento e satisfação, nos moldes do narcisismo. E é claro que podemos pensar também na contribuição que um investimento original, do objeto, permite em primeiro lugar que o ego possa colocar-se nesta condição de objeto. Mas, do ponto de vista da organização libidinal do sujeito, o que permite a inversão dos lugares de sujeito e objeto é este movimento reflexivo proporcionado pela organização narcísica do ego<sup>87</sup>.

---

<sup>86</sup> Uma seqüência de pesquisa possível a partir disso poderia ser a de pensar que tipo de situação é propícia a esta ambivalência entre sujeito e objeto, e se esta é apenas a reativação de um modo arcaico de pensamento, ou se há alguma função importante para isto na maturidade psíquica.

<sup>87</sup> Devemos nos lembrar que neste momento trata-se ainda da primeira tópica, e a ênfase é no movimento ego-centrífcgo de investimento libidinal. Mais tarde, com a segunda tópica e a questão tópica da identificação, estaremos em condições de melhor considerar o papel do *outro* na questão da ambivalência.

Assim, a possibilidade empática que vemos presente nestas trocas, de identificação em que me coloco no lugar do outro, oferecendo-me ao mesmo tempo enquanto objeto para ele, também só é possível pela organização narcísica do ego, quando no desenvolvimento da libido o próprio ego era objeto de investimento e satisfação. É preciso resgatar no uso comum que fazemos do termo “identificação” esta característica que fica mais evidente quando falamos em “ambivalência”, esta intrincada rede de trocas e permutas entre sujeito e objeto, e também todo o jogo econômico de satisfação implicado nisso. *Através do conceito de ambivalência podemos ver como a dimensão pulsional é atravessada por elementos da teoria geralmente reservados às discussões sobre as identificações, a formação do ego, o narcisismo, etc.* E longe da pulsão ser tragada por este campo, em última instância permanece irreduzível mesmo ao interjogo sujeito-objeto, encontrando justamente neste fato sua importância como operadora dos complexos engendramentos que se dão nesta relação<sup>88</sup>.

Para concluir esta parte, vejamos uma esquematização das três antíteses do amor propostas por Freud, procurando divisar aí este movimento de inversões e anteposições entre sujeito e objeto, através do qual estes também se constituem. Essas antíteses abordam as seguintes dimensões de relação, numa caracterização das pulsões tomadas em seu conjunto:

- |  |                                |
|--|--------------------------------|
| a) AMAR $\leftrightarrow$ ODIAR (prazer --- desprazer) | } ligada ao objeto             |
| b) AMAR $\leftrightarrow$ SER AMADO                    |                                |
| c) AMAR/ODIAR $\leftrightarrow$ DESINTERESSE           | } em desligamento com o objeto |

---

<sup>88</sup> Retornaremos a isto mais adiante.

a) *Inversão do conteúdo em seu oposto*: inverte-se não a posição de ser ativo ou passivo, mas sim a caracterização qualitativa da pulsão no seu todo, ou seja, mantêm-se os lugares de sujeito e objeto. Aqui, parece que o mais importante na passagem de uma coisa a outra é a manutenção da posição do sujeito da voz ativa. Daí, temos que a frustração e impossibilidade de realização do amar parece conjugar-se com um ressentimento ou ódio pelo objeto que frustra, de forma que o que é transformada é a própria caracterização da relação com o objeto no seu todo, qualitativamente.

b) *Inversão ambivalente*, propriamente falando, de ativo em passivo: a caracterização da relação parece ser mais importante do que o sujeito manter-se na voz ativa, de forma que se viabilizam o jogo identificatório e a satisfação por identificação, conforme vínhamos falando.

c) *Inversão (ou reversão) da própria possibilidade do investimento, ou catexia*: Aqui há um vislumbre da pulsão de morte, da tendência regressiva da pulsão para seu estado mais extremado, em que *se desiste* ou *ataca-se* qualquer possibilidade de ligação.

*Desiste-se* do objeto, podemos supor, quando o sujeito está numa condição mais integrada, e isto adquire uma conotação mais depressiva; *ataca-se* o objeto quando o sujeito está numa condição menos integrada, e isto adquire uma conotação mais paranóide, ou cindida. Observemos que é possível pensar em duas conotações (ou manejos) da pulsão de morte, que em si mesma pode ser mais propriamente definida como a força que impele o aspecto regressivo de toda pulsão.

## *O Surgimento, pela libido, do objeto enquanto entidade total*

Como podemos pensar a constituição do objeto a partir de Freud? Uma questão que não pode ser respondida de modo simples, pois devemos nos situar em um ponto de vista em que importa pensarmos a constituição subjetiva nos registros de imbricamento entre sujeito e objeto.

Ao descrever a constituição do sujeito na sexualidade, Freud considera o período de primado das pulsões parciais e auto-eróticas quando o próprio corpo é eleito como objeto de satisfação; ao chegar à puberdade, introduz-se então o *outro* enquanto objeto sexual total. Até a chegada deste momento, o objeto deveria contar para a pulsão apenas como um fator contingente, um ‘pretexto’ para processos cujas considerações iniciam e terminam no sujeito. Adiantando um argumento que apresentarei mais tarde, sugiro que a dimensão de alteridade desse outro, neste período pré-genital, está presente apenas no *estranhamento* que o movimento pulsional pode causar ao sujeito: algo que se lhe escapa da onipotência de satisfação – ainda que isto não possa ser reconhecido plenamente por ele. Mais propriamente, o outro surge como tal quando do *primado genital*, mas Freud não descreve como essa passagem para o reconhecimento da importância do objeto acontece, em termos da teoria das pulsões. Sobre o início do outro considerado em si, há apenas uma explanação de valor meramente descritivo, na qual o surgimento do objeto é compreendido enquanto um efeito de *propagação* ou *supervalorização* a partir das pulsões parciais. De fato, precisamos procurar entender porque a genitalidade não poderia ser meramente *mais* uma satisfação parcial.

Vejamos, a princípio, o que Freud diz sobre este efeito de propagação. Descreve um movimento como que de ‘entrega’ do sujeito ao objeto, em que a *meta* ou *finalidade*<sup>89</sup> valorizada espalha-se por todo o objeto. A libido, assim, teria a intenção de se “apoderar do objeto sexual em todos os sentidos”, sendo a genitalidade um tipo especial de configuração sua que se coloca como uma espécie de ‘porta de entrada’ do objeto total, ao mesmo tempo em que arregimenta sob seu domínio as demais pulsões parciais.

Desta forma, Freud aponta como explicação para o interesse sexual pelo objeto como um todo – e não só por sua genitália, que poderia muito bem ser apenas mais um objeto parcial, como já disse – um efeito de *propagação*, que se ancora na genitalidade. De qualquer modo, quer seja na consideração do fenômeno pelos seus resultados, quer seja na consideração de um suposto aspecto específico da genitalidade, Freud introduz a questão do outro tomado em seu todo. Entretanto, mesmo com o reforço da idéia de “corrente colateral”<sup>90</sup>, ou seja, a idéia de uma concomitância dos diferentes modos de satisfação libidinal, isto em si não garantiria ainda a consideração do outro como um objeto total, mas apenas, no máximo, um conglomerado de partes. Restaria a tarefa de desvelar como esta organização da pulsão a que chamamos genitalidade demanda considerar o outro em sua totalidade, como um alguém. E é nesse ponto que Freud introduz a questão do amor, que permanecerá como referência para o conjunto das relações pulsionais do sujeito com seu objeto.

Utilizando-se da problemática do fetiche (ainda no contexto dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*), chama a atenção para um ponto de ligação entre a normalidade e o fetichismo, nesta supervalorização do objeto sexual em suas outras partes. No fetiche, este efeito de propagação aconteceria principalmente quando do impedimento da meta

---

<sup>89</sup> Alvo, finalidade, meta, *ziel* (em alemão): é o ato que leva à satisfação.

<sup>90</sup> FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (1905), 1996q, p. 142, nota 2.

normal. Mas, novamente, é preciso considerar a origem mesma da meta normal, do objeto tomado como um todo, sob o primado genital, pois parece que este interesse da pulsão genital seria *primário* em relação a todos estes outros aspectos, decorrentes de uma supervalorização. Em termos libidinais, o que constituiu primariamente este *objekt*? Partes, pelo visto, correlatas a pulsões que se colocam num *continuum* em direção à meta final (genital) e madura. Até aqui, numa leitura apressada, seria como se o *objeto como um todo* surgisse por mero efeito secundário dessa supervalorização libidinal. Antes mesmo da temática do sadismo e do exibicionismo, Freud encontra no fetichismo a necessidade de considerar o objeto como um todo. O que define a condição patológica do fetiche é o abandono da meta normal em nome do fetiche, e também *quando se desprende de uma pessoa e se torna o único objeto sexual*. Nesta situação, observamos uma regressão da organização libidinal genital para um investimento fálico cujo resultado é a retirada de cena do objeto total. Aqui, parece que a preservação da dimensão global do *objekt* adquire um estatuto teórico que o torna tão importante quanto a normalidade da meta na definição da patologia. Isto é crucial, e pode passar despercebido, mas a dimensão total do objeto passa a operar a teoria, *sem ter um estatuto próprio muito bem definido*.

Retomando o que vimos com Freud, o fetiche resulta de um efeito de “supervalorização” do objeto que se *propaga* a tudo que diz respeito (associativamente) a ele. Conforme vimos no capítulo anterior<sup>91</sup>, sobre esse mesmo assunto, é uma *parte* que remete ao todo. É este ‘todo’ do objeto que nos interessa, em sua gênese.

Há dois elementos que me parecem fundamentais para melhor compreendermos o surgimento do objeto nesse seu novo estatuto – um objeto total – seguindo a própria argumentação freudiana. O primeiro consiste em considerarmos sua observação de que,

---

<sup>91</sup> Ver p. 45.

quando da instauração do primado genital, parece que o que acontece é uma ação “*anímica*” que arregimenta todos aqueles processos até então mais somáticos (ligados ao princípio do prazer). O segundo consiste em considerar que tanto o primado genital quanto o reencontro do objeto “já estão prefigurados na vida infantil”<sup>92</sup>. Temos, com estes dois pontos, a abertura necessária para discutirmos os aspectos mais primitivos da constituição subjetiva apresentados ao longo deste tópico: é que o objeto amoroso possui uma história primitiva, mesmo antes de poder ser reconhecido plenamente, quando então contam elementos tais como a ambivalência, os meandros entre as pulsões e os objetos, a arregimentação da corrente amorosa etc. É preciso considerar, em suma, que de uma forma ou de outra já há, desde o princípio, a ação deste outro considerado em si, enquanto uma figura total, *e ainda que não possa ser reconhecido como tal pela criança, se faz presente por seus efeitos*. Mas continuemos então com mais alguns passos nesta direção.

Parece ser possível também deduzirmos *dois* caminhos possíveis para os processos de subjetivação que leva ao encontro com o objeto total, pois que o narcisismo parece colocar nuances próprias a essa questão. Pensar em termos de uma dualidade no movimento que vai em direção ao conhecimento do objeto, pode talvez ter alguma corroboração no sugestivo fato de haver para Freud dois tipos de amor, o de apoio e o narcísico. Neste caso da escolha amorosa, talvez o sujeito mais narcisista trilhe de fato uma via um pouco mais difícil para chegar ao reconhecimento da alteridade do objeto. Mas em vista de tudo o que pudemos pensar até aqui, não é difícil aceitarmos que o *outro* está sempre presente de forma fundamental nos processos de subjetivação, na constituição do par sujeito-objeto. A saída narcísica em direção ao objeto pode estar

---

<sup>92</sup> FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905), 1996q, p. 221.

relacionada com o fato de que este outro que é buscado, imagem e semelhança de si próprio, não obstante, trata-se de um outro, está fora do próprio corpo. Esta saída do próprio corpo nos dá uma idéia do caráter da busca narcísica, o que a coloca numa posição bem distinta das pulsões no auto-erotismo. Tanto na situação do auto-erotismo quanto do narcisismo, não podemos supor que sejam algo como uma ‘cápsula à prova de alteridade’, mas senão que cada caso possui nuances próprias nesse interjogo de constituição sujeito-objeto. A bem dizer, Freud mesmo enfatiza literalmente que há “dois caminhos para o encontro do objeto”<sup>93</sup>; se o leitor concordar que a correlação {*encontro do objeto total – apropriação do lugar de sujeito*} faz algum sentido, temos realmente que pensar em dois caminhos possíveis de subjetivação.

Um outro ponto importante a ser considerado aqui é o tema do *amor*, que se liga a esta virada anímica responsável pelo surgimento do objeto total. Freud, ao tratar do amor, coloca-o em estreita correlação com a genitalidade – poderia ser tomado como a totalidade da corrente sexual:

O fato de não termos o hábito de dizer que um instinto sexual isolado ama o seu objeto, mas considerarmos a relação entre o ego e seu objeto sexual como o caso mais apropriado no qual empregar a palavra ‘amor’ – esse fato nos ensina que a palavra só pode começar a ser aplicada nesse sentido após ter havido uma síntese de todos os instintos componentes da sexualidade sob a primazia dos órgãos genitais e a serviço da função reprodutora<sup>94</sup>

De repente, ao lado do fator *genital* passa a contar também esse tipo de vinculação especial entre um “*ego total*” e seus objetos – a que se chama *amor* – e isto adquire um caráter mais abrangente do que poderíamos supor em termos da satisfação do sujeito, exclusivamente. Assim como o objeto passou a contar, no fetichismo, para a

<sup>93</sup> FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905), 1996q, p. 210, nota 1.

<sup>94</sup> FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. (1915), 1996i, p.142.



determinação da condição patológica (pelo desvio da finalidade genital), *o amor cumpre o papel teórico de ligação entre o caráter total da genitalidade e o objeto total.*

Quer dizer, partindo da dimensão mais econômica da relação sujeito-objeto, vemos que há a irrupção desta problemática ligada à constituição de lugares subjetivos (de um eu, de um outro), que neste caso aparece como esta corrente de amor, que pode ser entendida como uma reverberação, na dimensão econômica, destas questões acerca da alteridade, do outro tomado enquanto um objeto total. E como vimos no segundo tópico deste capítulo, isto se imbrica ao tema da ambivalência. Mais adiante veremos como as coisas irão se tornar mais complexas com a questão da pulsão de morte.

Ainda no texto da citação logo acima, Freud coloca o amor em relação à característica de ligação da pulsão, de modo que o ódio acha-se avesso a qualquer pulsão. Além disso, “amor e ódio” não podem ser utilizados para as relações entre as pulsões e seus objetos, mas estão reservados para as relações entre o ego total e os objetos. Isto pode ser uma dica de que “self” signifique em Freud esse sujeito que é um “ego total”, que só possa ser corretamente considerado quando do primado da pulsão genital. Além do mais, a oposição amor/ódio só configurou-se assim indiretamente, pela mediação da oposição prazer/desprazer – ou seja, não é uma oposição originária. No ódio, não se trata de uma pulsão, mas de uma repulsão (o que, eventualmente, significará um vínculo muito forte com o objeto). Amor e ódio, enfim, descrevem não exatamente atributos específicos da pulsão, mas as relações “entre o ego total e os objetos”.

O ódio desempenha também um papel muito importante na gênese do objeto total, e parece ser reativo a alguma situação de frustração, pois surge quando o objeto começa a tomar forma e aparecer enquanto tal ao indivíduo onipotente: “Quando, durante a fase do narcisismo primário, o objeto faz a sua aparição, o segundo oposto ao

amar, a saber, o odiar, atinge seu desenvolvimento.”<sup>95</sup> Entretanto, a questão do ódio aqui ainda não está muito clara, pois se coloca também a questão do desligamento e da indiferença, num prenúncio da pulsão de morte<sup>96</sup>: “A indiferença se enquadra como um caso especial de ódio ou desagrado, após ter aparecido inicialmente como sendo seu precursor.”<sup>97</sup> Acho que de fato não se trata de que apenas um engendre o outro (ódio e indiferença). Talvez o terceiro caso de polaridade do amor, visto na página 72 deste estudo, seja especialmente importante aqui, e nos permita compreender como se dá o desligamento do objeto, quer seja pelo ataque ao vínculo (ódio) ou desistência (indiferença). E, além disso, há que se considerar aquela situação de impossibilidade de o sujeito dispor de seu ódio sobre o objeto, por medo de destruí-lo.

Assim, amor e ódio só aparecem como opostos em função da dinâmica prazer-desprazer, pois possuem origens diferentes. Mas há outro fator que os conjuga, a saber, a confluência dos investimentos múltiplos da libido ou agressividade (organização sádico-anal), com a consecutiva consideração do objeto em seu todo. Para terminar este ponto, é importante mantermos, acerca de tudo isso, que foi apresentada a idéia de que o par amor-ódio resulta de um complexo interjogo pulsional e identificatório, que não deveria ser obliterado em nome de um uso imediatista que supõe ser esta polaridade algo originário – um exagero que não é de todo incompreensível, já que as relações entre sujeito e objeto, enquanto entidades totais, prestam-se melhor a esse tipo de descrição.

---

<sup>95</sup> FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. (1915), 1996i, p. 141.

<sup>96</sup> Em última análise, neste momento Freud atribui o ódio, em suas origens, ao repúdio “narcisista” ao mundo externo que transborda de estímulos.

<sup>97</sup> FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. (1915), 1996i, p. 141.

*Ponderação sobre o papel do outro na determinação das pulsões, das zonas erógenas e também seu lugar antes de ser considerado um objeto total*

Veremos a seguir como podemos pensar a constituição pulsional, tendo como pano de fundo os aspectos levantados até aqui neste capítulo: o surgimento do objeto numa ligação privilegiada com o sujeito, um certo descentramento e a idéia de *ambivalência* como características da própria dimensão pulsional, a problemática do surgimento do objeto total (e o papel do amor aí) e, por fim, o ódio e a indiferença no desligamento do objeto.

Na sua discussão a respeito das fontes da sexualidade, Freud destaca três grupos:

I) O primeiro relaciona-se com a reedição de um prazer já vivido em apoio a outros processos orgânicos;

II) O segundo dá-se pela estimulação das zonas erógenas – lembremos que o estabelecimento destas decorre por um processo particular em cada caso, muito associado às condições de cuidado básico e às pulsões parciais que surgem “apoiadas” no funcionamento natural de cada órgão. Sabemos também com Freud que a pulsão resulta de uma estimulação endossomática; dessa forma, devemos considerar que mesmo a estimulação apropriada, uma determinada “qualidade do estímulo”<sup>98</sup> que se dá numa zona erógena, requer dois momentos, ou fatores:

a) Uma “história consolidada no corpo” (que leva em conta também as possibilidades fisiológicas), o que dá uma certa “autonomia de prazer” à região.

---

<sup>98</sup> Vemos aqui uma interessante proposição freudiana, que relativiza a assunção meramente orgânica da pulsão, ao destacar o aspecto qualitativo: “Assim, a qualidade do estímulo, mais do que a natureza das partes do corpo, é que tem a ver com a produção da sensação prazerosa” (*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, (1905), 1996q, p. 173).

b) Um processo excitatório *interno*, sem o qual nenhuma pulsão seria possível. Qual o caráter disto que é interno? Acho que pode ser a memória de um prazer vivido anteriormente, que ganha um estatuto autônomo a partir deste momento – princípio do prazer.

III) Finalmente, o terceiro grupo está relacionado às pulsões mais misteriosas como a escopofílica e a de crueldade: ambas lidam, justamente, com a questão da *ambivalência* na constituição dos lugares do sujeito e do objeto.

Freud define a zona erógena, afinal, como toda a superfície da pele, em relação à “um certo tipo de estimulabilidade”<sup>99</sup>. Há aqui a proposição de uma diferenciação qualitativa na estimulação. Este tipo de pensamento leva a crer que a pulsão depende, para sua determinação, simultaneamente de elementos internos (constituição) e externos (qualidade de estimulação), ficando difícil tomar qualquer decisão exclusiva a respeito de se a pulsão é de natureza interna ou externa. Freud passa sem dificuldade de um nível quase biológico, organicista, para outro puramente psicológico, e vice-versa, sem que isto represente para ele qualquer problema. Em determinados momentos enfatizará mais um dos aspectos, mas nunca deixa de trazer ambos os lados à discussão. Ora, a definição mais clássica que Freud faz da pulsão a coloca em algum lugar *entre* o somático e o psíquico. Na primeira teoria das pulsões, dirá que “O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas *fontes* somáticas e seus *alvos*” – o objeto aqui conta como o fator mais contingente<sup>100</sup>. Ao mesmo tempo, na caracterização da zona erógena, *aponta para o fato de que há sempre um tipo específico de estimulação, que é na verdade o fator mais importante.*

---

<sup>99</sup> FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905), 1996q, p. 190.

<sup>100</sup> FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905), 1996q, p. 172.

Mas deve ficar claro que são algumas atribuições da pulsão (objeto [*objekt*], finalidade ou meta [*ziel*], e fonte [*quelle*]) que variam qualitativamente, enquanto que, em sua natureza mais ‘crua’, no seu efeito de pressão [*drang*], não há algo a que se aplique qualidades. Mais tarde, será também em termos qualitativos que Freud caracterizará a totalidade da corrente pulsional, pois nesse momento já se levará em conta o objeto tomado em si próprio e nas trocas que podem se efetuar com ele. As trocas, no sentido mais pleno do termo, só passam a acontecer a partir do momento em que este outro pode ser considerado ele também como um sujeito, ao qual eu descubro estar assujeitado, em certa medida.

Vejamos a questão da passividade, desde este ponto de vista. Uma ‘pulsão passiva’ só o é em sua finalidade, de fato. Ao pensarmos no interjogo de pulsões que pode acontecer *entre duas pessoas*, chegamos à conclusão de que o que desperta a pulsão em alguém (considerando apenas o fator exógeno) é a qualidade de ‘estímulo’ proveniente de outra pessoa, em função das próprias pulsões desta. Ao tomarmos os diferentes pontos de vista que se apresentam nesta situação entre duas pessoas, a pulsão, de um modo geral, é simultaneamente ativa (vai de encontro ao objeto) e sedutora (provoca o movimento do objeto em direção a si, desperta a pulsão do outro).

Na passagem das relações parciais entre sujeito e objeto para o primado da genitalidade, há também uma questão relativa ao estatuto desta passagem, como vimos anteriormente, de podermos compreendê-la num viés mais desenvolvimentista ou num mais simbólico. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (p. 221), Freud aponta que

Cabe acrescentar, por último, que durante o período de transição da puberdade os processos de desenvolvimento somático e psíquico

prosseguem por algum tempo sem ligação entre si, até que a irrupção de uma intensa moção anímica de amor, levando à inervação dos genitais, produz a unidade da função amorosa exigida pela normalidade.

É interessante notar aqui Freud sugerir que o fator responsável pela integração do primado genital é de natureza psicogênica, em contraponto a uma explicação mais biologizante e desenvolvimentista. Este trecho corrobora o que vimos falando, da função que esta moção amorosa tem na passagem para a genitalidade, para o reconhecimento do objeto total. Entretanto, não é possível reduzir a pulsão à dimensão do psiquismo, perdendo de vista a origem orgânica da qual se faz representante, situando-se em algum lugar entre o orgânico e o psíquico.

Há um paradoxo também na temporalidade que implica os modos de satisfação da pulsão entre o período infantil e o adulto, com os respectivos papéis que o objeto em cada época deve cumprir. Refiro-me aqui ao aspecto ambíguo que está no par de termos “corrente de ternura” e “corrente sensual”. O primeiro remete mais a este aspecto de *cuidados* com a criança (atendê-la em suas necessidades vitais, na constituição do eu etc.); curiosamente, neste período mais primitivo é a dimensão pré-genital das pulsões que domina a cena, quando então ela é, sob este aspecto, uma pequena “perversa polimorfa”. Freud fala da angústia da criança neste momento, como um sinal da falta do objeto, principalmente na situação de insatisfação de “pulsões sexuais desmedidas”, fazendo uma ligação direta entre a intensidade pulsional e os cuidados maternos. O segundo termo, da corrente sensual, indica já a possibilidade de lidar com o objeto numa condição de maturidade sexual, mas que só pode cumprir seus desígnios a partir do resgate das pulsões parciais infantis à disposição, para compensar as inibições que se instalam na puberdade.

Finalmente, ainda sobre a constituição da organização pré-genital, lembremos que Freud coloca as pulsões do ego como mais primitivas que as sexuais, ponto de apoio mesmo das pulsões parciais. Com isso podemos pensar numa abertura muito precoce para o papel do objeto na constituição do ego (e não apenas como objeto da satisfação pulsional tomada de um ponto de vista ‘centrífugo’, do sujeito em direção ao objeto). Este aspecto será tratado mais adiante.

*Impacto da dimensão econômica: a pulsão escapa ao sujeito, escapa ao objeto*

É preciso agora aprofundar um pouco a caracterização da pulsão, evidenciando-a como o lugar de engendramento do par sujeito-objeto, na medida em que reforçaremos seu caráter *fronteiriço* enquanto elemento operador essencial.

Por um lado, há esta visão de que a pulsão não carrega seu objeto, mas só que há uma *solda*. Isso quando Freud quis enfatizar a dinâmica pulsional no seu aspecto eminentemente econômico, em que há esta possibilidade de permuta e troca do objeto – que se mostra, neste sentido, perfeitamente substituível, quase um mero pretexto para a satisfação. Em conjunção a isto, há também em Freud margem para priorizarmos o papel do objeto, e algumas das leituras atuais da psicanálise tendem a considerar a pulsão meramente numa correlação contingencial à relação direta com o objeto, esta sim decisiva para a constituição subjetiva. Neste caso, para citar apenas uma implicação mais óbvia, há uma descaracterização do auto-erotismo e das relações parciais que se dão até que se

chegue ao objeto total, dentro da teorização freudiana, sendo necessária então uma reformulação teórica alternativa.

O caráter econômico tende a ser visto por Freud como um fator disposicional que não depende do objeto, conforme podemos acompanhar com o texto dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*: “É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste.”<sup>101</sup> Ainda que postule um *momento originário* de encontro com um *objeto primário* (tal como ele é), e que mais tarde também considere a identificação como fundante na constituição do ego, nada disto tem a ver com a constituição pulsional, nesse texto; parece que a pulsão, por sua natureza, é de fato uma força que está *aquém* do objeto. É claro que há brechas para se pensar no papel do objeto na constituição mesma da pulsão, como p.e. nos cuidados maternos ou na qualidade da estimulação das zonas erógenas; mas para sustentar isto são necessários desenvolvimentos que estão para além da argumentação principal do texto. Contudo, a pulsão sexual tampouco pode ser perfeitamente compreendida, mesmo em Freud, como um atributo do sujeito tal qual suas demais faculdades ou qualidades, pois pode ser considerada quase como um ‘estranho’, que faz exigências, impulsiona, pressiona, é arredio, e cuja origem sempre nos escapa.

Em última análise, podemos ver que a pulsão coloca-se igualmente *aquém* do sujeito, parecendo mesmo remontar mais a uma disposição biológica. Mas não nos enganemos neste ponto, pois também a pulsão não deve ser restringida a este domínio do mero biológico, pois possui a curiosa característica de imbricar-se irremediavelmente aos processos psíquicos tão logo eles existam, o que a coloca na fronteira entre o somático e o psíquico. O termo “econômico” denota bem esta característica fronteira da pulsão, da força, que não

---

<sup>101</sup> FREUD, Sigmund. *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*. (1905), 1996q, p. 140.



*pode ser reduzida nem ao sujeito nem ao objeto: na economia, temos sempre valores de troca, valores que fazem as vezes de objetos, medidas do potencial de trabalho, compromissos entre partes etc.*

O caráter quase exógeno da pulsão em relação ao domínio quer do sujeito quer do objeto parece funcionar como a ‘liga’ entre os elementos que compõem as vicissitudes do que seja a relação sujeito-objeto; nem lá nem cá, um pouco alheio a mim, um pouco alheio ao outro. Ainda assim, isto se liga irremediavelmente, e de diferentes formas, tanto aos domínios do sujeito quanto do objeto; e como vimos anteriormente em termos libidinais, a pulsão é justamente o que define este *objekt* por um efeito de propagação, de supervalorização da meta para todo o *objeto-outro*. O sujeito parece se definir também um pouco aí, por exemplo nos compromissos entre desejos e inibições.

Mais propriamente, a pulsão parece comportar-se em três dimensões, com suas características próprias – do sujeito, do objeto e de nenhum deles (ou dos dois simultaneamente). A pulsão, assim, simplesmente escapa a uma definição unívoca ou mais ‘fechada’: “A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica.”<sup>102</sup>

Talvez, de fato, o correlato da pulsão não seja o objeto, mas sim o *par* sujeito-objeto. Não se deve condenar de imediato o esforço que Freud faz para demonstrar especificamente que a relação entre a pulsão (em sua natureza última) e o objeto não é originária – nisto destina a primeira parte inteira dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. A meu ver, tal argumentação é absolutamente fundamental no sentido da constituição de um paradoxo para o lugar do objeto, já que alhures Freud fará exatamente o oposto, afirmando a possibilidade de intervenção do objeto na constituição mesma da pulsão:

---

<sup>102</sup> FREUD, Sigmund. *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*. (1905), 1996q, p. 159.

Naturalmente, nada existe que nos impeça de supor que os próprios instintos sejam, pelo menos em parte, precipitados dos efeitos da estimulação externa, que no decorrer da filogênese ocasionaram modificações na substância viva<sup>103</sup>

A origem mesma disto que se caracteriza como um acontecimento de ordem daquilo que é interno pode advir do que vem de *fora*, mesmo que este fora seja situado num passado filogenético. E Freud nunca deixa de fazer as ressalvas e ponderações que resultam neste movimento oscilatório entre a ênfase na dimensão interna, disposicional, e a ênfase na dimensão externa, de constituição a partir da intervenção do outro.

O fato é que a dimensão da força, da quantidade de trabalho exigido e da pressão (*drang*) é considerada por Freud a própria essência da pulsão. O caráter impactante é o mais fundamental, e para além do eixo estritamente econômico de um excesso não assimilável pelo sujeito, pode ser correlacionado com as discussões mais atuais acerca da dimensão ética na psicanálise, da alteridade e seu efeito traumático no sujeito. A argumentação freudiana que vai ao encontro da biologia, relacionando as pulsões a um fator de disposição orgânica de cada indivíduo, cumpre com excelência o papel de evidenciar o caráter irreduzível da pulsão, em relação àquilo que poderia ser traduzido em conteúdos psicológicos perfeitamente delimitados.

\*\*\*

Destacando-se dos tipos de meta característicos da organização que a antecede, na genitalidade a finalidade vincula-se propriamente a um “objeto sexual alheio”. Assim, introduz-se na dimensão da satisfação, do prazer, a importância do objeto total, do outro.

---

<sup>103</sup> Idem. *Os instintos e suas vicissitudes*, (1915), 1996i, p. 126.

É preciso atentar que, quando se fala do objeto total, devemos considerar aí o ponto de vista do sujeito, e não apenas do observador externo numa situação genérica.

Com o que temos até aqui, fica claro que o *outro* assume também um lugar na questão econômica, pois está inserido pela mediação da finalidade ou meta, na qual importa para o alívio da tensão sexual que o objeto seja um outro. A finalidade é o conceito freudiano que mais aproxima o outro – considerado em sua dimensão de alteridade – da metapsicologia da dimensão econômica. Agora é possível compreender melhor esta característica diferencial da organização genital, do ponto de vista econômico: *uma nuance na economia pulsional em que a satisfação demanda um outro, reconhecido enquanto tal.* Parece-me, cada vez mais, que a dimensão relacional da psicanálise deve necessariamente se fazer presente na dimensão pulsional, em reverberações deste tipo que acabei de descrever. O inverso deve também ser verdadeiro, com a dimensão pulsional (em sua nuance mais fundamental, econômica e energética) fazendo-se ouvir nas teorizações mais relacionais, reverberando aí uma falha, como aquilo que está para além da intersubjetividade. No limite, podemos tomar como exemplo bem característico disto a pulsão de morte. Aqui se entrevê também o limite das figuras da intersubjetividade<sup>104</sup>, como o que escapa a isto (ainda que não completamente); afinal de contas o pulsional é este registro que nunca se reduz completamente nem ao sujeito, nem ao objeto – nem mesmo no nível da gênese ou origem do psiquismo e da relação com o outro. E isto tampouco pode ser equacionado com a questão da alteridade, na qual a irredutibilidade que está em jogo diz respeito ainda a outros fatores.

Há um aspecto curioso acerca da sexualidade infantil que serve para pensarmos estas questões numa situação mais concreta. A imaturidade sexual na criança, que

---

<sup>104</sup>Cf. COELHO JUNIOR, Nelson E.; FIGUEIREDO, L. C. Figuras da intersubjetividade. In: *Interações*, vol. IX, nº 17, p. 9-28, jan-jun/2004.

caracteriza uma diferença com o desenvolvimento de outros aspectos, é ressaltada por Freud em dois pontos: o papel do sêmen e o orifício sexual feminino, que figuram como os principais enigmas da sexualidade infantil. O primado genital define-se no enigma infantil da emissão das células germinais, “a serviço da função reprodutora”, e cuja finalidade exige um “objeto sexual alheio”. Vemos neste momento uma das passagens onde o surgimento do outro é contingente a uma função do organismo, num ponto de vista mais biologizante. Mas mesmo nesta dimensão mais ‘crua’ da sexualidade, na qual a questão é quase que exclusivamente pensada em termos organicistas, não há, a meu ver, uma explicação suficiente da dimensão econômica presente aí: qual a característica do alívio de tensão nesta situação particular, na passagem das metas relativas às pulsões parciais à meta na organização genital?

Normalmente, a mera emissão das células germinais, p.e. numa situação de masturbação solitária, certamente traz um tipo de satisfação sexual muito inferior àquela proporcionada pelo ato a dois, fato que não pode ser explicado meramente por fatores fisiológicos. É Ferenczi que desenvolverá mais minuciosamente toda a nuance de identificações e misturas entre os parceiros na execução do ato sexual, colocando a dimensão mais ‘biológica’ ou funcional em estreita relação com os aspectos mais imaginários (conforme o criativo *Thalassa*<sup>105</sup>). Torna-se mais claro, com este autor, qual a importância de se percorrer toda a montagem pré-genital no ato sexual, até se alcançar um estado propício para que o alívio da tensão ocorra de forma apropriada, quando então se atinge um certo grau de fusão entre os parceiros, condição necessária para que o homem possa desprender-se de uma parte de si – as células germinais – que também é, neste momento, a totalidade de si próprio. A genitalidade adquire este caráter arregimentador e

---

<sup>105</sup> FERENCZI, Sándor. *Thalassa*, ensaio sobre a teoria da genitalidade. [1923], 1993.

finalista pelo efeito de extinção temporária da tensão libidinal, ao passo que os prazeres pré-genitais preliminares, concomitantemente à sua satisfação, provocam um aumento da tensão sexual (pré-prazer, em oposição a um prazer final). Freud fala deste aumento de tensão que cada satisfação parcial gera, por sua vez, até o alívio genital final; mas isto para ele é um enigma também, este movimento paradoxal entre satisfação e estimulação, explicitado por Ferenczi com maior clareza.

A *pulsão* caracteriza-se neste seu aspecto fronteiriço, algo entre os aspectos constitucionais, um passado mítico filogenético, o prazer de órgão, os cuidados maternos, o surgimento deste *outro* alheio a mim, os entremeios do par sujeito-objeto. O que sustento aqui é que seu valor reside justamente na sua irredutibilidade a qualquer tentativa de assimilação a um ou outro campo mais fechado – fato que não passa despercebido por aqueles que justamente procuram descartar o conceito em nome de uma teorização mais fechada e menos conflituosa. Mas é por situar-se nesta dimensão paradoxal entre sujeito e objeto que a pulsão – e por que não, toda dimensão econômica da psicanálise – pode evidenciar nuances e complexidades absolutamente fundamentais para a justa compreensão da constituição da subjetividade.

*Representante, por um lado, Representante, por outro.*

O estatuto da pulsão no psiquismo não é, obviamente, algo simples. Há a dificuldade de se tratar de um conceito que toca regiões obscuras, como o não-psíquico, ou o orgânico. De qualquer forma, um certo paradoxo é criado ao longo dos diferentes

momentos em que Freud definiu o que pensava ser a pulsão. Acredito que podemos agrupar estas definições em dois tipos:

a) aquelas que a descrevem enquanto *representante psíquico de estímulos endossomáticos, de processos internos;*

b) aquelas que a descrevem enquanto *algo que não pode (nem inconscientemente) estar presente em si no psiquismo, mas somente por seus efeitos:* naquilo que supomos engendrá-la (fonte, pressão, finalidade e objeto) e nos impactos que produz aí, a que normalmente denominamos exigências de trabalho.

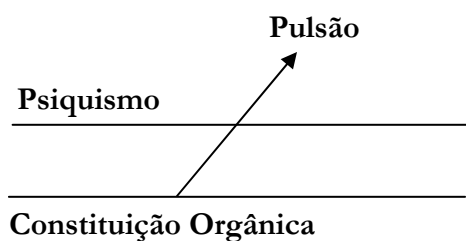
Talvez parecesse, a princípio, suficiente considerar a pulsão como um *representante*, no psiquismo, daquilo que é somático. Não obstante, Freud fala também de representantes *da* pulsão no psiquismo, “*triebrepräsentanz*”<sup>106</sup>. Por um lado, com o primeiro tipo, temos uma boa definição de representante do ponto de vista da biologia, pois aponta para a instalação da pulsão nos domínios que estão para além daquela – o psiquismo. Por outro, com o segundo tipo, o ponto de vista do psiquismo que é privilegiado, pois a definição de representante *para* a pulsão mantém desta seu caráter exógeno e, neste caso, biológico. Pelo visto, a pulsão é um representante que precisa de um representante. Essa é uma montagem conceitual que garante a irredutibilidade necessária para que a pulsão mantenha seu caráter fronteiriço, nunca podendo ser plenamente assentada em qualquer dos domínios (somático ou psíquico). Esse paradoxo desvela o problema complexo que existe na tentativa de estabelecer os limites da fronteira entre psique e soma.

---

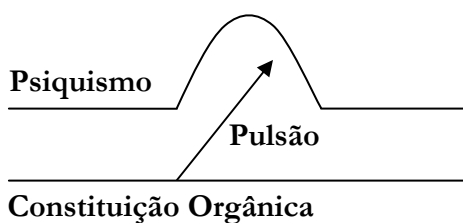
<sup>106</sup> Freud utilizou-se, em outros momentos, do termo “*revestimento psíquico*” para designar uma configuração psicológica que acompanharia um determinado movimento pulsional. Por exemplo, como a libido passa por diversas organizações, o masoquismo primário também adquiriria, assim, uma variação em seus *revestimentos psíquicos*.

Freud, numa das definições a meu ver mais precisas sobre o que seja a pulsão, exprime este seu caráter fronteiro em seus dois níveis de representação: “medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo”<sup>107</sup>

Vejam os mais detidamente, então, alguns detalhes desses níveis de representação, que se interligam. Num primeiro momento, a pulsão pode ser ela mesma considerada um representante do soma no psiquismo:

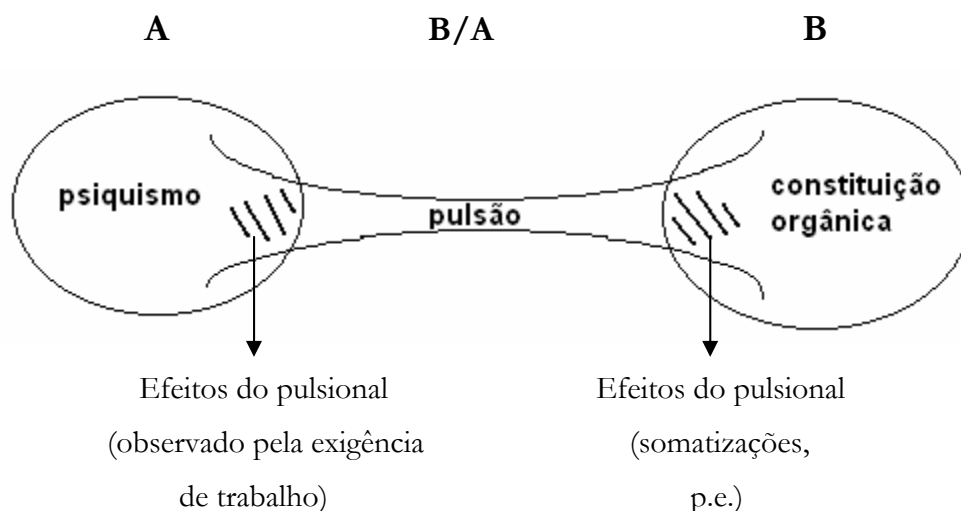


Sob um outro vértice, temos a pulsão fazendo-se presente no psiquismo apenas indiretamente (por seus efeitos):



Num terceiro modelo, temos a pulsão como algo fronteiro, que não pertence propriamente à psique ou à constituição orgânica, podendo ser tomada como representante de um ou outro dependendo do âmbito em que é considerada:

<sup>107</sup> FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes (1915), 1996i, p. 127.



Por um ponto de vista, o do psiquismo (A), teríamos que supor tanto a pulsão quanto a constituição orgânica enquanto (B), ao passo que, do outro ponto de vista, a da constituição orgânica (B), teríamos que supor tanto a pulsão quanto o psiquismo enquanto (A). Mas também, ao mesmo tempo, o pulsional é aquilo que está *entre* uma coisa e outra (apesar de Freud geralmente dar a entender que há uma ligação mais direta entre o somático e o pulsional do que entre este e o psíquico).

Este último diagrama, contudo, é meramente ilustrativo de uma *dinâmica* operada pela lógica pulsional, pois teríamos de supor que, na realidade, o que se passa é uma superposição dos três conjuntos, em que: o pulsional seria tão somente um conceito que expressa as relações entre o físico e o mental, o orgânico seria tão somente a abstração do corpo sem o psíquico, e o psíquico tão somente a abstração do corpo sem o orgânico. Desta forma, ainda que na realidade tenhamos uma ligação muito mais visceral e imediata entre o que é psíquico e o somático, por outro lado estes não se esgotam numa mesma coisa, um não pode ser tomado como exatamente a mesma coisa que o outro; é em nome destas distinções que vale a pena pensarmos em modelos didáticos como os expostos, que apontam para aspectos diversos da experiência e conceituação do que seja a pulsão.



Com isto que acabamos de ver, temos agora uma confirmação deste caráter fronteiro da pulsão em sua própria definição, o que reforça o argumento de que seu valor heurístico está justamente neste lugar paradoxal que ocupa entre sujeito e objeto, entre o somático e o psíquico, entre o biológico e o psicológico. A dificuldade de delimitação deste conceito, antes de ser motivo para embaraço, constitui a fonte mesma do que ele tem de mais valioso.

### *O contraponto do argumento biologizante e disposicional em Freud*

Ao retomarmos com Freud a questão do surgimento do objeto total, com o primado genital, há uma associação disso com “condições somáticas da puberdade”, ligando a temática do objeto a algum nível de constituição orgânica do sujeito. São dois os fatores de transformação na puberdade que contam para o primado genital (com o subsequente reconhecimento do outro): as inibições sobre as pulsões parciais auto-eróticas e as modificações orgânicas. Provavelmente, refere-se com estas últimas à possibilidade de emissão das células germinais, para os meninos, e à possibilidade de gestação, para as meninas. Faremos agora uma pequena digressão a respeito dessa temática do orgânico, dos biologismos na psicanálise em Freud, pois acredito que isto é fundamental para compreendermos isso que venho chamando de *natureza fronteira da dimensão econômica*, aspecto crucial para melhor compreendermos a conjugação entre sujeito e objeto.

Chama a atenção o fato de que, no texto freudiano, não há qualquer problema em se tomar toda a discussão mais psicológica (que temos acompanhado e desenvolvido até aqui) em concomitância com uma dimensão especificamente biológica. Neste ponto, pode ser que tenha ocorrido ao leitor lembrar da importante controvérsia entre as ciências do espírito (*geisteswissenschaften*) e da natureza (*naturwissenschaften*) – ocorrida no séc. XIX, mas cujos reflexos se fazem presentes até os dias de hoje. Pois bem, Freud nunca se preocupou muito com essas discussões; para ele, a psicanálise pertencia obviamente a este último grupo. Isso poderia levar-nos à conclusão mais simples de que esbarramos aqui no cientificismo e biologismo de uma teoria que pretendia aproximar-se dos moldes da química ou da física. Ainda que este tipo de influência do discurso científico seja inegável, o risco que está em jogo aqui é o de termos uma leitura displicente e dogmática de todas as partes do texto freudiano que remetem a esta dimensão biológica, seja no sentido de excluí-las, seja no sentido de rapidamente transformá-las noutra coisa. Para Freud, de fato, o que difere estas daquelas, ciências da natureza e do espírito, relaciona-se mais ao estatuto de seus *a priori* do que à divisão entre corpo e mente, orgânico e psíquico. Ao contrário das ciências do espírito, cujos fundamentos são desde o início claros e muito bem delimitados, a psicanálise, tal como as ciências da natureza, a princípio pouco pode dizer de seus fundamentos, que tendem a ser mais axiomáticos (por exemplo, o conceito de pulsão).

É preciso ter em conta que, apesar de Freud percorrer a dimensão biológica concomitantemente com a dimensão psicológica, não se trata, obviamente, de uma investigação biológica. Tampouco podemos reduzi-la sempre a metáforas. E afinal de contas, porque não tomar, em certos momentos, aquilo que Freud expõe em termos da biologia como sendo de fato biologia – *pelo menos enquanto domínio estrangeiro ao psiquismo?*

É muito comum encontrarmos em Freud o tipo de argumentação que busca desencorajar qualquer tentativa de se ater exclusivamente a aspectos constitucionais ou a acidentais. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, por exemplo, ao falar dos casos “mistos” ou “temporários” de inversão da opção sexual normal, aponta que fica difícil sustentar qualquer tese inatista; pelo menos se assumiria que há casos de inversão em que contassem outros fatores. Vai procurando abrir brechas na concepção meramente fisiologizante que dominava o assunto à época, para introduzir a dimensão psíquica no debate. Entretanto, faz questão de marcar a existência simultânea de algum grau disposicional. E porque situações de vida similares podem resultar em casos diferentes, há que se ponderar aí um certo grau de disposição. Entretanto, há outros momentos em que Freud irá enfatizar ora um, ora outro fator como mais significativo.

Podemos pensar esta oscilação entre explicações psicológicas e biológicas que Freud recorrentemente faz de um modo mais sofisticado do que meramente opô-las ou procurar corrigir uma em função da outra:

a) Podemos pensar em cada uma delas como um sistema coerente em si, ocorrendo paralelamente, com eventos ou finalidades próprios: eventualmente se aproximam, mas não podem ser reduzidos um ao outro.

b) Podemos também pensá-las como séries complementares, ou como modelos em uma lógica de complementaridade.

De fato, ao falar em termos da biologia, Freud parece muito mais um naturalista, que vai então cotejando certos elementos que observa ou deduz (geralmente em termos funcionalistas) com o foco psicanalítico.<sup>108</sup>

---

<sup>108</sup> Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, conforme explica Strachey, a numeração das seções só aparece, no original, no primeiro dos ensaios. É como se, ao longo do texto, o assunto dispersasse num

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud vai argumentando em níveis diferentes de compreensão destes fenômenos da sexualidade. Fala, p.e., num sentido mais funcional, biológico, fisiológico (e mesmo químico); mas também conjuga a compreensão psíquica destes fenômenos, num interjogo no qual as heurísticas de um e outro nível remetem-se e exigem-se continuamente, sem que este movimento se esgote. Num determinado momento do texto, irá tratar então do encontro libidinal do objeto, a partir do primado genital, deste outro alheio e agora necessário (em seu estatuto de outro total) para que uma finalidade (ou meta) específica possa ocorrer – considerações de caráter eminentemente econômico, que muito se aproximam das necessidades fisiológicas em geral. Mas logo acrescenta que:

Ao mesmo tempo, consuma-se no lado psíquico o encontro do objeto para o qual o caminho fora preparado desde a mais tenra infância. Na época em que a mais primitiva satisfação sexual estava ainda vinculada à nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto fora do corpo próprio, no seio materno. Só mais tarde vem a perdê-lo, talvez justamente na época em que a criança consegue formar para si uma representação global da pessoa a quem pertence o órgão que lhe dispensava satisfação. Em geral, a pulsão sexual torna-se auto-erótica, e só depois de superado o período de latência é que se restabelece a relação originária. Não é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro.<sup>109</sup>

Quer dizer, ao lado das considerações quase fisiológicas (porque afinal de contas a pulsão exige isso, algo que escape ao ‘puramente’ psíquico), ressalta um tipo de relação originária quando o objeto contara efetivamente como tal para o bebê, ainda que ele não

---

campo irregular demais para sistematizá-lo esquematicamente, numa seqüência. Há apenas certo seguimento em relação aos três grandes eixos que formam os três ensaios. Este texto lembra um tanto o estilo de escrita de Winnicott, que vai ressaltando pelos tópicos os conceitos ou pontos mais interessantes ou mais importantes, e sua relevância é que determina a cadência do texto, mais do que uma sistematização epistemológica.

<sup>109</sup> FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (1905), 1996q, p. 210.

pudesse fazer qualquer apreciação a respeito disso no sentido do reconhecimento da alteridade implicada aí.

Especialmente na escolha de objeto por apoio, Freud chama a atenção para um tipo de vínculo em que o que conta é a relação de cuidado, nos moldes da relação do bebê com quem o amamenta; no entanto, para Freud isto, em momento algum, exclui ou antepõe-se aos vínculos de satisfação libidinal. Às vezes, por exemplo com Winnicott, tem-se a impressão de lidar com dois momentos segmentados ou estanques, um ligado ao eu e outro libidinal; mas, pelo que aqui vai sendo apresentado com Freud, fica difícil imaginar que esses dois aspectos da constituição do psiquismo não estejam influenciando-se mutuamente desde o início. É nesse sentido que Freud, logo após o trecho citado acima, falará do “Objeto sexual na fase de amamentação”, ressaltando que:

O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa – usualmente, a mãe – contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como um substituto de um objeto sexual plenamente legítimo.<sup>110</sup>

Isto será levado às últimas conseqüências por Laplanche, em termos da sedução, resgatada e elevada ao estatuto de uma teoria generalizada<sup>111</sup>.

Ainda sobre este caráter simultâneo da dimensão pulsional e ‘intersubjetiva’, há nesse mesmo texto uma nota muito clara e específica na qual Freud faz uma correção em relação ao modo como expôs, no texto sobre o pequeno Hans<sup>112</sup>, o auto-erotismo e o amor de objeto: “Tive ainda minha atenção chamada para uma falha na exposição feita no

<sup>110</sup> FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905), 1996q, p. 210.

<sup>111</sup> Mas isso é um pouco diferente da concepção presente aqui, pois Freud fala em “despertar” a pulsão, mais do que instaurá-la. Mas não cabe aqui entrar no mérito dessa discussão.

<sup>112</sup> Cf. Freud, S. *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos* (1909), 1996b.

texto, que, em prol da clareza, descreveu a distinção conceitual entre as duas fases, de *auto-erotismo* e de *amor objetal*, como se fosse também uma separação temporal.”<sup>113</sup> E, mais adiante, define a vida sexual infantil como “essencialmente” auto-erótica, o que não raro é tomado como ‘exclusivamente’. Desta forma, é em momentos como este que temos clareza do papel do objeto, para além de um mero pretexto para a satisfação libidinal<sup>114</sup>.

### *Sobre este Outro Primário, numa Relação Originária*

Devemos agora nos deter especialmente sobre este “outro primário”<sup>115</sup>, que nos coloca a questão de se é possível considerar com Freud algum outro fator, além da organização libidinal na relação que a criança tem com o outro, neste período de cuidados iniciais. Freud fala, por exemplo, da escolha objetal de uma única pessoa, mesmo antes da primazia genital sobre as pulsões parciais.

---

<sup>113</sup> FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905), 1996q, p. 182.

<sup>114</sup> Para Freud, outra dimensão em que é possível observar tal movimento teleológico do sujeito para além de si está na perpetuação do material genético – que do ponto de vista biológico coloca o indivíduo como secundário frente a algo que está para além de sua existência. A partir desse ponto de vista, o prazer do ato sexual genital seria uma compensação ao indivíduo para esse comportamento, que favoreceria a perpetuação do material genético. É importante notarmos que essas explicações de índole biologizante não caem num evolucionismo funcionalista ingênuo em que quaisquer explicações estão justificadas por um fim que já conhecemos de antemão (uma corruptela da teoria evolucionista): tais explicações, quando utilizadas por Freud, consistem em contrapontos ou confirmações de caráter complementar a outras heurísticas, tais como a fisiologia ou mais propriamente a psicologia. Por exemplo, podemos tomar a condição da pulsão ser um conceito fronteiro, de escapar ao sujeito e ao objeto – Freud utiliza-se da aproximação à biologia para caracterizar a natureza mesma disto, como *algo impessoal e sujeito à lei natural*: “O próprio Groddeck, indubitavelmente, seguiu o exemplo de Nietzsche, que utilizava, habitualmente este termo gramatical [Id] para tudo que é impessoal em nossa natureza e, por assim dizer, sujeito à lei natural.” (*O Ego e o Id*, p. 37 nota 2). De qualquer modo, o que está em jogo aqui é que, para além do que diz respeito ao ego, há uma função que o transcende, e é nisso que se ancorada a dimensão libidinal, cuja finalidade apontaria, a princípio, sempre ao objeto.

<sup>115</sup> Ver citação da p. 98.

Após a incursão pelo desenvolvimento das pulsões parciais, chega-se ao momento de *(re)encontro do objeto*, que coincide com a saída do auto-erotismo, pelo primado genital. Este se coloca numa classe diferente da organização da pulsão parcial que o antecedeu, pelo fato de arregimentá-la e redirecioná-la para fora, para outra pessoa. O fenômeno antes descrito, de supervalorização e propagação da valoração das partes para o todo<sup>116</sup> deixa de ocupar o papel principal na explicação dessa passagem para o primado genital. Parece que Freud chega a uma outra explicação, menos atrelada à montagem libidinal. Este encontro com o objeto já está, desde há muito tempo, agendado: é que a pulsão sexual, quando de seu apoio na pulsão de nutrição, conheceu este objeto que não era seu corpo, e foi só na perda deste objeto que o auto-erotismo entrou em cena, instaurando as pulsões parciais autônomas. Poderíamos nos colocar a questão de saber o que vem primeiro: se é a possibilidade de satisfação genital (dimensão econômica) que permite a vinculação a um objeto total (dimensão ‘intersubjetiva’), ou se é a possibilidade de encontro com um objeto total (dimensão ‘intersubjetiva’) que permite o desenlace e retomada do jogo das pulsões parciais (dimensão econômica) num primado de satisfação genital. Uma terceira possibilidade, que me parece a mais acertada, é a de que *a saída genital (em seu caráter libidinal) e o encontro com o objeto são na verdade um só evento, e ambos relacionam-se à constituição do sujeito*. Nem só a pulsão nem só o outro alheio constituem fatores *suficientes* para que aconteça este reencontro do objeto, este reconhecimento de um outro alheio a mim.

Mas consideremos ainda um pouco mais a questão, através da idéia de “tensão sexual”. Mesmo no período de latência, ou antes, já há um certo efeito do primado genital

---

<sup>116</sup> Conforme discutido mais acima, p. 75.

adiantado, na medida em que o órgão sexual torna-se fonte de satisfação (“ainda sem finalidade”). Com esse termo, Freud está descrevendo o processo de excitação sexual, que inclui o movimento aparentemente contraditório de satisfação e aumento da tensão. De fato constitui um problema saber como, a partir de um prazer, de uma satisfação, surge um novo montante de tensão que, se não for atendido em uma nova meta, gerará desprazer. Quando o sujeito atinge a satisfação do prazer final, genital, momento em que o prazer é o mais intenso, não há mais este aumento concomitante da tensão, de forma que é preciso explicar esta diferença de situações entre os tipos de satisfação. Começa com a hipótese de uma tensão fisiológica oriunda da substância sexual, que demandaria ser expelida. Mas tal explicação não dá conta das mulheres, da criança e dos castrados, de forma que deve haver outro fator mais fundamental.

Há este curso da excitação pelas pulsões parciais até atingir a pulsão propriamente genital, num movimento duplo de “satisfação sexual” e “excitação sexual” (alívio e aumento de tensão, respectivamente). Em outras palavras, a satisfação de cada pulsão parcial não chega a causar uma extinção eficaz do movimento libidinal como um todo, mas senão que aumenta e canaliza esta tensão em direção à satisfação genital – que, daí sim, leva à extinção temporária da libido. Um início para pensarmos este problema está na seguinte questão: como poderíamos imaginar, apenas em termos da satisfação libidinal, que a criança pudesse abrir mão de um tipo de satisfação mais simples e imediato (no auto-erotismo), em nome de um outro tipo muito mais trabalhoso? A saída de uma satisfação que já está garantida só faz sentido frente a:

a) uma impossibilidade desse tipo de satisfação dar conta da tensão que é criada concomitantemente, como se esta última tivesse uma demanda desde o início que só poderá ser satisfeita no encontro com o objeto total;



b) uma satisfação maior (em intensidade) ou mais completa (cuja finalidade é mais apropriada, conforme a situação *a*). De fato, esta possibilidade é complementar à primeira.

Retornemos àquele momento originário, o primeiro contato com o objeto, que Freud chama de “relação originária”; ainda é necessário que compreendamos como se *instala* o auto-erotismo. A organização auto-erótica não é anterior ao contato com um objeto alheio, senão que é justamente uma renúncia a este, em troca de um objeto situado no próprio corpo. Freud irá relacionar esta perda do objeto primário ao reconhecimento da *representação do todo* deste outro – a mãe<sup>117</sup>. Ou seja, frente às demandas do bebê nesse início (quando havia contato real com o objeto), aquele seio aparece, a partir de um determinado momento, como uma alteridade que impede a satisfação onipotente. A partir desse momento, a satisfação, de um modo geral, passa a estar ligada a impulsos parciais, que não necessitam da convivência ou permissão deste outro. É como se o *self* do bebê não tivesse ainda segurança suficiente para buscar satisfação noutro lugar que esse campo indiscriminado a partir de si mesmo, onde não há limitações, não há barreiras entre um e outro, entre sujeito e objeto – *aqui não há trocas, do ponto de vista do bebê, mas apenas criação*. Podemos supor, neste momento, que a mãe não pode ser suportada enquanto um *self* separado do bebê, pois que não há do lado deste uma ancoragem própria, um *self* suficientemente estabelecido para que pudesse haver então trocas e comunicação entre duas subjetividades já constituídas. A mãe, considerada cedo demais enquanto um objeto total, teria necessariamente um caráter traumático, invasivo. Assim, no exato momento em que este outro primário mostra-se enquanto um *outro* (p.e., numa situação de

---

<sup>117</sup> FREUD, Sigmund. Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905), 1996q, p. 210.

frustração), imediatamente perde o seu estatuto, pois não há ainda condições de o bebê reconhecê-lo enquanto tal – é desta forma que se inicia o auto-erotismo.

A oposição dentro/fora não deve ser confundida com oposição eu/não-eu. No primeiro caso, que nos interessa mais aqui, Freud atribui sua origem à relação diferenciada do corpo (ação muscular) em relação a estímulos que vêm de fora e outros que vêm de um “mundo interno”. O binômio familiar-estrangeiro é algo que provavelmente conhecemos antes do binômio eu/não-eu.

Então, melhor dizendo, talvez nesse momento mítico do primeiro contato com um objeto real, não ocorra exatamente o reconhecimento do outro como um todo, *mas o conhecimento de uma região para além do si próprio, uma região não-si*, o que é coisa diferente.<sup>118</sup> Se essa explicação é correta, corroboram-se um tanto as idéias kleinianas de um ego primitivo e dos mecanismos de projeção precoce. Pois que, no início, não haveria ainda o reconhecimento de um *outro* (ou de si mesmo enquanto sujeito entre outros), mas sim de uma região desconhecida, cujo controle e satisfação são incertos. A partir daí, teríamos a conclusão lógica que também o sujeito só pode experimentar-se plenamente enquanto tal na mesma medida em que vai reconhecendo o objeto total. É um caminho progressivo nos trilhos das possibilidades de auto-descentramentos – nesse caso, saída da onipotência – que, paradoxalmente, é a condição de apropriação de si como sujeito. Parece que o “tornar-se pessoa”, ou o “sentir-se alguém”, de Winnicott, guarda alguma relação com isso.

Mais freudianamente, é a “representação global da pessoa *a quem pertence* o órgão que lhe dispensava satisfação” que é responsável pela perda deste objeto primário. Ou

---

<sup>118</sup> E o que resulta disto, é que “Para o ego do prazer, o mundo externo está dividido numa parte que é agradável, que ele incorporou a si mesmo, e num remanescente que lhe é *estranho*.” (*Os instintos e suas vicissitudes*, p. 141. Grifo meu.)

seja, essa relação de *pertença* parece ser o fator que abala o *status* da representação do objeto que o bebê deseja (um objeto pleno de satisfação) justamente pelo que vínhamos apresentando, de situar o objeto de desejo numa região de alteridade, ou não ‘mesmidade’, mais exatamente, que é reconhecida antes do *outro* da alteridade: o bebê *percebe*, assim, que este objeto primário não pode ser o objeto de pura satisfação porque possui uma dimensão que escapa ao seu desejo, uma dimensão talvez um pouco perigosa, porque incerta, onde as coisas não correspondem exatamente ao esperado, e que ameaça esta ‘potência criativa’ que caracteriza a situação de onipotência. Além disso, talvez esta seja a primeira semente de uma relação entre parte e todo, uma relação metonímica que marcará presença de modo crucial nas situações mais tardias da castração (do fetiche etc.) e do narcisismo. Parece que a origem dos processos metonímicos no psiquismo tem seu início justamente aí, no desconhecimento do *outro* e de *si* cada qual uma totalidade, na tomada de *partes*, e no choque do reconhecimento da relação de pertença entre um e outro, quando então o caráter “total” daquela parte perde-se e redimensiona-se num outro nível. É a possibilidade de *recusar* o outro em sua totalidade (ao mesmo tempo em que continuo reconhecendo este todo<sup>119</sup>) que dá tempo ao psiquismo para que ele possa consolidar-se melhor nas suas capacidades de tolerar a frustração, e possa então *reencontrar* o objeto total.

Agora nos encontramos mais bem posicionados para entender como é que se dá esta passagem da organização parcial para a total: é só porque há uma marca desse contato com o objeto primário que foi renegado, que podemos pensar então numa direção do amadurecimento psíquico rumo ao primado genital. Este amadurecimento não seria um desenvolvimento linear, mas sim um retorno, um *reencontro*, tal como Freud

---

<sup>119</sup> Conforme a discussão sobre o fetiche, no primeiro capítulo deste estudo.

sugere. Este objeto primário estaria de fato perdido, *mas não o impacto da experiência do bebê com ele* – por isso que, mesmo do ponto de vista estritamente econômico, podemos supor um motivo para a insuficiência da satisfação parcial, pois esta marca deixada pelo objeto originário demandará a futura *finalidade* ou *meta* genital, ligada a um *outro*, a um objeto total<sup>120</sup>.

É só porque, em alguma medida, pude em algum momento conhecer o *outro*, e depois perdê-lo em mil partes, que é possível estabelecer o interjogo metonímico, e investir uma parte *como se fosse* o todo. Há aqui uma espécie de paradoxo, pois o ‘centramento’ auto-erótico é a condição em que justamente nem o objeto nem o sujeito podem ser considerados como entidades totais: de forma onipotente, estão misturados e dispersos neste campo de pulsões parciais. Ou seja, é nesta condição de auto-centramento e onipotência que os contornos do sujeito e do objeto estão esmaecidos, quando então podem ser tomados como partes, e não faz sentido neste momento perguntar *a quem* pertence este ou aquele objeto de satisfação, ou ainda, *de quem* depende esta ou aquela satisfação. Por outro lado, é na saída do auto-erotismo, num movimento de *descentramento* do lugar de onipotência, que sujeito e objeto podem ser tomados como entidades totais, separadas.

---

<sup>120</sup> Que fique claro, também, que este *objeto total* da satisfação genital não é, e nem nunca poderá ser aquele *objeto primário*, pois o sujeito também não pode nunca mais ser aquele ‘sujeito originário’ (no texto *Os Instintos e suas Vicissitudes*, (1915), 1996i, p. 139, Freud, e também Strachey, mencionam numa nota a existência deste contato primordial com um “agente externo”, e de um “ego da realidade original”). Assim, na ocasião do “ego da realidade” original, há um contato imediato e direto com o mundo externo, mas seu estatuto é completamente indiferente para o bebê, que provavelmente vive num estado de indiscriminação entre o que seja um sujeito, ele próprio, e um outro. Com o “ego do prazer”, é que então o mundo externo pode ganhar uma conotação de ser algo ruim, para onde projeto, ou de ser algo bom, que depois trago para mim. Essa disparidade entre o objeto primário e o objeto total reencontrado, juntamente com a dimensão biológica da pulsão, parece ser o motivo da insuperável defasagem da satisfação em relação ao desejo.

## *Considerações Gerais*

Ao longo deste capítulo, espero que tenha ficado claro o papel e importância do eixo econômico da psicanálise, a partir de Freud, no que conte para a compreensão da relação sujeito-objeto. Creio que isto se coloca como uma crítica a uma certa tendência, em algumas leituras, de ignorar os aspectos econômicos ou pulsionais da teoria e da prática clínica. É claro, procurei ater-me mais aos aspectos que envolvessem a relação sujeito-objeto, sem qualquer pretensão de uma leitura sistemática da questão econômica em Freud (a questão das defesas, ou dos sintomas, p.e., foram deixadas de lado). A partir da pesquisa da complexa relação entre sujeito e objeto, esta dimensão pulsional coloca-se como um campo de vinculação absolutamente essencial para a compreensão dessa relação, e isto não é desconsiderar que existem aspectos que estão para além desta dimensão. De fato, as distinções em termos tópicos, econômicos e dinâmicos possuem seu valor na compreensão e fundamentação do corpo teórico que está na base (e que se alimenta) da prática clínica. Entretanto, é importante não perdermos de vista que, na prática, não é possível fazer tal segmentação dos fenômenos, e que estes eixos estão superpostos. O que importa aqui é a possibilidade de uma melhor compreensão desta discussão acerca da constituição da subjetividade, na qual sujeito e objeto encontram seu lugar.

A partir do conceito de ambivalência, vemos como este *outro* (que, embora seja também um sujeito, é definido aqui na maior parte do tempo pelo termo *objeto*), vai abrindo à força um ‘oco’ na teoria, criando ambigüidades, paradoxos e rachaduras. Este é o solo fértil de onde partem as discussões mais contemporâneas em psicanálise, nas quais

os autores puderam levar a termo, cada um para o lado que mais lhe interessou, as questões acerca do objeto, do outro, da alteridade. Vimos como o surgimento deste “outro total”, considerado em seu próprio papel e importância, constitui uma passagem problemática para Freud, que tem de haver-se com isso mesmo tendo em vista que suas lentes apontavam para outras problemáticas. Não obstante, aos poucos, reencontra um lugar mais confortável para este *outro* que força passagem na consideração da economia e constituição psíquica do sujeito, como p.e. com o conceito do *amor*.

É nesse mesmo sentido que pudemos ver, na pulsão, este caráter *fronteiriço*, que permite a ela ocupar um lugar estratégico e operador nos engendramentos da intrincada relação sujeito-objeto. A pulsão correlaciona-se não exatamente com o objeto, mas com as próprias possibilidades de ligação-desligamento do par, de modo que sujeito e objeto horizontalizam-se numa situação de constituição mútua. Além disso, penso que a dimensão constitucional, o aspecto orgânico, é o que garante este peculiar lugar à pulsão, ‘um representante duplamente derivado’. A tentativa de exclusão radical da dimensão biologizante em Freud revela a dificuldade em nos desvencilharmos da divisão mente-corpo operada pelo pensamento moderno. Ignora-se, desta forma, um dos aspectos mais impressionantes em Freud, tendo em mente sua formação no círculo vienense do final do séc. XIX, a saber, colocar-se completamente indiferente quanto às acirradas discussões acerca da divisão e delimitação do saber em ciências do espírito e da natureza, e poder circular sem maiores pudores pela biologia, física, estética, ou qualquer outra dimensão que lhe ajudasse a pensar a psicologia.

Por fim, levantarei dois aspectos a partir do texto *O problema econômico do masoquismo*<sup>121</sup>, que dizem respeito à compreensão da metapsicologia – um mais específico na questão da *meta* ou *finalidade* da pulsão, e outro acerca do *percurso* da metapsicologia ao longo da obra freudiana.

Nesse texto, Freud retoma sua exposição do masoquismo feita nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, incluindo uma dimensão de *qualidades* para além da questão quantitativa do princípio do prazer: “O prazer e o desprazer, portanto, não podem ser referidos a um aumento ou diminuição de uma quantidade (que descrevemos como ‘tensão devida a estímulo’), embora obviamente muito tenham a ver com esse fator.”<sup>122</sup> Continua mais adiante, supondo que “[...] o ritmo, a seqüência temporal de mudanças, elevações e quedas na quantidade de estímulo” encontrariam seu lugar aí, enquanto fatores qualitativos.

Ora, para Freud, a finalidade equaciona-se à satisfação e, em última instância, remete a este outro alheio a mim, pela via da genitalidade. Toda a miríade de *ações* que levam a isto (*ou conjugações, se incluirmos o ponto de vista do objeto*), são finalidades ou metas intermediárias. Assim, em ambas as montagens da pulsão (pré-genital e genital), é preciso considerar uma mudança metapsicológica se enfatizamos o papel do objeto na constituição do psiquismo: à *meta* ou *finalidade*, devemos conjugar o *entrelaçamento* causado pelo objeto; à *fonte*, devemos conjugar a *qualidade de um estímulo*; à *pressão*, devemos conjugar a *sedução* do objeto, ou ainda seu caráter *obsidiante*. De fato, tais conjugações estão presentes no texto, mas não chegam a ocupar um lugar na formalização metapsicológica acerca da pulsão.

---

<sup>121</sup> FREUD, Sigmund. O Problema Econômico do Masoquismo. (1924), 1996o.

<sup>122</sup> FREUD, Sigmund. O Problema Econômico do Masoquismo. (1924), 1996o, p. 178.

Vejam agora o segundo aspecto. A relação entre estes níveis, o econômico e o tópico, se nos apresenta de tal forma que podemos supor, na passagem em Freud da primeira para a segunda tópica, um movimento de descentramento do psiquismo em relação a si mesmo, o que resulta em uma multiplicidade de figuras (ego, id e superego) e instâncias (tópica, dinâmica e econômica), tornando complexos os conflitos psíquicos para além do primeiro descentramento – inaugurado com a descoberta do inconsciente – na unidade primordial da consciência da filosofia. A introdução do texto *O Ego e o Id*<sup>123</sup> (que será abordado no capítulo seguinte) é uma longa argumentação com a filosofia, em prol do descentramento do sujeito da consciência. A questão dinâmica é a pedra fundamental na argumentação a favor do Ics. O que se combate, na voz do interlocutor imaginário de Freud? O descentramento que põe por água abaixo a pretensão de uma epistemologia absolutamente assegurada na consciência: “A divisão do psíquico em o que é consciente e o que é inconsciente constitui a premissa fundamental da psicanálise...”<sup>124</sup>. Este é o primeiro descentramento – em que o psíquico passa a ser considerado maior que a consciência – a partir do qual vêm todos os outros.

Talvez neste ponto fosse interessante a fórmula de Hillis Miller, do “[...] não apenas isto, mas ao invés disto [...]”<sup>125</sup>, que nos dá uma chave interessante de leitura para este movimento teórico, no qual a rachadura inicial colocada na consciência vai propagando-se e multiplicando-se, de forma a trincar cada novo elemento teórico com outros que surgem, de modo que a noção de conflito ganha cada vez maior complexidade no texto freudiano. O primeiro capítulo de *O Ego e o Id* é uma retomada de uma premissa

---

<sup>123</sup> FREUD, Sigmund. O Ego e o Id (1923). In: *Obras Completas*. Vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996d.

<sup>124</sup> FREUD, Sigmund. O Ego e o Id (1923). 1996d, p. 27.

<sup>125</sup> MILLER, Joseph Hillis. *A Ética da Leitura* (1990). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1995.



fundamental que posiciona a psicanálise frente à filosofia, e é justamente neste ponto que Freud apóia sua introdução do texto em que apresenta a segunda tópica. Podemos ver nele um exemplo notável deste movimento de desdobramento da teoria, que também é o de um descentramento.

O que vem a ser um descentramento no nível teórico? Ora, trata-se de um certo deslocamento do pensamento que o arremete para além dos limites do eixo teórico em que se encontra. No entanto, o eixo anterior nunca é completamente abandonado, e faz-se presente na sustentação disto que é uma ‘rachadura’ entre os modelos teóricos, alimentando tensões e conflitos que são também possibilidades de criação de novos descentramentos.

Pode parecer óbvio, mas devo insistir que, a cada descoberta teórica de Freud, novas possibilidades de compreensão do que sejam a estrutura e o funcionamento psíquicos se apresentam. É preciso estar atento às nuances clínicas que exigem novas formas de compreender esta estrutura e funcionamento psíquico. Penso que o papel do outro e o estranhamento da alteridade têm esse potencial de exigir novas maneiras de enxergarmos a constituição do ego e as relações entre sujeito e objeto. O texto *O Ego e o Id* é descrito por Freud como o resultado da conjugação da teorização da pulsão de morte (cf. *Além do princípio do Prazer*<sup>126</sup>) com a experiência clínica. Isto também vai ao encontro desta idéia de um efeito de propagação, de ‘descentramentos teóricos’, de desdobramentos na teoria. A partir deste tipo de consideração, poderíamos pensar a idéia freudiana de *sobredeterminação* como um elemento chave, não apenas para os eventos clínicos de um determinado paciente, mas no movimento da própria teoria. No âmbito da proposta do presente trabalho, observamos que este eixo de ambivalências entre sujeito e

---

<sup>126</sup> FREUD, Sigmund. *Além do Princípio de Prazer*. (1920). 1996a.

objeto está inerentemente relacionado à manutenção dessa propagação do conflito, nas diversas instâncias.

---

### CAPÍTULO III - A Estrutura do Ego

---

#### *Primeiramente, o investimento narcísico*

No texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*<sup>127</sup>, partindo de quadros de esquizofrenia, ou parafrenia (termo de sua própria sugestão), Freud pergunta-se a respeito da dimensão libidinal nesses casos, quando se observa geralmente um movimento de introversão dos investimentos no próprio ego. Muito antes já havia aventado o dualismo das pulsões do ego e sexuais, mas é com o conceito de narcisismo que teremos mais esclarecida a distinção entre a pulsão narcisista, num caráter geral, e a libido narcisista, trazendo a dimensão mais especificamente sexual para a discussão. Já é possível entrever também nesse texto a aproximação que se consolidará de vez na segunda tópica, na qual as constituições do ego (narcísica) e do objeto (libidinal) ganharão sentido no quadro maior da pulsão de vida. Pensando nesses termos, vejamos como os investimentos sobre o próprio ego ganham expressão em situações tais como a da hipocondria, a do adocimento orgânico e a situação de ser amado, que constituem para Freud exemplos notáveis desta condição da libido. Neste momento, farei algumas considerações mais superficiais que apenas cumprirão o papel de introduzir elementos que serão melhor abordados ao longo do capítulo.

É sabido que ser amado aumenta a *auto-estima*, a estima de si, pois é também um investimento no ego, só que advindo do objeto (daí a baixa auto-estima daquele que não

---

<sup>127</sup> FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: *Obras Completas*. Vol.XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996p.

consegue ser amado). Mais especificamente, Freud compreende a auto-estima enquanto:

- 1) Resíduo do narcisismo primário.
- 2) Realização do ideal do ego.
- 3) Satisfação da libido objetal.

São situações de alguma forma já visitadas anteriormente em outros textos – como podemos observar nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*<sup>128</sup> – mas que agora adquirem outra importância. Com a elaboração do conceito de narcisismo, vemos o característico movimento freudiano de desdobramento e re-significação dos modelos anteriores, desdobrando novas formas de pensar o âmago da própria teoria.

Tanto a doença orgânica quanto a hipocondria implicam um investimento libidinal que reforça as pulsões do ego, às expensas da ligação libidinal de objeto, mas com a diferença de que só na primeira encontraremos as alterações orgânicas que justifiquem em si este movimento. Para Freud, a incapacidade de amar, ou seja, de nos ligarmos libidinalmente a objetos, decorre de uma frustração, que pode ser responsável então por essa torção reflexiva do movimento libidinal em direção ao próprio ego. O retro-investimento libidinal na hipocondria, por sua vez, demanda um hiperinvestimento libidinal no órgão em questão, tal como se fosse um objeto. Ao considerarmos a catexia objetal na situação das neuroses de transferência, temos que diante da frustração esta permanecerá ligada a objetos na fantasia, ao passo que, na esquizofrenia, irá voltar-se para o ego.

A hipocondria (que é uma angústia) seria o resultado da falha da megalomania, diante da contundência da frustração. Enquanto a ansiedade neurótica reporta-se às ligações libidinais de objeto, a hipocondria configura-se como sua contrapartida no que diz respeito à libido do ego. O desprazer da ansiedade hipocondríaca é, a princípio, atribuído por Freud ao aumento de tensão gerada em relação ao ego – a ênfase está no

---

<sup>128</sup> FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (1905), 1996q.

caráter quantitativo; mas depois sugere um outro fator, “alguma função específica dessa magnitude absoluta”. No texto *Os Instintos e suas Vicissitudes*<sup>129</sup>, há uma referência similar ao papel qualitativo da finalidade (*ziel*), só que no que diz respeito ao objeto. Através da fantasia ou idéia de morte do objeto – ou da perda de seu amor – encontraríamos uma outra fonte para a ansiedade na neurose de angústia, advinda da vivência de aniquilamento da condição integrada do objeto total. De modo análogo, na hipocondria uma parte da ansiedade estaria ligada à iminência de perda do investimento que o ego recebe do objeto, assim como ao risco correlato de perda dos contornos de um ego total – e é nessa condição do ego que poderíamos supor estar a “função específica” de que fala Freud. Ou seja, essa “qualidade” de que fala Freud parece apontar para a condição integrada seja do objeto total, seja do ego, ou ainda para a totalidade do movimento pulsional. Tais considerações, devo admitir, só podem fazer sentido tendo em mente a reformulação que o conceito de *ego* sofrerá a partir da segunda tópica; senão vejamos:

Pareceria que o mecanismo do medo da morte só pode ser o fato de o ego abandonar em grande parte sua catexia libidinal narcísica – isto é, de ele se abandonar, tal como abandona algum objeto *externo* nos outros casos em que sente ansiedade. Creio que o medo da morte é algo que ocorre entre o ego e o superego.<sup>130</sup>

Na idéia de um excesso que precisa ser reduzido, antevemos uma parte do motivo pelo qual é necessário, ao longo da vida do sujeito, que ele ‘abandone’ o narcisismo e passe a ter sua libido ligada a objetos. Se isto não ocorre, necessariamente ele adoecer. Veremos um pouco mais adiante como se dá essa questão libidinal, e qual o papel do objeto nisto. Por ora, adiantarei apenas que mesmo o sujeito narcisista não pode se sustentar de forma absoluta, de modo que algum tipo de relação com o objeto será

<sup>129</sup> FREUD, Sigmund. *Os Instintos e suas Vicissitudes*. (1915), 1996i.

<sup>130</sup> Idem. *O Ego e o Id*, (1923), 1996d, p. 70.

sempre imprescindível. Para Freud, somente num grau muito elevado o narcisismo poderia, daí sim, ser considerado patológico, quando a relação com o outro, no lugar de objeto sexual, é completamente abdicada. Em continuidade com a discussão do capítulo anterior<sup>131</sup>, vemos que a possibilidade de encontrar, em Freud, um lugar para a ‘alteridade’ do objeto está eminentemente ligada às vias de reconhecimento de seu lugar enquanto objeto sexual – o que de modo algum limita a envergadura e alcance desses textos nas discussões mais atuais acerca da intersubjetividade.

### *A ligação narcísica com o objeto*

É preciso que aos poucos sejamos capazes de desconstruir a idéia pouco sustentável, mas ainda assim muito presente no senso comum, de que o narcisismo equivale a algo como um fechamento do indivíduo sobre seu próprio umbigo. Quando nos detemos nas minúcias dos investimentos da pulsão, ou nas questões acerca da constituição da subjetividade, um juízo como esse se revela muito pouco profícuo para o entendimento do que seja o narcisismo, principalmente quando tende a ser usado como uma espécie de explicação final na compreensão de quadros patológicos, um fator causal que se basta. Apenas a título de ilustração, por ora, vejamos como Freud compreende esta ligação com o objeto na situação da relação dos pais com seus filhos.

Num dos pontos daquilo que Freud descreveu como uma *saída narcísica de encontro com o objeto*, para uma verdadeira ligação com este, está o nascimento de um filho. Mais

---

<sup>131</sup> Nos tópicos ‘O surgimento, pela libido, do objeto enquanto entidade total’ e ‘Sobre este outro primário, numa relação originária’.

evidentemente no caso da mãe, aquele que já foi parte de si, biologicamente inclusive, passa a ser depositário do amor narcísico, e com a vantagem de ser um porto seguro contra suas próprias restrições e limitações. Para isto acontecer – e aqui está a chave para o encontro com o objeto pela via narcísica – é preciso que, paradoxalmente, o filho seja também reconhecido como um outro, caso contrário ele não preencheria a condição de ser esse porto seguro para o investimento narcísico parental. Se o narcísico não reconhecesse absolutamente nenhuma alteridade no objeto, este também não estaria a salvo também das restrições e limites que lhe pertencem. Uma ligação com o objeto é realizada de fato aqui, mas pela via *libidinal* predominantemente narcisista. Novamente, é principalmente pela justa consideração do narcisismo em sua dimensão libidinal que podemos compreender sua ligação com o objeto, relegando qualquer idéia que vá no sentido de um anacoretismo subjetivo apenas para os casos mais graves de adoecimento psíquico. Mas vejamos como Freud define esse tipo de ligação narcísica:

No ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do ego, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança.<sup>132</sup>

Isso dá sentido também à grande expectativa que os pais normalmente depositam nos filhos, como realizadores daquilo que eles próprios não puderam ser, e é facilmente observável empiricamente – o que sugere uma generalização destas nuances narcisistas para além dos pais que têm uma escolha de objeto amoroso de tipo narcisista. Enfim, o que é importante guardarmos disso é que o amor narcísico, por uma potencialidade de sua própria natureza, “transformado em amor objetal.”

---

<sup>132</sup> FREUD, Sigmund. Sobre o Narcisismo: uma Introdução, (1914), 1996p, p. 98.

### *A libido do ego, a libido objetal e o desenlace edípico*

A partir da questão dos investimentos libidinais narcísicos, como podemos pensar mais genericamente a gênese dos investimentos libidinais? Freud fala de uma “condição primeira na qual a libido objetal e a libido do ego não podem ser distinguidas” – no início os referenciais estão misturados. É só a partir dos investimentos libidinais no mundo, considerado em sua dimensão externa, que podemos observar uma distinção entre os dois tipos:

[...] é verdade que um verdadeiro amor feliz [em oposição ao retorno frustrado da libido objetal que se dá *pela repressão*, sob a forma de narcisismo] corresponde à condição primeira na qual a libido objetal e a libido do ego não podem ser distinguidas.<sup>133</sup>

Ou seja, há a idéia de um verdadeiro encontro com o objeto, um *amor feliz*, que remontaria a uma situação originária quando os tipos de libido ainda não eram diferenciáveis. É interessante pensarmos nesta possibilidade de contato entre objeto e ego num registro que é eminentemente libidinal, econômico. Colocando em outras palavras, o narcisismo primário necessita do objeto antes que ele possa ser investido como objeto total – é preciso que os investimentos não se diferenciem, de início<sup>134</sup>. Freud frisa que na situação do narcisismo primário as pulsões libidinais e do ego encontram-se “ainda atuando em uníssono”.

---

<sup>133</sup> FREUD, Sigmund. Sobre o Narcisismo: Uma Introdução, (1914), 1996p, p. 106.

<sup>134</sup> Veremos mais adiante como se dá esta situação do narcisismo primário, no que importa a esta discussão.



É apenas na situação de ligação com o objeto que é possível distinguir os dois tipos de libido e, segundo indica Strachey, é nesse texto sobre o narcisismo que Freud diferencia pela primeira vez libido do ego de libido do objeto. Há a idéia de um certo mecanismo de tipo ‘hidráulico’, no qual o aumento do investimento libidinal em um pólo esvazia o investimento do outro. Freud nos dá uma série de exemplos cujos extremos – nos quais a libido estaria mais concentrada em um ou outro pólo – poderiam ser representados pelas situações de *apaixonamento* e da *fantasia paranóica de ‘fim do mundo’*.

Não obstante, em meio à situação já instalada onde é possível distinguir os dois tipos de investimentos libidinais, há uma certa assunção de que a libido, por seu feitio, tem como meta final dirigir-se ao objeto, e isto tem sua importância na economia libidinal<sup>135</sup> do aparelho psíquico.

No texto sobre o narcisismo, a partir do momento em que a questão libidinal passa a estar mais vinculada à escolha objetal, às moções pulsionais consideradas em sua totalidade, *os investimentos libidinais do próprio objeto, por sua vez, passam também a ser abertamente considerados*<sup>136</sup>:

[...] a finalidade e satisfação em uma escolha objetal narcisista consiste em ser amado”<sup>137</sup>, ou ainda, “Um indivíduo que ama privase, por assim dizer, de uma parte de seu narcisismo, que só pode ser substituída pelo amor de outra pessoa por ele.”<sup>138</sup>

---

<sup>135</sup> Conforme o capítulo anterior.

<sup>136</sup> Neste ponto, colocando-nos um pouco além dos objetivos deste trabalho, podemos nos aventurar a pensar que para essa discussão acerca da constituição da subjetividade seria preciso considerar não apenas a importância do outro, ou do objeto, na gênese destes processos aqui descritos, mas também o quanto de seu próprio trabalho psíquico está ou não presente nisto. Talvez Bion seja o autor que mais tenha se detido neste ponto; de qualquer maneira, essa seria uma forma interessante de parâmetro comparativo entre as diversas teorias psicanalíticas.

<sup>137</sup> FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914), 1996p, p.104.

<sup>138</sup> Idem, ibidem, p. 105.

A escolha de objeto amoroso ganha um contorno especial a partir dessas nuances, pois com o conceito do narcisismo temos um redimensionamento dos papéis do objeto e do sujeito na economia libidinal. De fato, não pode haver uma diferença absoluta entre as escolhas de objeto narcisista e anaclítica:

Dizemos que um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais – ele próprio e a mulher que cuida dele – e ao fazê-lo estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos, o qual, em alguns casos, pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal.<sup>139</sup>

Freud, neste ponto, define o que talvez seja a característica libidinal mais marcante do narcisismo: *a concomitância original de dois objetos sexuais, que permite o movimento ambivalente de investimento no objeto e no próprio eu*. Além disso, a questão da escolha de objeto nos remete ao complexo de Édipo que, juntamente com a bissexualidade constitucional, formam para Freud a dupla de fatores determinante na cadência e interpolação do período inicial de identificações e constituição do ego.

A identificação edípica acaba por colocar-se, em relação aos outros conteúdos do ego, como “um ideal do ego ou superego”. Ora, é evidente que na explicação freudiana a resolução edípica se passa com a criança que já não é mais um bebê, de forma que o ideal do ego, tal como descrito nesse texto sobre o narcisismo, remonta a uma base primordial – o abandono do narcisismo primário – à qual se junta a identificação edípica. Lembremo-nos também de que a resolução da identificação edípica é só o desfecho de um jogo identificatório que já ocorre desde muito antes.

Mas vejamos uma representação do esquema do complexo de Édipo, proposto por Freud, em três ‘tempos’:

---

<sup>139</sup> Idem, ibidem, p. 95.

- 1º) menino {  
 catexia objetal → mãe  
 identificação primária → pai
- 2º) menino {  
 aumento do desejo → mãe (relação objetal afetiva)  
 identificação + hostilidade → pai (relação ambivalente)

Para o menino, a partir deste segundo tempo, teremos que “sua relação com o pai é ambivalente; parece como se a ambivalência, inerente à identificação desde o início, se houvesse tornado manifesta.”<sup>140</sup> Aqui Freud parece enfatizar a conotação afetiva da ambivalência (amor-ódio), que se configura a partir de uma situação primária de ambivalência. Isto pode passar despercebido, mas é preciso que nos lembremos sempre da ambivalência em seu aspecto de reversibilidade da dimensão ativa e passiva da relação entre sujeito e objeto, e do interjogo de identificações necessário a isso.

- 3º) menino {  
 catexia objetal abandonada → mãe  
 identificação reforçada → pai
- ou
- menino {  
 catexia objetal abandonada + identificação → mãe  
 identificação + hostilidade → pai

Na resolução do complexo de Édipo, um modelo de relação de objeto será criado e uma identificação prevalecerá, em relação aos lugares do pai e da mãe. É importante

<sup>140</sup> FREUD, Sigmund. O Ego e o Id. (1923), 1996d, p. 44.

frisar também que o complexo de Édipo “mais completo”, ou seja, estudado mais minuciosamente, é dúplice para todos, positivo e negativo, devido à bissexualidade original. Desta forma, temos que a identificação possui um caráter dúplice sempre, em função da constituição do ego, por um lado, e em função da escolha de objeto que engendra, por outro – e tudo isto implica ambas as resoluções, positiva e negativa. É a partir disto que teríamos as quatro tendências da dissolução do Édipo, de que fala Freud. Ao final, a identificação será com o pai ou com a mãe conforme uma predominância do fator constitucional, “[...] seja o que for em que isso possa consistir [...]”<sup>141</sup> – em outras palavras, a “intensidade relativa” das duas identificações reflete a preponderância, em cada indivíduo, dessa sua disposição sexual.

Podemos observar a marca da ambivalência edípica no fato de que nem sempre tem de haver um abandono do objeto para que haja uma identificação, de forma que a catexia do objeto e a identificação podem ser concomitantes. Mas, de qualquer maneira, a situação de perda deve ser mantida como horizonte nessas questões:

Desde então, viemos a saber que esse tipo de substituição [um objeto perdido que é novamente instalado dentro do ego] tem grande parte na determinação da forma tomada pelo ego, e efetua uma contribuição essencial no sentido da construção do que é chamado de seu ‘caráter’.<sup>142</sup>

A importância da identificação está também no fato de que talvez seja a única maneira, segundo Freud, de o id poder abrir mão de um objeto. A “demolição” ou “dissolução” do complexo de Édipo consiste num abandono da catexia objetal da mãe; o que decorre disso é o efeito de identificação com a mãe ou intensificação da identificação com o pai. Do ponto de vista psicológico, esta última talvez seja a mais freqüente devido

---

<sup>141</sup> FREUD, Sigmund. O Ego e o Id (1923), 1996d, p. 45.

<sup>142</sup> FREUD, Sigmund. O Ego e o Id (1923), 1996d, p. 41.

a manter, em algum nível, a ligação libidinal com a mãe<sup>143</sup>. Mas, em última análise, ambas identificações (com o pai e com a mãe) ocorrerão sempre, e são responsáveis pela complexa condição entre masculinidade e feminilidade presentes no caráter, na escolha de objeto amoroso etc.

O superego, enquanto resultado de identificações que são “resíduos” de primitivas escolhas objetais do id, é também uma formação reativa enérgica contra estas escolhas. Esta representa também a incorporação do veto ou da lei edípica, de forma que a identificação não é absoluta – o que poderíamos enunciar da seguinte forma: ‘posso e devo ser como meu pai, mas, ao mesmo tempo, não posso e não devo ser [como] meu pai: ter minha mãe’. Este último fator do superego será responsável pelo recalque do complexo de Édipo. A condição especial dessas identificações, que ganham um estatuto próprio na figura do superego, deve-se principalmente a dois fatores: a situação primária de uma identificação primitiva quando o ego ainda estava se constituindo, e a identificação com os objetos mais significativos, o pai e a mãe, que resulta da resolução do complexo de Édipo. O “imperativo categórico” do superego remonta a esta dupla incidência, em vista desta condição primitiva de submissão do ego. Este último fato possui para Freud uma particular relevância, pois aponta para um aspecto nessas relações que se dão entre este superego e o ego que pode inviabilizar o tratamento psicanalítico.

O papel do objeto aparece com toda sua força nesse momento primitivo de constituição do ego, pois as primeiras identificações, quando o ego ainda não está plenamente assentado, terão um caráter constitutivo para ele. Mesmo na idéia do ego enquanto uma diferenciação do id pelo contato com o mundo externo, não podemos obliterar o lugar do objeto, uma vez que é graças a uma identificação com este que o ego

---

<sup>143</sup> Como já dito antes, acerca do texto do fetichismo: reconhecimento e recusa. Capítulo I, p. 46.

consegue trazer para si as catexias objetais, e ganhar alguma margem para lidar com a realidade. De fato, cada vez mais me convenço de que o ego é o verdadeiro correlato do objeto, sendo a pulsão o que conjuga ambos. Para essas questões acerca da constituição da subjetividade, talvez o binômio sujeito-objeto não seja tão preciso quanto um binômio tal como ego-objeto, ou, numa linguagem mais contemporânea, eu-outro.

Entre as identificações, certamente há que se ressaltar o caráter “geral” e “duradouro” das primeiras, quando o ego ainda não possui força o suficiente para resistir a elas. No texto *O Ego e o Id*, Freud faz uma pequena digressão a respeito das identificações objetais do ego que resultam naquilo que é chamado de “personalidade múltipla”, aventando que possivelmente essas identificações “[...] apoderam-se sucessivamente da consciência.”<sup>144</sup> E mais,

Mesmo quando as coisas não vão tão longe, permanece a questão dos conflitos entre as diversas identificações em que o ego se separa, conflitos que, afinal de contas, não podem ser descritos como inteiramente patológicos.<sup>145</sup>

Este trecho é precioso para a nossa discussão, pois deixa claro que, para Freud, há uma dimensão de conflito inerente à própria constituição do ego, que não é uma coisa indivisa. É importante frisar que essa situação não é propriamente patológica, mas consiste na base mesma da construção do ego.

Sem pensarmos na possibilidade de distinção entre os dois tipos de libido – narcísica e de objeto – perdemos de vista toda a nuance de identificações entre sujeito e objeto. Ademais, Freud legitima o estudo em termos dessa distinção como “corolário

---

<sup>144</sup> FREUD, Sigmund. *O Ego e o Id*. (1923), 1996d, p. 43.

<sup>145</sup> Idem, *ibidem*, p. 43.

inevitável” da hipótese original de distinção entre pulsões sexuais e pulsões do ego. Entretanto, a ênfase nessa distinção, na retomada da discussão sobre o narcisismo, não pode nos fazer esquecer que há concomitantemente uma situação primária de indiscriminação entre as libidos. E isto é absolutamente diferente de uma hipotética situação de *um único tipo de libido*, que depois se diferenciaria em dois. Esta situação paradoxal é fundamental para compreendermos o narcisismo primário sem restringi-lo à idéia mais superficial de um auto-centramento fechado do sujeito. Aliás, acredito que é justamente pelo forte apelo desse tipo de leitura mais simplificadora que Freud enfatiza a distinção entre os tipos de libido. A indiferenciação e o auto-centramento que resulta da posição narcísica, não prescindem do fato de que há dois tipos de libido. *A própria condição de auto-centramento parte de uma indiscriminação entre os tipos de libido, na qual sujeito e objeto encontram-se numa situação de ‘amor verdadeiro’* – a relação com o objeto é fundamental, ainda que libidinalmente, nesse nível mais primitivo, ele não possa ainda ser reconhecido como tal. A partir da segunda tópica, a questão reaparece em termos da identificação, mas a idéia mantém-se basicamente a mesma: “A princípio, na fase oral primitiva do indivíduo, a catexia do objeto e a identificação são, sem dúvida, indistinguíveis uma da outra [...]”<sup>146</sup> A idéia é a de que uma catexia de objeto frustrada é substituída por uma identificação com este objeto – como ocorre, p.e., na melancolia. O interessante é que, nesse caso mais primitivo, o papel do objeto está mais especificamente delineado, e é nas possibilidades de identificação com este que o ego adquire seu caráter.

---

<sup>146</sup> FREUD, Sigmund. O Ego e o Id. (1923), 1996d, p. 42.

## *Teorias pulsionais e Teorias relacionais*

A questão do narcisismo primário surge para Freud quando ele tenta compreender a esquizofrenia ou demência precoce em termos da teoria da libido. Aponta que é correto dizermos que o narcisismo é a descrição de uma *posição da libido*, ainda que possa haver outros elementos. A ênfase no estudo do narcisismo será no investimento pulsional libidinal que o sujeito tem sobre seu ego. Mas o conceito divide-se em dois: enquanto que o narcisismo secundário é basicamente de *origem* libidinal, o narcisismo primário é “obscurecido por diversas influências diferentes”. No texto *Sobre o narcisismo, uma introdução*, a ênfase de Freud é sempre em uma teoria da libido, mas não podemos esquecer, como aponta este pequeno aviso, que há outros elementos em jogo. Mesmo no narcisismo secundário, há que se pensar que o tipo de investimento libidinal que está em jogo é uma deflexão do amor objetal, e por esta via retornamos às considerações acerca da passagem da montagem parcial das pulsões para o reconhecimento do objeto e ego totais, quando então o objeto passa a contar por seu estatuto próprio, que não se reduz à sua função de escoamento da tensão no sujeito.

Ao nos aventurarmos a discriminar e aprofundar a relevância do objeto, a tendência poderia ser a de privilegiar sobremaneira esta dimensão, de modo que à lógica pulsional se sobreporia outra, mais específica quanto à dimensão relacional ou intersubjetiva. No entanto, me parece muito difícil, mesmo tendo em vista uma melhor clareza de exposição, atermo-nos exclusivamente a um ou outro domínio. Os limites da discussão sobre a pulsão nos remetem ao objeto e ao sujeito, como visto no capítulo anterior, mas a pulsão se coloca igualmente nas franjas da discussão sobre a



intersubjetividade, de modo que não podemos nos limitar aqui a falarmos ‘apenas’ da dimensão de relação entre o sujeito e o objeto. Parece-me menos possível ainda prescindir absolutamente da dimensão libidinal frente às aquisições teóricas relativas ao papel do objeto, resultado da clínica mais contemporânea. As teorias ‘relacionais’, grosso modo, partem do princípio de um contato direto com o objeto *que dispensa a teorização libidinal*. Parece-me que uma dimensão quantitativa, do amor enquanto um *impulsionamento*, desaparece de cena. A tentativa de compreensão dos processos de constituição entre sujeito e objeto puramente pautada em aspectos relacionais (tal qual poderíamos encontrar com Winnicott) parece deixar de fora estes aspectos mais ‘crus’ da experiência, que envolvem os excessos, as desmedidas, as disparidades e os embates que estão em jogo na constituição da subjetividade:

Descobrimos – isto é, fomos obrigados a presumir – que existem idéias ou processos mentais muito poderosos (e aqui um fator quantitativo ou *econômico* entra em questão pela primeira vez)[...] <sup>147</sup>

É verdade que Freud aponta o narcisismo como uma espécie de complemento às pulsões de auto-conservação, mas restringir-nos aos termos da auto-conservação, ao domínio das necessidades, parece de fato muito pouco efetivo na explicação desses fenômenos em questão.

O conceito de narcisismo primário pode gerar enganos se o movimento de introversão ou auto-centramento for entendido como um encapsulamento *concreto* do sujeito em relação à realidade ou ao outro. Isto pode ocorrer particularmente em leituras que tendam a compreender a dimensão pulsional como um prejuízo a esta dimensão de relação imediata com o objeto. De certa maneira, cria-se uma cisão teórica entre a

---

<sup>147</sup> FREUD, Sigmund. O Ego e o Id. (1923), 1996d, p. 28.

dimensão pulsional e a intersubjetiva, como se a primeira fosse equivalente a um registro constitucional ou orgânico fechado em si, enquanto que apenas na segunda teríamos possibilidade de fazer jus à importância que o objeto ocupa na constituição do sujeito. Ao pensar dessa forma, muitos psicanalistas ignoram os meandros presentes nos enredamentos pulsionais, reduzindo a dimensão econômica da psicanálise a uma disposição constitucional (que de fato deve ser considerada), numa acusação um tanto ingênua a algo como um ‘pan-pulsionalismo’ auto-suficiente. Por outro lado, o mérito das teorias relacionais está no reconhecimento e consolidação do inegável avanço da clínica ao longo da história da psicanálise, que cada vez mais foi assumindo a relevância do objeto num papel que ultrapassa em muito o lugar de mero pretexto para o escoamento das tensões libidinais do sujeito. Entre as questões acerca das quantidades e qualidades nos processos psíquicos, para Freud a consciência é “uma qualidade do psíquico”, e isto tem uma importância especial para a consideração que podemos ter sobre este ‘lugar’ de instalação da subjetividade, este espaço intra-subjetivo de trânsito entre o *eu* e o *outro* onde se dão os descentramentos. Mas retomemos algumas idéias do texto *Sobre o Narcisismo, uma Introdução*, e vejamos mais um pouco como se dá esse movimento pulsional na relação com os objetos.

Freud afirma que o deslocamento do investimento da libido para a fantasia (num movimento de introversão e ligado a “objetos irreais”) só se tornará um problema quando isto causar um “represamento” patogênico desta libido. Ora, a idéia é que o mecanismo de escoamento dos excessos fica prejudicado, o que nos leva a supor que a ligação com a fantasia não pode prescindir do objeto real, sob risco de adoecimento:

Nos parafrênicos, a megalomania permite uma semelhante elaboração interna da libido que voltou ao ego; talvez apenas

quando a megalomania falhe, o represamento da libido no ego se torne patogênico e inicie o processo de recuperação que nos dá a impressão de ser uma doença.<sup>148</sup>

Há aqui certa semelhança com a lógica da alucinação. Nesta, quando da primeira falta do objeto de satisfação, o bebê alucina a experiência anterior bem sucedida, e isto lhe restitui a experiência de satisfação. No entanto, em última instância, a alucinação não é capaz de responder tal como o objeto real (a fome-desejo do leite-peito tende a aumentar), o que leva o bebê a ter de se haver com a realidade e a frustração, pois é a única maneira pela qual pode de fato alcançar o objeto – reconhecê-lo para além da onipotência é o preço a se pagar por isto. De modo análogo, o represamento narcísico na megalomania esquizofrênica parece estar fadado ao fracasso se o contato com o objeto real fica excessivamente prejudicado, o que leva o sujeito à situação patológica, como um “processo de recuperação” do contato com os objetos da realidade externa. Lembremos de que a pergunta inicial de Freud diz respeito à situação da libido nestes quadros graves, e é nestes termos que o narcisismo é pensado. Não obstante, vemos que a falha da megalomania e o movimento de tentativa de restabelecimento de um contato *libidinal* com a realidade externa remetem diretamente à impossibilidade destes processos de introversão *dispensarem o objeto externo de forma absoluta*.

O que faz falhar a alucinação (ou a megalomania) é da ordem da necessidade orgânica? Por exemplo, no caso clássico da alucinação do seio, há a falta do *leite*, que resulta no aumento da tensão na condição fisiológica da fome, que a alucinação não consegue mais dar conta. Mas se fosse apenas isso, o objeto em si não teria nada que o distinguísse de uma alucinação, e excluindo-se o problema das necessidades orgânicas – a provisão do leite – o desejo pelo peito (p.e. no chupar) seria perfeita e indefinidamente

---

<sup>148</sup> FREUD, Sigmund. Sobre o Narcisismo: uma Introdução. (1914), 1996p, p. 92.

passível de satisfação na alucinação. Mas mesmo supondo que, *psiquicamente*, o reconhecimento do objeto concreto para além da alucinação estaria calcado tão somente na premência de satisfação das tensões orgânicas, ainda faltaria compreendermos o porquê da insuficiência da megalomania.

Nesse caso, não faz sentido imaginar que o sofrimento da patologia da introversão (esquizofrenia) seria causado meramente por questões de ordem orgânica. Parece-me mais acertado buscarmos um fator mais fundamental que possa dar conta de ambas situações: podemos dizer mais especificamente que a tensão orgânica é uma conseqüência que acompanha não a falta do leite, mas a *falta de um aspecto real do objeto* – em outras palavras, há uma função do objeto a ser considerada, na qual a provisão das necessidades orgânicas é apenas um dentre diversos aspectos que, em sua totalidade, supõe uma certa transcendência do objeto em relação ao sujeito, uma certa condição inerente e infinita de excesso que impede que ele seja substituído perfeitamente por qualquer representação que o sujeito possa fazer dele. Há, assim, uma presença do objeto externo real que nunca deixa de fazer efeito e operar no psiquismo, mesmo nas situações extremas de cisão e recusa.

### *O Ideal do ego e a Sublimação*

No texto sobre o narcisismo, como temos visto, Freud aborda principalmente os aspectos referentes à libido narcísica, os meandros e destinos possíveis disto que pode nos

dar uma luz sobre as patologias na “parafrenia”. Destaca, neste cenário, o papel do ideal do ego, como figura fundamental na dinâmica libidinal aí implicada<sup>149</sup>.

Vejamos, com um pouco mais de passos, como isso se desenvolve no texto. Freud descreve melhor o papel no psiquismo disto que é comumente chamado de ‘consciência’ ou ‘consciência moral’, já indicado anteriormente como a figura do *ensor* na elaboração onírica, no texto *A interpretação dos sonhos*<sup>150</sup>. Esta espécie de agente é evidenciada dentro da economia libidinal e relacionada a outros fatores, como o ideal do ego. Ao mesmo tempo, esta ‘consciência moral’ nos coloca na condição de sermos constantemente observados, justificando os sentimentos comumente encontrados nas formações paranóides. A *voz* aparece para Freud em lugar de destaque na formação do ideal do ego, juntamente à renúncia ao narcisismo infantil, quando então a função crítica dos pais (e depois da sociedade) ocupa lugar. Num prenúncio do que, na segunda tópica, será o superego, aponta como condicionante para a *repressão* a formação de um ideal do ego, com o qual o ego se compara:

Não nos surpreenderíamos se encontrássemos um agente psíquico especial que realizasse a tarefa de assegurar a satisfação narcisista proveniente do ideal do ego, e que, com essa finalidade em vista, observasse constantemente o ego real, medindo-o por aquele ideal.<sup>151</sup>

Nos adultos, o ego ideal passa a ser depositário do amor de si mesmo (*self-love*) infantil, assim como de toda perfeição e valor. É como se fosse encontrado nesse ego ideal um substituto para o ego infantil que tem de crescer e abandonar a onipotência.

---

<sup>149</sup> No entanto, é interessante notar que Freud não aborda as implicações disso para o próprio ego (seja na sua constituição ou na sua situação mais madura). Mas esta ressalva já indica a influência de um pensamento mais específico, em termos das instâncias, tal como aparecerá na segunda tópica.

<sup>150</sup> FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos* (1900). In: *Obras Completas*. Vol. 14, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996j.

<sup>151</sup> FREUD, Sigmund. *Sobre o narcisismo: uma Introdução*. (1914), 1996p, p. 102.

Assim, o ego ideal é o substituto do narcisismo primário. Podemos compreender o ideal do ego como um dos resultados da formação de compromisso entre id e realidade: a assunção de valores e renúncias que a vida em sociedade exige acaba por forçar a criação deste lugar de refúgio para o narcisismo primário abdicado pelo ego.

As ligações com o id ganharão um novo contorno a partir da segunda tópica, com a introdução da instância do superego. O complexo de Édipo, um dos movimentos pulsionais mais significativos no ser humano, termina por caracterizar o superego como uma espécie de representante do mundo interno, do id.

Retomando um pouco do que vimos anteriormente, temos que o superego é a primeira identificação; isso deve ser ligado, de alguma forma, ao que já foi dito no texto *Sobre o narcisismo, uma introdução*, sobre a formação do ego ideal, para podermos evidenciar melhor as relações que se dão com o ego: “Tal como a criança esteve um dia sob a compulsão de obedecer aos pais, assim o ego se submete ao imperativo categórico do seu superego.”<sup>152</sup> Além da dimensão libidinal e da maior ou menor proximidade em relação ao id, é preciso também considerar as relações que se dão com o ego – para além das identificações provenientes da catexia objetal abandonada, há a formação reativa contra essas escolhas, a interdição é introjetada na questão da escolha de objeto.

Neste ponto, parece-me que o *ideal do ego*, apresentado no texto *O Ego e o Id*, diferencia-se daquele do texto do narcisismo, pois a ênfase está no seu papel interditor e na sua vinculação ao complexo de Édipo. Talvez agora faça sentido pensar num *ego ideal* como, mais especificamente, aquele que resulta do abandono da libido narcísica primária<sup>153</sup>. A partir da vinculação desta instância moral com os compromissos e

---

<sup>152</sup> FREUD, Sigmund. *O Ego e o Id*, (1923), 1996d, p. 61.

<sup>153</sup> Muitos autores passaram a fazer uma distinção entre “ideal do ego” e “ego ideal” que, em Freud, aparecem como equivalentes.

resoluções do complexo de Édipo, fica mais clara para nós a natureza de sua relação com o ego, que se encontra então na posição de servir a três senhores (superego, id e mundo externo), conforme descreve Freud, e cuja angústia é a de ser aniquilado ou *esmagado* em meio a suas exigências. Sua angústia em relação ao superego diz respeito ao temor da castração, e a severidade com que se submete ao ideal do ego advém em parte da supressão da agressividade (e não o contrário, como usualmente se supõe), por temor da perda do amor parental.

Devemos agora nos deter um pouco mais sobre a questão libidinal a partir das relações entre ego, superego e id, e das conseqüências disto do ponto de vista econômico. Procurarei mostrar como toda a questão de constituição e das relações entre o ego e as outras instâncias têm sua importância para além da caracterização de ‘figuras’ dentro do psiquismo, conforme o espírito da crítica ao dualismo teórico que expus, no tópico anterior.

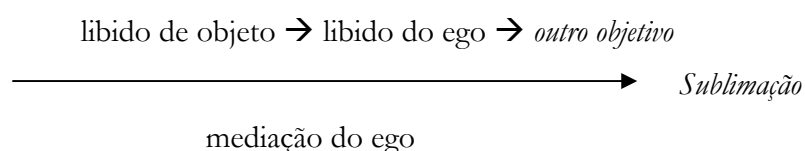
Esta espécie de ‘refúgio psíquico’, que é o ego ideal, possui também a importância de ser o destino da libido homossexual nas pessoas que se constituem numa escolha de objeto heterossexual. O que garante depois o grau de vinculação da libido será sempre o maior ou menor grau de realização desse ideal; no caso de não realização, a libido tende a desvincular-se, e transformar-se em culpa. A ansiedade e culpa referentes à libido homossexual provêm da situação de risco de perder o amor dos pais, pois essa desvinculação mencionada toca diretamente no equilíbrio da resolução edípica. Freud fala de “involução das sublimações e a possível transformação de ideais em perturbações parafrênicas.”<sup>154</sup>, quando este ideal fica impossibilitado de vincular tais libidos. Mais tarde, com a segunda tópica, reforça a idéia de que mesmo operações refinadas da Cs. (ou que

---

<sup>154</sup> FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma Introdução. (1914), 1996p, p. 108.

possuam um alto valor moral) podem ser inconscientes, e de fato possuem um papel “econômico” fundamental e decisivo no encaminhamento dos casos clínicos.

Mencionar a questão da *sublimação*, nesse tipo de deflexão da meta original de satisfação da libido homossexual, nos remete diretamente a um aspecto das questões econômicas tais como se dão na segunda tópica. A sublimação é um dos destinos da pulsão, e depende da vinculação e satisfação *substitutivas* da meta original, mas que não são resultado de repressão: estão mais para necessidades psíquicas que calham justamente precisar *daquele* tipo de pulsão. E estas necessidades provavelmente dizem respeito tanto a figuras ou aspectos que constituem o próprio psiquismo (como p.e. o ideal do ego) como também aos objetos externos, e aspectos das relações com ele. O ego, ao fazer identificações com o objeto, coloca-se também como objeto de amor para o id, num investimento narcísico que é resultado da transformação de libido de objeto em libido narcísica. Freud pergunta-se se não seria esta a base de toda sublimação:



Assim, a partir da transformação da libido em suas finalidades, temos a hipótese de um tipo de “energia deslocável”, neutra em sua meta, que se dispõe a reforçar outros impulsos, quer sejam eróticos ou destrutivos. Essa poderia ser a matéria intermediária do processo de sublimação, ou seja, aquela energia Eros dessexualizada, que retorna ao ego para colocar-se num estoque narcísico de libido. Sua “indiferença” quanto ao *destino* de sua descarga aponta para a premência do princípio do prazer e da necessidade de descarga, um traço eminentemente econômico que caracteriza o id em seus processos



primários. Contudo, lembremo-nos que isso só foi possível após este ‘refinamento’ da pulsão, livrando-a da dimensão de *finalidade* original sexual, ou seja, daquilo mesmo que amarra a pulsão numa determinada forma de ligação com o objeto.

Sexualidade, aqui, ou a característica sexual da libido, remete-nos ao objeto e à sua finalidade apropriada, à ligação e descarga efetuadas. É só quando há uma certa dessexualização dessa libido, que ela pode ganhar uma potencialidade econômica de descarga mais dócil às exigências da realidade – e este é um ponto fundamental, pois não é que ela simplesmente se transforma numa energia desligada, senão que se coloca à disposição dos processos secundários, reforçando-os. Para Freud, num sentido mais abrangente, a própria catexia que move os pensamentos pode ser entendida como uma sublimação de forças eróticas, e será descrita em termos de uma “energia *sublimada*”<sup>155</sup>. E isso tudo se liga ao tipo de sublimação em jogo também nos fenômenos de identificação.

A partir destas breves considerações acerca da sublimação, somos levados a pensar na questão dos destinos das pulsões, das deflexões e diferentes usos e papéis da libido no psiquismo, o que nos dá um claro exemplo de como é possível pensar a dimensão econômica em termos de seus engendramentos com os objetos e aspectos da subjetividade. Para Freud, neste trabalho de dessexualização da libido operado pelo ego, com todas as implicações aqui discutidas, teríamos uma importante ampliação da teoria do narcisismo.

---

<sup>155</sup> FREUD, Sigmund. O Ego e o Id. (1923), 1996d, p. 58.

## *A Estrutura do Ego e o Posicionamento Arcaico da Subjetividade*

O ego ideal, herdeiro do investimento narcísico primário defletido do ego em prol da realidade, faz parte da “estrutura do ego”. Este termo freudiano merece maiores considerações, pois a partir dele é possível compreender melhor a diferença entre o ego enquanto uma *parte* específica do psiquismo, representante e intermediador de outros elementos, e o ego enquanto a totalidade da pessoa (*self*). Os diferentes usos que Freud faz do termo *Ich* (eu) nos dá subsídios a este tipo de pensamento. Dessa forma, poderemos compreender melhor também isso que venho descrevendo como vias necessárias de descentramento subjetivo na relação sujeito-objeto, e que implica a consideração da subjetividade para além do sujeito (este *sujeito do eu*, mais precisamente) ou do objeto tomados em si.

Há aqui um apoio à idéia do descentramento teórico percorrendo outros âmbitos para além daquele que se inicia com a descoberta do inconsciente: “Teremos de substituir esta antítese [consciente/inconsciente] por outra, extraída de nossa compreensão interna (*insight*) das condições estruturais da mente – a antítese entre o ego coerente e o reprimido que é expelido (*split off*) dele.”<sup>156</sup> Não é casual a longa introdução nesse texto acerca da discussão sobre a consciência e o inconsciente. Isso se propaga pelo ego, aqui nos termos de um “ego coerente [com a consciência]” e um ego reprimido, e que depois poderá também ser encontrado na ambigüidade entre um ‘ego funcional’ e um ‘ego self’. A própria idéia de um inconsciente para além daquilo que é reprimido, ou melhor, de

---

<sup>156</sup> FREUD, Sigmund. O Ego e o Id. (1923), 1996d, p. 31.

aspectos dinâmicos que não se resumem à repressão<sup>157</sup>, indica este movimento de espelhamento dos elementos teóricos no desenvolvimento do pensamento freudiano (neste caso, um descentramento do próprio inconsciente). Mas vejamos de onde parte Freud para chegar à idéia mencionada acima, de uma *estrutura do ego*.

Retornemos à idéia do ego ideal, a partir do texto *Sobre o narcisismo, uma introdução*. Vimos que nele fica preservada, de certa forma, a onipotência de pensamento abandonada pelo ego frente às exigências da realidade, e que estará pronta a ser reativada conforme surjam condições para isso (como p.e., numa situação in-crível – na qual a crença é resgatada pela via da superstição – ou noutra de desamparo frente à realidade). Freud fala em termos do tamanho do ego, ao mencionar a questão da onipotência ou realizações do ego que vão no sentido do ideal, como um fator que “infla a estrutura do ego”. Talvez seja interessante ressaltarmos que esta “estrutura do ego” possui uma amplitude maior que a função egóica em si, de modo a abarcar outros elementos ligados ao ego, tais como o ideal do ego, o superego, a dimensão pulsional implicada (investimentos libidinais objetais e narcísicos), os objetos que o constituem por identificação, certa onipotência de pensamento, e assim por diante. Esta compreensão pode ser profícua na medida em que evidencia uma *ligação visceral* entre o ego e esses diversos elementos, o que leva necessariamente a se considerar um plano de constituição subjetiva de remetimento mútuo entre sujeito e objeto, *que parte de dentro da própria “estrutura do ego”*.

Talvez fosse interessante para nós aplicarmos também ao ego o aspecto dinâmico que Freud costumava atribuir ao Ics., pois isso nos levaria a considerar os diversos elementos ou aspectos da estrutura do ego, assim como a dimensão de força, ou

---

<sup>157</sup> Freud menciona um terceiro tipo de inconsciente, além do tóxico e do dinâmico: o dinâmico não-reprimido, que é parte do ego.

intensidade, entre eles. A questão da dinâmica também faz colocar em destaque as pulsões, à medida que as instâncias da segunda tópica são avaliadas por Freud em relação à sua maior ou menor proximidade ou comunicação com o id. Esta lógica aparece claramente quando Freud diz que o ego, além de obter maior controle sobre o id, aprofunda suas *relações* com ele. A meu ver, isto representa em parte um alargamento da própria dimensão econômica. Isto é, com a introdução dos conceitos de id, ego e superego da segunda tópica, abre-se a possibilidade de pensar a questão da *intensidade*, das forças, incluindo um certo tipo de *modulação* causada pela dimensão relacional: as relações entre as instâncias podem ser pensadas em sua proximidade. Toda a questão é situada, nesse caso, num cenário intrapsíquico, mas, é importante que se diga, isto não exclui as relações com o objeto no mundo externo. Assim, encontramos aqui a confirmação do texto de Coelho Junior e Figueiredo, no qual a intersubjetividade, em Freud, é mais propriamente de tipo intrapsíquico<sup>158</sup>.

O complexo de Édipo também configura uma situação muito especial para pensarmos as relações entre os vários elementos da segunda tópica e seus investimentos (catexias) nos objetos, num sem número de desenlaces, compromissos, substituições e negociações entre as diferentes forças<sup>159</sup>. A culpa, por exemplo, adquire um valor notório para a análise das neuroses, inter-relaciona a dimensão dos investimentos no cenário edípico, o superego, as identificações do ego etc. Tudo isso que vimos discutindo abre muitas possibilidades clínicas, pois pelo *setting* ou pela transferência, o analista pode

---

<sup>158</sup> COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto; FIGUEIREDO, L.C. Figuras da intersubjetividade. *Interações*, vol. IX, n. 17, p. 9-28, jan-jun/2004.

<sup>159</sup> Com a segunda tópica, Freud introduz o termo “Elemento psíquico”: fazendo uma analogia um pouco leviana, mas divertida, teríamos que a tópica e dinâmica freudianas, a partir dos anos vinte, criam figuras que quase poderíamos chamar de ‘elementais’, na acepção antiga da palavra *elemento*, onde possuem um ‘aspecto’ próprio, peculiaridades, pregnâncias, processos característicos, influências distintas etc., e que em seu interjogo regem o funcionamento psíquico.

permitir ao paciente colocá-lo numa miríade de lugares, em correspondência com essa diversidade de figuras e elementos do psiquismo, e isto ter um valor imprescindível para a análise.

Freud fala da censura sobre os pensamentos oníricos como “uma faceta das tendências repressivas que regem o ego”, um “censor dos sonhos”, função que parte do ideal do ego e das expressões orais dinâmicas da consciência; fala, desse modo, de elementos presentes na “estrutura do ego”, que se mostra uma idéia interessante para pensarmos também as possibilidades de ambivalência, o narcisismo primário, e compreendermos por que o superego (deduzido mais tarde na teoria) encontra nesta estrutura do ego parte de seus elementos. Por exemplo, numa nota do texto *Sobre o narcisismo, uma introdução* (p. 103), Strachey sugere que o sentimento da temporalidade, assim como o aspecto subjetivo da memória seriam decorrências da auto-observação interna proporcionada pela ‘consciência’. Vemos, nesse texto, como Freud vai criando um entrelace a partir da idéia de *consciência* e do fenômeno da *observação*<sup>160</sup>. Além da dimensão de atenção aí implicada, que também já significa algum investimento libidinal, há as situações de ser um observador e de ser observado, e isto se duplica intrapsiquicamente. Trata-se de um dos desdobramentos possíveis da ambivalência que caracteriza o narcisismo primário, a partir de ‘elementos’ presentes na estrutura do ego.

A subjetividade que diz respeito ao ego não pode, portanto, ser compreendida tal qual um tipo de unidade ‘sólida’ – é preciso que, além da intuição e experiência banal de unidade, haja espaço neste ‘ego molar’ para diversos elementos ‘moleculares’ outros,

---

<sup>160</sup> Aqui talvez tenhamos esbarrado num dos motivos pelos quais o mesmo termo, *consciência*, significa simultaneamente ‘*estar consciente*’ e ‘*consciência moral*’. A ambivalência revela-se uma condição de base da estrutura da consciência, na medida em que instaura algum grau de reflexividade sobre o próprio sujeito, que além de ser aquele que observa, é também ‘*auto-observado*’.

constituindo-a numa subjetividade porosa ao outro, que o inclui<sup>161</sup>. O problema econômico no masoquismo e na auto-estima, o papel constitutivo do objeto primário, a ambivalência do campo das pulsões parciais, a trama libidinal no narcisismo primário e nas escolhas objetais, o papel de conjugação da pulsão entre sujeito e objeto – tudo isto, a partir do ponto de vista da constituição da subjetividade, evidencia o caráter complexo do par sujeito-objeto. Há que se ter alguma reserva quanto a tomar indiscriminadamente os conceitos de “eu” e de “pessoa”<sup>162</sup>, em psicanálise, *num sentido em que se radicaliza o aspecto individualizado do humano*, pois isto faz perder de vista tudo o que foi apresentado até aqui, quando o objetivo for a compreensão da constituição do sujeito, ou ainda, da clínica da esquizofrenia ou parafrenia, como descreveu Freud. Essa capacidade de *observação*, a partir da percepção e da consciência, normalmente nos dá um tipo de reflexividade que posiciona o indivíduo também como observador de si próprio; identificado com o outro, torna-se um outro para si próprio – super-ego. Como podemos pensar, a partir disto, o que dissemos até aqui a respeito da constituição do ego enquanto uma estrutura maior que a função egóica mais específica?

*O descentramento subjetivo ocorre no domínio largo da estrutura do ego*, o que significa uma abertura em direção às profundezas do id. Retomando o que apresentei no capítulo anterior sobre o *si* – aquela condição reflexiva que serve de eixo ao centramento em relação ao ego – *talvez possamos ainda acrescentar que se trata de uma característica da consciência* (consciousness). Mas esta última deve ser compreendida não como o que está em oposição ao inconsciente, e sim predominantemente em sua característica de definir um

---

<sup>161</sup> Ainda que esta inclusão seja uma tarefa permanentemente aberta, inacabada e de certa forma ressentida por sua impossibilidade de ser levada completamente a termo.

<sup>162</sup> Paul Federn faz uma advertência similar quanto a isso: “[...] the observation of the components of the ego has been ignored by those authors who [...] have attributed to the ego a ‘homogeneous wholeness,’ so that for them the term ‘ego’ was almost synonymous with the old term – ‘the soul.’” Cf. *Ego psychology and the psychoses*, 1953, p. 38.

lugar, de ser uma *auto*-consciência, de ser ‘auto-observada’: ela está ligada à percepção, e portanto, a princípio, encontra-se mais próxima da ‘superfície’. *Este lugar reflexivo parece ser uma condição ou qualidade da consciência, que além de dirigir-se às coisas, o faz de algum lugar, que não necessariamente será sempre o ego.* “Ele [o superego] desce fundo no id e, por essa razão, acha-se mais distante da consciência (*consciousness*) que o ego.”<sup>163</sup>. Naturalmente, para Freud (e não só para ele), o ego está, via de regra, muito mais próximo da consciência.

Conforme propus no capítulo anterior<sup>164</sup>, ao pensarmos na constituição primitiva do psiquismo, poderíamos dizer que, de início, há um registro *próprio* não individualizado, um *si* que não tem as fronteiras exatamente em torno de *uma* pessoa, que seria o bebê, mas de *aspectos* deste e do outro – a mãe ou quem faça as vezes desta. Da mesma forma, este outro inicial, esta *região não-si* não adquiriu ainda para o bebê os contornos de um outro, de um objeto total, mas está mais próximo de um *outro indistinto*<sup>165</sup>. Este é um problema que mereceria um desenvolvimento mais acurado, talvez a ser realizado em outro trabalho, mas ao qual não posso furtar-me, ainda que por ora só possa abordá-lo de modo superficial. Assim, arriscarei ainda um ou outro comentário sobre a gênese deste lugar reflexivo arcaico, este *si* que antecede o ego, e que é a base do eixo subjetivo onde este último se assentará.

---

<sup>163</sup> FREUD, Sigmund. O Ego e o Id. (1923), 1996d, p. 61.

<sup>164</sup> No tópico *Sobre este outro primário, numa relação originária*.

<sup>165</sup> Isto constitui um traço de experiência que talvez seja resgatado mais tarde pelo bebê sob a forma mais madura de uma capacidade cognitiva de generalização (tal como descreve Piaget, por exemplo, mas neste caso uma generalização que necessita, em termos psicanalíticos, de o bebê já ter conquistado o objeto total), ou ainda, num quadro patológico, talvez este traço faça parte da montagem paranóica.

Marilene Carone faz uma nota em sua tradução do texto *Luto e Melancolia*<sup>166</sup> que me interessa sobremaneira, e que vale a pena reproduzir aqui. Aponta que, nesse texto, a partir do termo “auto-estima”, seguem, numa série, vários outros termos ‘reflexivos’:

*Selbstgefühl* (auto-estima) literalmente significa sentimento de si, convicção do próprio valor e poder. Com *Selbstgefühl* começa neste texto toda uma série de termos com prefixo *selbst*, em geral traduzidos pelo prefixo *auto*, em português. Assim, por exemplo: *Selbstvorwurf* (auto-recriminação), *Selbstbeschimpfung* (auto-insulto), *Selbstkritik* (auto-crítica), *Selbsterabsetzung* (autodepreciação), *Selbsteinschätzung* (auto-avaliação), *Selbstanklage* (auto-acusação), *Selbstquälerei* (auto-tormento), *Selbstbestrafung* (auto-punição), e finalmente *Selbstmord* (suicídio, literalmente auto-assassinato). Esta profusão de termos *selbst* certamente encontra seu sentido mais profundo na articulação teórica do próprio texto e reflete a importância deste movimento de retorno à própria pessoa, descrito em ‘Pulsões e seus Destinos’ (‘Triebe und Tribschicksale’, 1915c) como o segundo destino pulsional. Mais precisamente, o termo *selbst* é aí descrito como o tempo da transformação da voz ativa, ‘não numa voz passiva, mas numa voz reflexiva média’. Neste sentido, o prefixo *selbst* corresponderia em português à partícula apassivadora *se*, tornar-se, punir-se, etc.<sup>167</sup>

Aqui temos um apoio, no prefixo *selbst*, para o que viemos dizendo do *si*, desta partícula reflexiva, que é como que o ‘pronome impessoal’ desta voz reflexiva média.

Na continuidade dessa discussão, iremos considerar a *percepção* como um fator importante tanto na origem da propriedade reflexiva da consciência<sup>168</sup>, deste *posicionamento* arcaico da subjetividade, quanto na *ambivalência* que caracteriza os processos que se desenvolvem a partir daí. Considerando, com Freud, que é no sistema Pcpt. que o ego tem seu núcleo, e que a percepção tem uma dupla filiação (com as realidades externa e interna), podemos compreendê-la como o meio de vinculação entre sujeito e objeto a

<sup>166</sup> CARONE, M. Luto e melancolia – tradução de Marilene Carone. In: *Novos estudos SEBRAP*, n. 32, março 1992, p. 128-142

<sup>167</sup> Idem. Ibidem, p. 131, nota \*\*\*.

<sup>168</sup> Conforme exposto no capítulo anterior, o outro fator que apresento para a gênese deste lugar é a dimensão de alteridade e frustração na relação originária com o objeto primário, quando não há ainda um ego constituído.



partir da qual as possibilidades de diferenciação e ligação se desdobram. Se é verdade que qualquer coisa proveniente de dentro, para se tornar consciente, precisa adquirir o estatuto de uma percepção externa (e ter uma vinculação aos traços mnêmicos), então o descentramento subjetivo implica não só a consciência, mas também a percepção (e esta passaria a ser pensada também como sede do *si*, desta condição reflexiva) quando ligada e ancorada em uma experiência que se desloca do ego.

Os pensamentos, por exemplo, são *percebidos*, o que significa que através do Pcs., das representações verbais, têm acesso ao sistema Pcpt. Esta possibilidade de a consciência do sujeito tomar a si próprio (ou partes de si), tal qual o faz com um objeto externo, remete-nos diretamente ao conceito de ambivalência e às possibilidades de inversão dos papéis entre um *eu* e um *outro*. Considerando a ambivalência como uma condição originária ou constitucional, não seria uma hipótese inviável supô-la uma parte da estrutura mesma da percepção<sup>169</sup>. Em adição a isto, é um fato sugestivo que Freud tenha, ao longo do tempo, aproximado os sistemas Pcpt. e Cs., no sistema Pcpt-Cs.

Noutro vértice dessa discussão, temos a questão do corpo tomado em sua superfície. O lugar do corpo, e da pele, como ressalta Freud, é um lugar um pouco diferenciado do Pcpt., mas também tem um papel fundamental na gênese do ego. O corpo conjuga sensações internas e externas, tal como o ego conjuga as exigências do id e a influência da realidade externa. Portanto, dizer que o ego é tão somente o resultado do

---

<sup>169</sup> Pesquisas recentes com bebês recém-nascidos, apoiadas em estudos neurológicos, supõem ter encontrado um grupo de neurônios no córtex pré-motor – denominados de “neurônios espelho” – teoricamente responsáveis por uma capacidade inata de o bebê reproduzir em seu próprio corpo, de forma imediata e sem qualquer aprendizagem, algumas reações (motoras e afetivas) que observa num outro humano. A este respeito ver Rizzolati e Arbib (1998) *apud* REIS, Bruce “You are requested to close the eyes”. *Psychoanalytic Dialogues*, Hillsdale, NJ, EUA, Vol. 14, n. 3, 2004.

contato com esta última não está correto – isto é verdadeiro em parte, mas também é fundamental que ele esteja neste lugar de poder perceber estas percepções internas:

É fácil ver que o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do *Pcpt-Cs.*; em certo sentido, é uma extensão da diferenciação de superfície.<sup>170</sup>

Mas, também

O ego é, primeiro e acima de tudo um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície.<sup>171</sup>

Se podemos – e realmente o fizemos, no capítulo anterior – tomar a pulsão como uma espécie de engendrador entre sujeito e objeto, constituindo-os (ainda que ela seja, em parte, um aspecto constitucional do sujeito), talvez o mesmo valha para a percepção, que poderia assim ser tomada como um fenômeno engendrador, fronteiro, na qual sempre está em jogo uma mútua constituição: “Para o ego, a percepção desempenha o papel que no id cabe ao instinto.”<sup>172</sup>

\*\*\*

Aquela condição reflexiva primária de que falava, o *si*, pode ganhar um novo estatuto a partir do momento em que um ego já está constituído: a partir de então, esta condição reflexiva continua no psiquismo como um lugar que habitualmente coincidirá

---

<sup>170</sup> FREUD, Sigmund. O Ego e o Id (1923), 1996d, p. 38.

<sup>171</sup> Idem. *Ibidem*, p. 39.

<sup>172</sup> FREUD, Sigmund. O Ego e o Id (1923), 1996d, p. 38. Cf. a esse respeito o trabalho de Coelho Junior, N. E., *Usos da percepção na psicanálise*, in *Percurso*, n° 23, São Paulo, 2/1999, pp. 97-106. O autor aponta para a “[...] necessária transformação do enquadre epistemológico em que a psicanálise situou originalmente o problema da percepção.” “A percepção é espaço intermediário; é simultaneidade de perceber e não perceber, é a ambigüidade intensa que rege nossa complexa interligação com os objetos.” (p. 106).

com o ego. Entretanto, os fenômenos acerca do estranho, que ampliei em termos de descentramento subjetivo, parecem ser situações, justamente, em que o sujeito percebe uma disparidade ou um deslocamento entre esta condição reflexiva, este *si* que o posiciona psiquicamente, e o próprio ego. Tais fenômenos podem inclusive levar o *si* a ocupar o espaço do outro, da alteridade, do objeto em mim e, se houver condições para isto, o sujeito poderá compreender o atravessamento que sofre do outro. *Da idéia de descentramento subjetivo, podemos derivar a conclusão de que é justamente esta condição reflexiva, este si que já existia antes do ego, que ocupa o lugar de eixo a ser deslocado ou descentrado do ego.*

O estranho, *das unheimlich*, enquanto uma experiência de descentramento, ocorre quando essa *condição reflexiva* tem seu lugar não mais no ego, mas em *outros elementos em mim que desconheço*. Ou seja, é um *si* que não é um *eu* exclusivamente, mas que pode ser um *outro*; isso coloca uma questão interessante de saber se é o ego que se afasta do sistema Cs. ou se são outros elementos que passam a coabitar por um tempo esse lugar, juntamente com o ego. É claro, podemos supor que, numa experiência mais próxima da neurose, o ego não está ameaçado, mas a questão é saber o quanto ele permanece ‘ao alcance’, exatamente nessa situação. Já para os casos mais caracteristicamente psicóticos, a frágil margem do ego não se sustentaria sem o apoio dessa condição reflexiva do *si*, de modo que o descentramento subjetivo significaria aqui, na maioria das vezes, uma experiência ameaçadora. Retornaremos a isso mais adiante. Como vimos mais acima, a possibilidade de que ocorra uma experiência do sujeito num eixo que momentaneamente se coloca fora do ego nos leva a pensar nas relações entre este e a consciência (*consciousness*). Ora, a presença de elementos no psiquismo que não pertencem aos domínios do ego não representa novidade alguma – a subjetividade, como temos visto até aqui, comporta dimensões de ambigüidade, estranhezas, conflitos e alteridade para muito além daquilo

que poderíamos admitir em nós mesmos. Sabemos também que o próprio ego possui aspectos inconscientes e de fato se desenvolve como uma parte do id. O que se nos coloca como uma novidade é a possibilidade de encontrarmos um lugar na teoria para essa experiência que é conscientemente vivida fora do âmbito mais estrito do ego.

Podemos resumir no seguinte quadro algumas definições básicas em torno das distinções que se nos afiguraram até aqui:

Pré-subjetivo	Reflexivo (impessoal)	Sujeito e Objeto discriminados	
<b>Isso (Id)</b>	<b>Si</b>	<b>Eu (Self)</b>	<b>Eu (ego)</b>
Condição de engendramento da subjetividade (por estar aquém das figuras da subjetividade, aproxima-se do biológico e impessoal).	Característica reflexiva ligada ao Pcpt.-Cs. que propicia um <i>lugar</i> , ainda que não se diferenciem sujeito e objeto como entidades “totais”: há sempre elementos de ambos simultaneamente.	A pessoa como um todo, num sentido mais amplo.	Instância psíquica, representante funcional da totalidade do sujeito, na qual possivelmente podemos considerar a dimensão do corpo.

*Dessa forma, por tudo o que vimos até aqui, penso que já temos indícios o suficiente para assumirmos que a experiência de identidade não é uma qualidade do ego em si, mas sim o resultado de sua ligação com a percepção e a consciência (consciousness). Esta condição reflexiva, este si – que, como vimos, pode ser descentrado – é algo mais primitivo que o ego, pois trata-se de um ‘lugar’ propiciado por aquilo que Freud chamava, na primeira tópica, de sistema Pcpt.-Cs.*

Fazendo uma pequena extrapolação, poderíamos nos perguntar se, na segunda tópica, do ponto de vista intrapsíquico e topográfico, o lugar do objeto limita-se a uma identificação que se possa tomar como pertencente ao *self*, ou se pode haver um outro lugar, *uma outra instância* (um ‘buraco’ ou uma ‘ferida’) que apontasse para o outro, para o estrangeiro – um ‘*otherself*’.

Mas antes de encerrarmos este tópico, há ainda um ponto específico a ser discutido. Retomemos duas idéias previamente desenvolvidas: a) de uma certa reflexividade não individualizada num eu-total, e de uma região não-si que lhe corresponde, e b) do ego enquanto uma estrutura que comporta elementos para além da função egóica de representar (*vertreten*) o sujeito enquanto uma totalidade. Estas idéias poderiam eventualmente ajudar-nos a compreender melhor a situação do sujeito na psicose, quando então uma falha na constituição do ego seria compensada por um hiperinvestimento destes outros elementos presentes em sua estrutura, numa tentativa de formar os limites que o próprio ego não foi capaz de prover.

Grosso modo, os mecanismos psicóticos, por uma fragilidade na constituição do ego, operariam nos limites destas regiões, *si* e *não-si*. Assim, os compromissos e embates mais saudáveis entre estes diversos elementos na estrutura do ego estariam prejudicados por uma necessidade primordial de sustentação e ancoragem desse lugar subjetivo que o ego não é capaz de garantir por si próprio. Isto estaria de acordo com a idéia que apresentei anteriormente<sup>173</sup>, a saber, de que as angústias na psicose evidenciarão a experiência de devassamento ora do *eu*, ora da *realidade*. As possibilidades de

---

<sup>173</sup> Ver Capítulo I, p. 48.

descentramento do ego<sup>174</sup> – um lugar que não está garantido, no caso da psicose – tornam os outros elementos presentes na estrutura do ego potencialmente devastadores, porque ao serem considerados em sua alteridade, enquanto *elementos não-si*, deixam de ocupar esta função de “envelope” (para utilizarmos o termo de Anzieu<sup>175</sup>) e o ego perde novamente seus contornos, sendo necessário recorrer a processos como a recusa ou desautorização da realidade. A angústia da experiência de não-reconhecimento do próprio corpo ou de partes dele, freqüentemente associada aos quadros de esquizofrenia, encontra um sentido neste modelo: os limites corporais podem sofrer desses mesmos devassamentos e ataques, justamente por seu estreito vínculo com a condição do ego.

Num sofisticado parágrafo logo no início do texto *Sobre o narcisismo, uma introdução*, Freud considera a questão do contato com a realidade, nos pacientes esquizofrênicos:

Mas o afastamento do parafrênico do mundo externo necessita ser mais precisamente caracterizado. Um paciente que sofre de histeria ou de neurose obsessiva, enquanto sua doença persiste, também desiste de sua relação com a realidade. Mas a análise demonstra que ele de modo algum corta suas relações eróticas com as pessoas e as coisas. Ainda as retém na fantasia, isto é, ele substitui, por um lado, os objetos imaginários de sua memória por objetos reais, ou mistura os primeiros com os segundos, e, por outro, renuncia à iniciação das atividades motoras para a obtenção de seus objetivos relacionados àqueles objetos. Essa é a única condição da libido que podemos legitimamente aplicar o termo ‘introversão’ da libido, empregado por Jung indiscriminadamente. Com o parafrênico a situação é diferente. Ele parece realmente ter retirado sua libido de pessoas e coisas do mundo externo, sem substituí-las por outras na fantasia. Quando *realmente* as substitui, o processo parece ser secundário e constituir parte de uma tentativa de recuperação, destinada a conduzir a libido de volta a objetos.<sup>176</sup>

<sup>174</sup> Podemos encontrar um fato curioso acerca deste descentramento subjetivo na língua japonesa. A palavra que corresponde ao sujeito da frase (eu [watashi], tu [anata] etc.) só cumpre essa função porque sempre está acompanhada de uma partícula chamada *posposição subjetiva* [wa] (que não possui correspondente nas línguas ocidentais), e que é responsável pela ocupação do *lugar* de sujeito. De fato, o sujeito pode ser um substantivo, um pronome, um verbo ou adjetivo substantivado etc., mas que *em si* não carregam a função subjetiva, caso não venham acompanhados da posposição [wa].

<sup>175</sup> ANZIEU, Didier. *O eu-pele*, [1995]. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

<sup>176</sup> FREUD, Sigmund. *Sobre o narcisismo: uma Introdução*. (1914), 1996p, p. 82.

Vemos aqui a dimensão libidinal funcionando como uma espécie de ‘operador’ das relações do sujeito com a realidade, configurando os engendramentos entre sujeito e objeto. Jung, ao criticar a idéia de que o desinvestimento libidinal no objeto acarreta em perda da realidade<sup>177</sup>, parece equacionar e reduzir todo contato com a realidade ao contato libidinal, coisa que Freud não faz. Se assim fosse, realmente poderíamos tomar o esquizofrênico como um tipo de “anacoreta ascético”. Mas não é isso que a teoria da libido propõe: o que se retira da realidade é o *interesse* do paciente nela. Devo insistir na importância da dimensão econômica para pensarmos a relação do par sujeito-objeto, e isto não quer dizer, absolutamente, uma oposição em relação aos modelos relacionais, mas tão somente que estes não podem se desprender do modelo pulsional sem abrir mão destas nuances tal como vimos acompanhando no texto de Freud. A boa compreensão da dinâmica e de todas as formações que se dão nesta estrutura do ego exige as noções de intensidade e investimento. A própria idéia de *recusa* ou *desautorização* da realidade, tão importante aqui, fica difícil de ser explicada sem o recurso da ambigüidade entre ligação e desligamento de um determinado valor da percepção.

Entretanto, essas breves considerações que faço acerca da psicose possuem um caráter meramente hipotético, e necessitariam de um estudo mais aprofundado, o que escapa aos objetivos da presente investigação.

---

<sup>177</sup> Comentado por Freud, p. 88 desse mesmo texto.

## *Narcisismo primário e a 'torção' do auto-erotismo*

No início, para o bebê, há dois objetos sexuais: quem cuida e quem é cuidado. O *eu* é colocado no lugar de objeto, e isto aponta para o narcisismo primário. Poderíamos aventar, como fez Laplanche, um certo tipo de inconsistência entre a situação de narcisismo primário e o contato com o objeto que antecede o auto-erotismo, um lapso teórico freudiano na introdução da segunda tópica a ser interpretado. Entretanto, penso que não há nenhum problema ou inconsistência nisso, pois o narcisismo primário é uma montagem complexa, não significa algo como um investimento libidinal encapsulado e auto-centrado no ego, mas é uma via, uma possibilidade de investimento libidinal que não tem ainda um referencial fixo – eu/outro – mas que intercambia entre estes, ainda que o resultado seja sempre o investimento no próprio ego. Será que com isto não estamos criando um problema à noção asseverada por Winnicott de que no início mãe e bebê são um? O conceito de *narcisismo primário*, conjuga-se com a idéia de *ambivalência*, em que sujeito e objeto são intercambiáveis, numa via de catexização. Parece-me que o mais correto seria dizer que mãe e bebê são um e dois ao mesmo tempo, ou que são dois, mas ainda sem o referencial de *si* fixo aqui ou acolá. Pois é mais ou menos aceito que isto é assim para a mãe, que há para ela a experiência paradoxal de ser dois e um com o bebê, mas não se leva isso suficientemente a termo quando falamos do ponto de vista do bebê.

A situação de *narcisismo primário* não deve ser tomada como se fosse a sugestão da existência de um 'ego primário' sobre o qual se volta a libido – apesar de haver, no início, o contato com um *objeto primário*. Vejamos o seguinte trecho do texto *Sobre o narcisismo*,



*uma introdução*, antes de nos acercarmos da relação entre o *narcisismo primário* e o *objeto primário*:

[...] estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo.<sup>178</sup>

A não existência de um ego constituído desde o início é o motivo pelo qual o bebê não é capaz de apreender completamente o *objeto primário*. É a esta situação de defasagem que corresponde, então, o narcisismo primário, numa montagem complexa que envolve os investimentos libidinais (inclusive os que vêm do outro), e a possibilidade de onipotência e uso das partes desse outro primário – que imediatamente já passa a ser o outro das pulsões parciais, *objeto parcial*. Vejamos, com mais cuidado, o que isso significa. Do ponto de vista da pulsão, o início deve ser considerado como sucessor de um momento quase mítico de relação com o objeto primário. Este início, o auto-erotismo das pulsões parciais, é herdeiro da ligação do bebê com o objeto primário, que agora se encontra *estilhaçado sem nunca ter podido ser inteiro*<sup>179</sup>. Ora, penso que essa “nova ação psíquica” descrita por Freud na citação anterior, e que marca o início do narcisismo primário, refere-se a uma *torção* do próprio auto-erotismo em sua totalidade, de forma que se cria um efeito libidinal de investimento sobre si próprio, ainda que não haja um ego constituído. Não há ainda nem um ego nem um outro plenamente constituído, mas há o *si*, esta *condição reflexiva* numa dimensão de onipotência do pensamento, que se diferencia de uma certa região *não-si*, experimentada já no contato com o objeto primário (que

<sup>178</sup> FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo, uma introdução. (1914), 1996p, p. 84.

<sup>179</sup> Conforme capítulo II, no tópico *Sobre este outro primário, numa relação originária*.

depois será resgatado sob a forma do objeto total). Sob um outro prisma, talvez pudéssemos supor – como o fizeram P. Federn e M. Klein – a existência, desde o início, de um “ego feeling” ou de um “ego primitivo”, para dar conta desses meandros aqui desenvolvidos; mas parece-me que esses conceitos realmente implicam processos distintos daqueles propriamente tematizados por Freud.

Muito se fala contemporaneamente sobre o papel do outro na constituição do psiquismo, e sem muito esforço podemos ver nisso também uma relação quase direta com este condensado trecho citado anteriormente – de fato, essa nova ação psíquica é geralmente interpretada como uma ação do outro, da mãe, sobre o bebê, constituindo-o enquanto um sujeito. Além disso, este argumento serve de apoio para uma crítica que se faz a uma concepção inatista da subjetividade, na qual esta como que ‘brotaria’ com o narcisismo primário. Penso que o problema deste argumento está em tender para o outro extremo, e considerar a subjetividade enquanto uma espécie de ‘efeito’ do contato com o outro: o caráter primário do narcisismo seria algo tal qual uma ilusão, pois o primordial seria algo que vem de *fora*. Aliás, este tipo de pensamento irá considerar as pulsões da mesma forma, e qualquer argumento no sentido de uma disposição inata será rechaçado como *logicamente* incoerente frente ao papel do outro na constituição do psiquismo. No entanto, o germe desta problemática não era ignorado por Freud, que tende a considerar o papel do outro, do cuidador, em termos de *despertar* a pulsão, mais do que instaurá-la.

Da mesma forma, se quisermos manter todo o aspecto libidinal do narcisismo primário em pauta, da forma como vimos fazendo até aqui, somos obrigados a concluir que a possibilidade de retorno da totalidade de investimento libidinal sobre si mesmo, que se dá a partir do auto-erotismo, *não pode ser uma capacidade instaurada pelo outro, mas sim*

*despertada por, e através dele. E com isto refiro-me tão somente à potencialidade da libido do sujeito vergar-se num investimento reflexivo.* É claro que esta nova ação psíquica, essa ‘torção’ do autoerotismo num investimento reflexivo primário, só pode ocorrer num interjogo entre este sujeito e objeto que estão se constituindo nesta relação, ao mesmo tempo em que este objeto é, ele próprio, um sujeito já constituído. Certamente há que se considerar uma parcela de instauração que vem do outro, do objeto, na *maneira* como o retorno acontece, assim como na constituição da identidade do sujeito<sup>180</sup> e de outros elementos que fazem parte do psiquismo; mas esta instauração de modo algum prescinde de uma condição que parte do próprio sujeito, que deve ser *despertada*. A gênese da subjetividade deve ser pensada a partir das tensões criadas num certo *embate* entre estes pólos, sujeito-objeto, o que não se reduz ao papel do *outro* nisto, apesar de incluí-lo<sup>181</sup>.

### *O objeto e a pulsão de morte*

A segunda teoria das pulsões nos permite (e nos exige) uma releitura da abordagem que podemos ter em relação ao objeto. Os conceitos de Eros e de pulsão de morte implicam uma dinâmica libidinal mais específica e complexa acerca das vinculações entre

---

<sup>180</sup> A identificação primária, por exemplo, não parece ser para Freud resultado de uma catexia de objeto, mas algo que se dá de forma “direta e imediata”, e mais primitiva que qualquer catexia de objeto. Como, podemos nos perguntar, sem catexia? Mas é justamente isto que está na base de discursos como o de Winnicott, para quem uma miríade de fenômenos e acontecimentos importantes no desenvolvimento dar-se-ia antes de qualquer dimensão libidinal. Parece que nesse momento deveríamos nos reportar àquele início onde sujeito e objeto encontram-se indistintos, por não haver um ego suficientemente formado. O complexo de Édipo consistiria, num segundo momento, importante da identificação – agora já objetal, propriamente – que viria a reforçar aquela primária.

<sup>181</sup> Nem tampouco a ambivalência constitucional da pulsão pode realizar este seu movimento reflexivo sem o ponto de apoio da alteridade do objeto.

sujeito e objeto – se antes a dimensão pulsional já se colocava como uma espécie de trama entre sujeito e objeto, com a segunda teoria das pulsões isso ganha uma conotação mais ‘dramática’, na medida em que a morte, o desligamento, e todas as forças, compromissos e fusões que a isto se opõem entram em cena imbuídos deste novo fôlego teórico freudiano.

O encontro que o bebê faz com o objeto total, p.e., é repensado dentro da dinâmica pulsional de fusões e desfusões, através da qual Eros vem a somar como um novo fator na explicação da ‘saída’ do sujeito do campo de pulsões parciais, o que até então era apenas constatado pela presença da pulsão genital madura. Vejamos como Freud apresenta isso, a partir do texto *O Ego e o Id*:

Fazendo uma generalização rápida, poderíamos conjecturar que a essência de uma regressão da libido (da fase genital para a anal-sádica, por exemplo) reside numa desfusão de instintos, tal como, inversamente, o avanço de uma fase anterior para a genital definitiva estaria condicionado a um acréscimo de componentes eróticos.<sup>182</sup>

Ora, com isso, fica mais claro o percurso realizado pelo sujeito em direção ao objeto: é preciso que Eros esteja atuando, ou seja, que haja predominância da tendência à *ligação* – e isto ganha o caráter, afinal de contas, de ligação entre sujeito e objeto.

Do ponto de vista do dualismo pulsional, o ego é mais facilmente aproximado de Eros, por sua natureza de organização e ligação, por sua preferência aos processos secundários. Contudo, ao levarmos em conta o papel do ego nos fenômenos da identificação e da dessexualização das finalidades libidinais, com fins de melhor manutenção das tensões, verificamos que o ego também se aproxima do id e daquilo que

---

<sup>182</sup> FREUD, Sigmund. *O Ego e o Id*. (1923), 1996d, p. 54.

está para além ou aquém de Eros. A pulsão de morte faz-se presente enquanto tendência na própria condição regressiva que há em toda pulsão<sup>183</sup>. Assim, a dimensão de desligamento/ligamento da segunda teoria das pulsões pode derivar algo que se dê no campo mais específico da relação entre sujeito e objeto enquanto entidades totais – daí a crescente ênfase teórica na polaridade amor/ódio que podemos observar em Freud e em outros que se seguiram a ele, notadamente Melanie Klein.

Acontece que essa oposição amor/ódio por vezes roubará a cena fazendo-se valer como um dualismo fundamental. De fato – e Freud aponta para isto – a polaridade amor/ódio em si não justifica, em absoluto, a suposição da existência do dualismo pulsional Eros/pulsão de morte. Nesse sentido, há a constatação de que, numa série de circunstâncias, o amor pode transformar-se em ódio e vice-versa, o que poderia nos levar a pensar que esta oposição poderia dar-se perfeitamente sobre uma base única de qualidade pulsional. Mas conforme discuti no capítulo anterior (p. 79), essa oposição não se dá senão *indiretamente*, tanto o ódio quanto o amor a um objeto colocam-se, a princípio, como eventos distintos a partir de uma situação originária de ambivalência que está em sua base e que os engendra. Apenas quando temos garantida a situação de um dualismo pulsional já na origem, e que não se confunde com a oposição amor/ódio, é que a idéia de pulsão de morte pode ser mantida. Entendo que é a *ambivalência* (enquanto um conceito maior que a polaridade amor/ódio, que é apenas um caso seu particular) que assegura para Freud as bases do dualismo pulsional, a existência da pulsão de morte, pois as transformações mútuas entre ódio e amor não se dão diretamente, a partir de uma mesma qualidade de pulsão, mas resultam tão somente da ‘troca de lugares’ subjetivos que

---

<sup>183</sup> Como enfatiza FIGUEIREDO, L. C. em seu *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Ed. Escuta, 1999.

acontece por uma ambivalência. Não é demais enfatizar sempre que possível a importância de considerarmos a ambivalência para além da questão amor/ódio.

Freud considera que é por razões econômicas que um tipo de satisfação, quando for impossibilitado, pode vir a ser substituído por outro. As arestas que se criam no contato com a realidade externa (com a realidade externa do outro, ou ainda, com a realidade do outro que me é externa) têm um importante papel para compreendermos com justeza um conceito tão especial quanto este, de ambivalência. De fato, em última análise, é o que permite o tipo de leitura que vimos fazendo do texto freudiano até aqui. Foi este sentido da ambivalência enquanto *operadora de um lugar subjetivo* que se nos mostrou, neste percurso, a via de acesso mais fundamental para esta discussão acerca dos descentramentos entre sujeito e objeto. Retomando o que disse antes<sup>184</sup>, penso que a dupla dimensão da ambivalência – enunciada nos pares de termos ativo/passivo e amor/ódio – evidencia duas formas distintas de lidar com a necessária frustração que advém do contato com o mundo externo: no primeiro caso, a modalidade de satisfação se mantém (trocam-se as posições entre sujeito e objeto!), enquanto que, no segundo, é o objeto que se mantém (troca-se o tipo de vínculo que se dá entre eles!). É claro que esta é apenas uma esquematização simples, e tal como acontece na resolução edípica, na realidade o movimento ambivalente é muito mais sinuoso e complexo, pois nem objeto, nem sujeito, nem a pulsão podem ser tomados como entidades unívocas.

Além disso, parece que a ambivalência é operada em seus meandros pela ação de um tipo de energia deslocável, que seria responsável pela diferenciação das dosagens nas fusões entre Eros e pulsão de morte. Esta energia poderia advir do reservatório narcísico de libido, Eros dessexualizada, que, em última instância, visaria à manutenção do aparelho

---

<sup>184</sup> Ver p. 69.

psíquico, em especial no que diz respeito à sua dimensão econômica. Lembremo-nos que é esse tipo de energia que estaria nas bases de todo processo de sublimação. Entre as diversas vicissitudes das pulsões<sup>185</sup>, há transformações, ligações, reforços e deslocamentos, entre outros processos, em que as qualidades das pulsões entram em jogo – assunto de difícil tratamento, para o qual Freud deixa uma certa abertura.

No texto *O Ego e o Id*<sup>186</sup>, em relação ao manejo propiciado pela existência de uma certa energia “neutra” – a ser utilizada conforme a necessidade econômica do aparelho psíquico – Freud faz uma interessante ligação entre isto e a dimensão transferencial da análise, uma certa fluidez de possibilidades de investimento que seria a condição de possibilidade do trabalho analítico. A esta altura, o leitor já deve ter percebido que as idéias de ambivalência, reservatório narcísico, sublimação e transferência estão implícita e visceralmente ligadas pelo fio desse conceito de uma energia deslocável, e que há um aspecto da economia nesta segunda tópica que remonta a regiões já tratadas desde há muito tempo na teoria freudiana. A dimensão econômica parece ganhar aqui novos contornos, e os destinos das pulsões reaparecem sob novo olhar. Desta forma, a segunda tópica se nos parece remeter não só às tensões e compromissos entre as instâncias (id, ego e superego), mas também às possibilidades de transformação inerentes às pulsões, inclusive naquilo que têm de mais estritamente econômico. Esta possibilidade de uma certa fluidez no manejo pulsional, visando à redução da tensão, aproxima-se de algo que é característico dos processos primários, mas mantendo simultaneamente a coesão dos processos secundários. A pulsão de morte parece ser arredia a este tipo de manejo, e será somente através da mediação de Eros que uma certa quantidade de deflexão para o

---

<sup>185</sup> Assim como o ego pode ter um papel crucial acerca dos destinos da pulsão (sublimação, recalque, retorno ao ego, reversão em seu oposto, desfusão), talvez seja válido pensar também no papel do objeto nisso.

<sup>186</sup> FREUD, Sigmund. *O Ego e o Id*. (1923), 1996d, p. 57.

mundo externo será possível. Assim, um dos pontos de maior relevância na caracterização dos processos psíquicos passa a ser, com a segunda teoria das pulsões, os destinos das pulsões a partir dos movimentos de fusão ou des fusão entre pulsão de morte e Eros.

A questão da identificação é um excelente exemplo para pensarmos nessas nuances em torno da pulsão de morte. A identificação com o pai, p.e., dá-se às custas de um processo de dessexualização do investimento libidinal original, o que implicará sempre algum grau de des fusão pulsional, de forma que a pulsão de morte, agora desvinculada, é o que dará o caráter severo e cruel do superego que se origina nessa identificação. Em muitos casos, o superego culpa o ego por uma intenção destrutiva que não lhe pertence, mas que foi resultado justamente da regressão e des fusão que propiciaram a atuação da pulsão de morte de forma mais livre. Mas este é apenas o modelo de des fusão pulsional tal como pode acontecer na resolução edípica, ou na melancolia. Freud chama a atenção para um outro tipo de situação, tal como ocorre na neurose obsessiva, na qual a des fusão não é causada pelo ego (identificação e abandono do objeto), mas pela regressão pulsional no próprio id – da organização genital para a sádico-anal.

Em *O Ego e o Id*, Freud termina sua exposição reafirmando o lugar teleológico da pulsão de morte: colocar-nos em direção ao estado inorgânico originário que foi perturbado por Eros, pelo advento da vida. Esta é uma conclusão coerentemente calcada do ponto de vista do funcionamento psíquico em seus patamares dinâmico e econômico. Entretanto, a última frase do texto é uma ressalva contra uma possível subestimação do papel desempenhado por Eros:

Seria possível representar o id como se achando sob o domínio dos silenciosos mas poderosos instintos de morte, que desejam ficar em paz e (incitados pelo princípio de prazer) fazer repousar Eros, o



promotor de desordens; mas talvez isso seja desvalorizar o papel desempenhado por Eros.<sup>187</sup>

Podemos nos perguntar, para além de uma perturbação no estado de repouso inicial da matéria, que outro papel ele poderia ter? Ora, este é um passo que de fato escapa à psicanálise; mesmo assim, se aventássemos, em termos mais contemporâneos, que o destino de Eros é justamente não poder se furtar à ligação com o *outro*, e até mesmo buscá-lo, estaríamos definitivamente inserindo a dimensão ética na discussão, e de uma maneira que excede qualquer possibilidade funcional, ou mais biológica, do que seja a vida. Um além da pulsão de morte<sup>188</sup>.

### *A subjugação do ego*

Há ainda uma interessante relação que se estabelece entre ego e objeto, para a qual reservaremos estes últimos parágrafos. Trata-se da situação específica que Freud tratou em seu texto *Luto e Melancolia*<sup>189</sup>, a partir do qual procurarei trazer os elementos que nos interessam para a discussão deste capítulo.

Tomando inicialmente a situação de luto, Freud explora as vinculações entre o ego e esse objeto que foi perdido, uma situação de investimento libidinal que precisa sofrer uma transformação gradual para que o sujeito prossiga com sua vida. É a prova de realidade que exige a retirada libidinal do objeto perdido. Os ‘sintomas’ do luto são

---

<sup>187</sup> FREUD, Sigmund. O Ego e o Id. (1923), 1996d, p. 71.

<sup>188</sup> Num sentido diverso deste, que não cabe abordar aqui, Jacques Derrida falou a respeito de um ‘além da pulsão de morte’. Cf. *Estados da Alma da Psicanálise*, 2001.

<sup>189</sup> FREUD, Sigmund. Luto e melancolia ([1915] 1917). In: *Obras Completas*. Vol.XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996l.

descritos como uma “inibição e circunscrição do ego”, ao mesmo tempo em que observa uma *devoção* a essas reações que se dão na condição do enlutado. Há um intenso trabalho psíquico que é lentamente realizado, no qual se nos afigura a importância da dimensão econômica nestes processos.

Esse tipo de situação entre ego e objeto que subjaz ao luto em muito se assemelha à melancolia, na qual também alguma parte ou aspecto do objeto foi perdido – com a diferença que, neste caso, isso se dá inconscientemente. Podemos supor também que o que foi perdido desempenha para o sujeito um importante papel na dinâmica ou na economia psíquica – de fato, ao passo que o enlutado perdeu um objeto, o melancólico aponta o tempo inteiro para uma perda em algo de seu ego. Ao longo do texto, temos sucessivas aproximações e distanciamentos entre luto e melancolia na medida em que os processos inerentes a cada um vão sendo esmiuçados por Freud.

O traço distintivo mais característico da melancolia em relação ao luto está na diminuição da auto-estima. O melancólico vive um empobrecimento das qualidades de seu ego, que é atormentado por acusações auto-dirigidas. A chave para a compreensão deste fato está em que essas auto-recriminações melancólicas via de regra aplicam-se a um objeto amado, mas foram deslocadas deste para si próprio. Eventualmente, aquilo que de fato se coloca como uma recriminação legítima ao ego melancólico serve apenas de reforço ou mascaramento dessa origem no objeto. Vejamos como Freud enuncia a problemática:

Existem, num dado momento, uma escolha objetal, uma ligação da libido a uma pessoa particular; então, devido a uma real desconsideração ou desapontamento proveniente da pessoa amada, a relação objetal foi destroçada. O resultado não foi normal – uma retirada da libido desse objeto e um deslocamento da mesma para um novo – mas algo diferente, para cuja ocorrência várias condições

parecem ser necessárias. A catexia objetal provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto; foi retirada para o ego. Ali, contudo, não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma *identificação* do ego com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o ego e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado.<sup>190</sup>

Este processo da melancolia tem assim suas raízes num mecanismo muito primitivo, que é a identificação. Nesse caso, o ódio ou conflitos em relação ao objeto podem ser transferidos para o próprio ego. A identificação narcísica com o objeto substitui, num movimento regressivo, o investimento amoroso. Segundo observação de Otto Rank, mencionada por Freud<sup>191</sup>, uma escolha de objeto narcísica é o que permitiria que, na melancolia, o investimento amoroso regredisse sem maiores dificuldades ao narcisismo. Na passagem da perda do *objeto* no luto, para a perda do *ego* na melancolia, temos uma reaproximação destes fenômenos; a diferença entre eles se esmaece novamente quando consideramos que o ego é tratado, na melancolia, ele próprio, tal qual um objeto. Como vimos, a origem dos ataques ao próprio ego remonta, para Freud, a um objeto de amor: “*queixar-se é dar queixa*”. Daí o sentimento de injustiça que acomete o melancólico, cujas auto-acusações são acompanhadas pela indignação com seu destino, uma indignação de quem sabe não merecer passar por tal penúria. De modo similar, pela falta do decoro ou da vergonha que seria de se esperar nas pessoas que têm expostos seus aspectos recrimináveis, podemos dizer que o melancólico, no drama de sua *auto-exposição* com que atormenta os que estão à sua volta, sofreu em parte um descentramento subjetivo em direção a seu superego – de forma que agora pode submeter seu ego, de bom grado e sem apelação, a este tribunal interno. Talvez a melancolia seja um dos

---

<sup>190</sup> FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. ([1915] 1917), 1996l, p. 254.

<sup>191</sup> Idem, *Ibidem*.

quadros em que a presença do objeto, no psiquismo, mais se aproxima do próprio ego. Diferentemente do caso de descentramento subjetivo *que vai em direção ao objeto*, na melancolia o *eixo subjetivo* não se desloca até o objeto: este veio até ele, por um processo identificatório.

A partir de reflexões desse tipo, Freud considera mais claro como é possível para o ego a concretização do suicídio, em vista da grande força de seu amor-próprio que a isto se opõe. O suicídio só é possível para o ego devido a ser, principalmente, um *assassinato* de si próprio, ou seja, do ego poder tomar-se como um objeto. O termo alemão para suicídio, *Selbstmord* (literalmente *auto-assassinato*), expõe melhor que o termo português esse interjogo subjetivo<sup>192</sup>. Há que se considerar uma certa idéia de subjugação do ego, necessária para compreensão da situação do suicídio. O eixo subjetivo, uma vez centrado no superego, permite ao sujeito mais facilmente tratar seu ego tal qual o objeto de ódio original, mas agora não pode contar mais com a parcela de libido que ponderava a quantidade de pulsão de morte que podemos supor existir originalmente. O ego é subjugado, por assim dizer, pela “sombra do objeto”.

Talvez toda e qualquer possibilidade de identificação seja mesmo tributária da dimensão mais primitiva da ambivalência, de trocas de lugar entre sujeito e objeto. Apoiada ora mais, ora menos, em aspectos reais de desapontamento, ofensa, ódio etc. relativos ao objeto, a ambivalência conjuga-se com a regressão narcísica de identificação. Freud considera que a ambivalência pode ser ou constitucional (inerente à forma de ligação amorosa do ego) ou resultado da ameaça de perda do objeto. No caso da melancolia, temos um belo exemplo de como as duas dimensões da ambivalência formam

---

<sup>192</sup> Ver, na p. 142, a citação da acertada nota que Marilene Carone faz em sua tradução do texto *Luto e Melancolia*.

um intrincado quadro onde sujeito e objeto aproximam-se e engendram-se, carregando nisto também o conflito amor/ódio presente na relação.

---

## Considerações Finais

---

Retomaremos neste momento as idéias centrais apresentadas ao longo do texto, de modo a facilitar a apreensão do conjunto dos argumentos, para que o leitor possa tirar suas próprias conclusões acerca dos direcionamentos e implicações de tudo o que foi tratado até aqui.

De início, acompanhamos com Freud esse arqueamento na língua alemã em torno da palavra *heimlich*, criando um certo movimento paradoxal de remetimento mútuo entre os sentidos de familiaridade e alteridade, o que caracteriza a experiência do *estranho*. Freud discrimina dois fatores no psiquismo responsáveis pela vivência dessa experiência, que veio a se materializar na língua – o retorno daquilo que foi recalcado e a reativação de um modo de funcionamento psíquico primitivo (a saber, o pensamento mágico onipotente).

A vivência simultânea de elementos contraditórios, num determinado momento em que se esperaria apenas um deles, nos levou à dinâmica do *fetichismo*, na qual encontramos ambigüidades e asserções opostas que engendram um duplo movimento de reconhecimento e recusa. Neste caso, trata-se da percepção da ausência do pênis nas mulheres e a dolorosa confirmação da existência da lei da castração, que serão reconhecidos, por um lado, e negados habilmente por outro, através da construção do fetiche. De forma similar, a *reliquia* é um objeto substituto que materializa e corporifica algo que foi perdido, como um último apelo mágico e secreto à morte do objeto original. É importante frisar que, tanto para os fenômenos do estranho quanto para os do fetiche ou da relíquia, não se trata de uma contradição ou ambigüidade qualquer: é preciso que

um dos elementos seja algo que se esperava ser próximo e familiar ao sujeito, enquanto que o outro seja algo que se esperava lhe ser exterior, distante ou mesmo desconhecido.

Reconhecimento e recusa caminham lado a lado na vida mental do sujeito criando aquilo que Freud chamou de “duas correntes na vida mental”. A contradição entre elas é eliminada justamente porque uma delas está próxima à consciência ou ao ego, enquanto que a outra é ‘expatriada’ numa região de pura alteridade ou mesmo desconhecimento. Pois bem, o estranho é o fenômeno em que estas duas correntes, antes de formarem qualquer compromisso (como no caso do fetiche ou da relíquia), chocam-se e disputam a predominância na consciência sem que nenhuma prevaleça sobre a outra, causando como que uma divisão, um *descentramento subjetivo do ego*.

Desta forma, obtivemos elementos suficientes para enunciar a existência de um terceiro fator que engendra o *estranho*, a saber, a mencionada experiência de descentramento do ego, pela conjunção e choque de duas correntes da vida mental (familiaridade-estrangeirismo, *heimlich-unheimlich*). Mais do que o retorno do recaiado ou a reativação de um modo de pensamento arcaico, é o efeito destes últimos no psiquismo – mais precisamente no *ego* – o responsável pelo sentimento do estranho. A ferida tocada, justamente, é a suposta natureza sintética dos processos do ego, que revela sua fugacidade quando aquelas correntes contraditórias devem ser simultaneamente comportadas. Ainda que, no texto *O Estranho*<sup>193</sup>, Freud não tenha dado um estatuto teórico para isto, certamente não lhe escapava esta condição, o que pode ser verificado na advertência que faz ao leitor sobre a diferença entre a compreensão intelectual do estranho e algo que realmente experimentamos, seja numa experiência no mundo real, seja numa experiência ficcional propiciada por um hábil narrador. No caso da ficção, é justamente a condição de

---

<sup>193</sup> FREUD, Sigmund. *O Estranho* (1919), 1996f.

poder ou não se colocar no lugar da personagem – se identificar com ela – que será decisiva na presença ou ausência do sentimento do estranho, ainda que os outros dois fatores estejam presentes.

Pensar a experiência do estranho se nos mostrou um caminho extremamente bem-sucedido para que pudéssemos observar um lugar na subjetividade que aponta para o estrangeiro, para a alteridade. A partir disto, muitas questões se abriram a respeito da constituição desta subjetividade e desse ego que pode sofrer descentramentos. Outras tantas surgiram, no que diz respeito às relações que pode haver entre o rompimento da familiaridade e o objeto que representa o *outro*, fonte de alteridade.

A partir do pano de fundo dessa relação especial a que corresponde o *estranho*, as vinculações entre sujeito e objeto nos levaram a percorrer aquilo que Freud chamou de dimensão econômica da psicanálise (pelo menos em seus aspectos mais relevantes à nossa discussão). Normalmente se considera a esse respeito a idéia mais bem conhecida de que o objeto é correlato à pulsão, sendo em grande medida constituído por ela num movimento que tem sua origem em aspectos constitucionais do sujeito. Outra idéia, que a esta se antepõe, é a de que, na verdade, o objeto deve ser considerado responsável pela instauração do movimento pulsional e das nuances de relação com o sujeito – eventualmente, a dimensão pulsional será até mesmo excluída, em nome de algum tipo de relação direta entre sujeito e objeto. Sem desconsiderar os méritos ou justificativas de um e outro pontos de vista, pudemos ver que há um tipo de discussão que não pode se realizar se pretendemos nos ater de forma absoluta a qualquer um destes extremos; isto porque há elementos e nuances entre sujeito e objeto que necessitam de um campo comum que se coloque aquém destes.



A pulsão, como Freud a concebe, mostrou-se em nossa leitura um conceito que cumpre bem este papel, enquanto um operador fundamental da trama de vínculos entre sujeito e objeto. Em outras palavras, o *par* sujeito-objeto parece ocupar melhor o lugar de correlato da pulsão, o que acentua a natureza “fronteiriça” da pulsão: não apenas algo entre o somático e o psíquico, mas também aquilo que está entre sujeito e objeto. Vimos o quanto é difícil atribuímos um lugar perfeitamente definido para a gênese da pulsão; há um certo ‘princípio de incerteza’ quanto a isto, na leitura dos textos freudianos, pois que podemos encontrá-la ora como representante psíquico de processos somáticos, ora como uma força de origem constitucional que necessita ela própria de representantes no psiquismo. Isto, antes de ser uma deficiência ou imperfeição na sustentação teórica do conceito de pulsão, é o que lhe garante sua característica de irredutibilidade, essencial para as considerações realizadas ao longo deste texto.

Aliás, é este caráter *ambivalente* da pulsão que aproximou o que viemos dizendo acerca de sua natureza com os fenômenos do estranho. Do ponto de vista libidinal, a possibilidade de comutação e simultaneidade dos lugares de sujeito e objeto através da ambivalência já situa o objeto num lugar um pouco mais específico do que a estrita resposta à necessidade de alívio das tensões pulsionais do sujeito, e isto antes mesmo de poder ser tomado como um objeto total. Há, assim, uma dimensão pulsional e econômica que conta como um fator determinante na gênese dos lugares subjetivos.

Este movimento reflexivo primitivo da pulsão, em que se deve levar em conta também as catexias do próprio objeto, é o que nos permitiu adentrar o conceito de narcisismo primário. Mas este traço da pulsão está presente inclusive quando da constituição de um objeto e sujeito totais, momento em que a ambivalência ganha uma nova conotação em termos da totalidade da pulsão – pode também significar as relações

ambíguas de amor e ódio. A esta altura o leitor já deve estar convencido de que a operação do conceito de ambivalência exclusivamente em termos da oposição amor-ódio não faz jus às operações implicadas no fenômeno do estranho ou na constituição da subjetividade. Em todo caso, a arregimentação das pulsões parciais por uma “corrente de amor” demonstrou ser uma das repercussões, na dimensão econômica, das questões que envolvem a alteridade, o contato com o *outro*. Como vimos, ainda que muitas das implicações que foram apresentadas ao longo deste texto não tenham sido explícita ou suficientemente desenvolvidas por Freud, o papel do objeto na constituição do psiquismo não lhe passa despercebido. Por exemplo, além da questão do amor, encontramos também na explicação das *fontes* da sexualidade considerações acerca do papel do *outro*, que abrangem certa “qualidade de estímulo”, os cuidados básicos da mãe ou quem faça este papel e a configuração ambivalente que constitui os lugares ativo e passivo entre sujeito e objeto.

A partir dos elementos apresentados no segundo e terceiro capítulos, pudemos perceber que ao movimento reflexivo engendrado pela pulsão conjuga-se um papel muito específico do objeto, sem o qual os movimentos pulsionais não podem acontecer. O *outro* abre espaços, brechas, ambigüidades e lacunas na teoria, o que só faz confirmar o movimento teórico freudiano de propagação da ruptura inicial num modelo de psiquismo baseado numa unidade primordial da consciência.

\*\*\*

Acompanhados por Freud, pudemos estimar o quanto conceitos e situações tais como o *estranho*, *reconhecimento* e *recusa*, o *descentramento subjetivo* do ego, a presença de duas

*correntes colaterais* na vida mental que engendram um paradoxo, a natureza *fronteiriça* e *ambivalente* das pulsões e o encontro com o *objeto total*, nos informam acerca das sutilezas na intrincada relação entre sujeito e objeto. Neste percurso, fomos levados a pensar a gênese das relações entre sujeito e objeto, assunto de difícil tratamento sobre o qual espero ter podido ventilar pelo menos alguns de seus aspectos. Na continuidade do que vimos anteriormente, fica claro que não poderíamos nos contentar com certo senso comum acerca do narcisismo, no qual encontramos a equivocada idéia do auto-centramento de um sujeito absorto e desvinculado do mundo.

O *narcisismo primário* descortina-se numa condição muito especial de indiscriminação entre as libidos de objeto e narcísica, o que resulta, é verdade, num auto-centramento narcísico do sujeito. Entretanto, como vimos, isto de modo algum pode obliterar a presença do objeto neste período inicial de constituição da subjetividade – ainda que sujeito e objeto não possam ser discriminados, o fato é que ambos estão presentes e vivem uma situação de “amor verdadeiro”. O objeto é necessário ao narcisismo primário, ainda que ainda não possa contar como um objeto total. Tampouco faz sentido, para esta discussão, supor que o início consiste numa situação de um único tipo de libido (voltada para o próprio sujeito) que depois se ‘desenvolveria’ num outro tipo voltado para o mundo.

A eventual transformação de amor narcísico em objetal só acontece por mediação de processos que encontram sua base nessa situação primária de indiscriminação entre dois tipos de libido. As situações posteriores de encontro com o objeto total e da escolha de objeto amorosa (quando então os investimentos libidinais do próprio objeto passam a ser considerados como tais pelo sujeito) trazem a marca deste período inicial ambivalente, que é o campo onde se dão as identificações e os entrelaces edípicos.

Partindo da situação peculiar da experiência do estranho, na qual uma certa experiência do *ego* se mostrou fundamental, realizamos o trajeto através das questões em torno da constituição ambivalente entre sujeito e objeto, e não é de causar espanto que após isto tenhamos sido reconduzidos a esta figura, o ego. Aventar aquele tipo de montagem na gênese do psiquismo do sujeito, de que vimos falando, é o que nos permitiu entrever as possibilidades em torno da concepção freudiana de “estrutura do ego”. Nos meandros da ligação entre sujeito e objeto esbarramos em diversos elementos que podem ser corretamente atribuídos a esta *estrutura* que excede a função egóica, e que, não obstante, diz respeito ao *eu*: o ego ideal, o superego, os investimentos libidinais objetais e narcísicos, os objetos que o constituem por identificação, o primitivo pensamento onipotente etc.

Desta forma, a subjetividade que remete ao ego não pode ser considerada uma entidade unívoca – ela é, por assim dizer, atravessada por diversos elementos que estão para além do ego, como p.e. aqueles provenientes do *objeto*, do *outro*. Há uma dimensão no psiquismo que, embora possa ser considerada *interna*, remete diretamente para o que é externo, para uma experiência de alteridade. Podemos afirmar que a *experiência de identidade* não é exatamente uma qualidade do ego, mas é algo que pode ser momentaneamente perturbado por experiências estranhas, pelo *unheimlich*, resultado de um descentramento.

Estranhamos a experiência do descentramento subjetivo do ego porque estamos habituados a atribuir a este último uma qualidade da consciência que lhe é anterior, cujas origens remontam ao narcisismo primário. Vimos que aquela situação de “amor verdadeiro”, de indiscriminação entre as libidos de objeto e narcísica, é tributária de uma experiência anterior a qual Freud chamou de *relação originária*. No momento inaugural da relação do sujeito com o *objeto primário*, não há alheamento do bebê em relação ao mundo,

e a dimensão libidinal da pulsão ainda está para ser despertada. Em um determinado momento, a satisfação onipotente do bebê esbarra na alteridade deste objeto, uma experiência para a qual não há ainda possibilidade de elaboração psíquica. Assim que se apresenta, este estatuto de alteridade do *objeto primário* é imediatamente perdido, e instaura-se o campo do auto-erotismo, onde a satisfação do sujeito não precisa da convivência ou reconhecimento deste objeto, que agora se encontra estilhaçado em infindáveis partes. De fato, nunca houve chance de que o objeto pudesse ter sido reconhecido enquanto algo que possui existência própria neste momento primitivo.

Como resultado da perda deste contato com o objeto primário, apesar de o bebê não poder reconhecer este outro que se lhe apresentou, origina-se o conhecimento de uma região que lhe escapou da onipotência, uma *região não-si*, que se opõe à familiaridade do que passou a ser vivido como uma região *si*. Este é o início de uma experiência arcaica de reflexividade, um *si* que é anterior à existência de um eu; daí que provavelmente o binômio familiar-estrangeiro é algo mais primitivo que o binômio eu/não-eu. Vimos que esta primeira *qualificação* da experiência com os objetos do mundo coloca-se como um atributo da consciência, numa reflexividade que de início permeia traços do próprio sujeito, mas também do objeto, pois que estes ainda não podem ser distinguidos – esta é, justamente, a origem da ambivalência na constituição subjetiva. Pudemos definir este atributo da consciência naquilo que Freud chamou de sistema Pcpt.-Cs., e creio estar correto ao incluir nisto o papel da percepção.

Este *si* – que conjuga partes do sujeito e do objeto – é o primeiro depositário do investimento a que chamamos narcisismo primário, uma flexão da totalidade dos investimentos auto-eróticos que será um dos responsáveis pela constituição do ego. O narcisismo primário, uma condição de “amor verdadeiro” entre sujeito e objeto, nada

mais é do que o herdeiro daquela *relação originária* perdida. Podemos observar melhor, a partir disto, porque o narcisismo primário não é um encapsulamento primitivo do sujeito em relação ao objeto: há partes de um e de outro presentes, e que não podem ainda ser discriminadas. Aliás, não podemos nos esquecer do papel do objeto no evento do narcisismo primário, na flexão da totalidade do auto-erotismo, pois não se trata de um evento solitário. Podemos dividi-lo, esquematicamente, em dois momentos:

a) primeiro, na alteridade que se apresenta à onipotência de satisfação naquela *relação originária*, e que pode ser compreendida, em última análise, como a própria condição de o objeto ser um sujeito ele também. Aqui encontramos lugar, p.e., para começar a considerar as conseqüências dos investimentos pulsionais do adulto sobre o bebê;

b) subseqüentemente, teremos que a *familiaridade arcaica* da experiência de onipotência de satisfação, que se funda na experiência do *si*, conjuga elementos que pertencem ao objeto – ainda que não possam ser discernidos como tais.

Disto, concluímos que a gênese do movimento pulsional no sujeito deve necessariamente considerar aspectos constitucionais – em movimentos que têm sua origem no próprio sujeito – e aspectos exógenos, a partir dos efeitos produzidos por um *outro*; trata-se, a final de contas, de um domínio não exatamente instaurado pelo objeto, nem dado por nascença, mas sim despertado por e através do outro.

Com isso, podemos concluir que o início do movimento pulsional libidinal, a partir da perda do objeto primário, consiste numa primeira divisão do psiquismo em duas correntes mentais: por um lado, o *auto-erotismo*, enquanto uma operação de partição do objeto primário, só pode acontecer se houver algum grau de *reconhecimento* daquele impacto deixado pela alteridade deste objeto; por outro, o *narcisismo primário* pode ser compreendido como uma *recusa* deste mesmo evento, uma tentativa de regressão à

situação originária perdida, mas que só pode ter como resultado a situação de “amor feliz”, de indistinção entre investimentos no objeto e no próprio sujeito. Podemos eventualmente supor o reencontro com o *objeto total* como um ponto de convergência destas correntes, quando já há condições para comportar a dimensão de alteridade deste objeto que se apresenta. Neste momento a totalidade das pulsões é novamente ‘defletida’, mas agora para fora, numa “intensa moção anímica de amor”<sup>194</sup> que arregimenta a totalidade das pulsões parciais sob o primado genital.

A partir da situação do ego já constituído, esta experiência reflexiva – o *si* – geralmente apontará para um lugar coincidente com o ego. Como disse antes, a *experiência de identidade* que possuímos não é um atributo do ego, mas sim o resultado de sua conjugação a esta condição reflexiva. Nesse sentido, podemos chamar a experiência do estranho de uma *experiência de alteridade* no âmago do sujeito, em que a condição reflexiva do sistema Pcpt.-Cs. está por um momento associada a outros elementos que não o ego.

Também acompanhamos algumas das implicações que o conceito de pulsão de morte traz, a partir da segunda teoria pulsional. Os embates entre a morte, o desligamento, e todas as forças, compromissos e fusões que a isso se opõem propagam-se num tipo de relação mais específico entre as figuras totais do sujeito e do objeto, o que geralmente será compreendido em termos da oposição amor/ódio. Esta oposição é um caso particular da ambivalência, como já vimos, e remete-nos às tensões, compromissos e embates entre as instâncias psíquicas (id, ego e superego), inclusive em sua dimensão mais propriamente pulsional e econômica.

A justa consideração dos matizes pulsionais faz-se necessária à discussão contemporânea acerca da constituição da subjetividade, naquilo que se tem chamado de

---

<sup>194</sup> FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), 1996q, p. 221.

intersubjetividade. Parece-me que a dimensão econômica ou pulsional em psicanálise, longe de ser um obstáculo às possibilidades de pesquisa sobre o lugar do objeto na constituição do psiquismo, pode trazer esclarecimentos únicos a este respeito, evidenciando os embates, dissonâncias, disparidades, mas também a sustentação mútua e engendramentos entre *eu* e *outro* num campo compartilhado de instalação de subjetividades.

Por fim, darei por concluídos meus objetivos se tiver conseguido demonstrar ao leitor que os debates contemporâneos sobre intersubjetividade, ou sobre o papel do objeto na constituição do psiquismo, podem ser imensamente enriquecidos pelo esclarecimento dos primitivos enredamentos entre sujeito e objeto. O percurso que pudemos realizar nos textos de Freud nos levou a desvelar uma situação ambivalente de base na constituição das subjetividades, num enlace intrapsíquico que se mostra irremediavelmente aberto à presença do *outro*. Tal é o impacto desta presença, que mesmo depois de adultos podemos nos deparar com situações nas quais a experiência da identidade é perturbada por situações *unheimlich*, estranhamente familiares em sua estrangeirice.

Se para Freud o psiquismo é, em última análise, algo que se constitui em torno de um conflito inevitável entre sujeito e mundo externo, certamente devemos tomar o *outro*, em sua alteridade, enquanto um irrecusável embaixador deste último, a quem o sujeito não pode se furtar. E não seria essa situação, afinal, o protótipo da pulsão de vida?

---



## Referências

---

ANZIEU, Didier. *O eu-pele*. [1995]. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

ASSOUN, PAUL-LAURENT. *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

BARANGER, W. *Contribuições ao conceito de objeto em Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

BION, W. *On a quotation from Freud*. Clinical seminars and four papers. Abingdon: Fleetwood Press, 1987.

BLOOM, P. *Natural-Born Dualists*. Disponível em: <[http://www.edge.org/3rd\\_culture/bloom04/bloom04\\_index.html](http://www.edge.org/3rd_culture/bloom04/bloom04_index.html)> Acesso em jan/2006.

BOTELLA, C.; BOTELLA, S. *Irrepresentável*. Porto Alegre: Editora criação humana, 2002.

CALVINO, Ítalo. *Contos Fantásticos do Séc. XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CARONE, M. Luto e melancolia – tradução de Marilene Carone. In: *Novos estudos SEBRAP*, n. 32, p. 128-142, março 1992.

CELES, L. A. Temporalidade do trauma: gênese. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 12, n.3, 1999.

CESAROTTO, O. As sementes da semiótica psicanalítica. In: COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto; PACHECO FILHO, Paul Albino; ROSA, Miriam Debieux (org.). *Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

CINTRA Elisa Maria de Ulhoa; FIGUEIREDO, Luís Claudio. *Melanie Klein: estilo e pensamento*. São Paulo: Editora Escuta, 2004.

COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Intersubjetividade: Conceito e Experiência em Psicanálise. *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, vol. 14, n.1, 2002.

COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Usos da percepção na psicanálise. São Paulo, *Percursos*, nº 23, 2/1999, p. 97-106.

COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto; FIGUEIREDO, L.C. Figuras da intersubjetividade. *Interações*, vol. IX, n. 17, p. 9-28, jan-jun/2004.

COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto; PACHECO FILHO, Paul Albino; ROSA, Miriam Debieux (org.). *Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

\_\_\_\_\_. *A Força da Realidade na Clínica Freudiana*. São Paulo: Escuta, 1995.

COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto (e outros). *Noção de objeto, concepção de sujeito: Freud, Piaget e Boesch*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

COSTA, A. C. Lacan e a arte zen do psicanalista: uma leitura da abertura e primeiro capítulo do Seminário I. *Percursos*, São Paulo, nº 34, 1/2005, p. 5-14.

DERRIDA, J. *Estados da alma da psicanálise*. São Paulo: Ed. Escuta, 2001.

FEDERN, P. *Ego psychology and the psychoses*. London: Imago publishing Co. Ltd., 1953.

FÉDIDA, Pierre. *Depressão*. São Paulo: Ed. Escuta, 1999.

FERENCZI, Sándor. Fantasias Gulliverianas (1926). *Obras Completas – Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes, 1993a.

\_\_\_\_\_. Thalassa, ensaio sobre a teoria da genitalidade (1923). *Obras Completas – Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes, 1993b.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Escutar, recordar, redizer*. Encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica. V.1. São Paulo: Escuta / EDUC, 1994.

\_\_\_\_\_. A Fabricação do Estranho: Notas sobre uma Hermenêutica “Negativa”. *Boletim de Novidades – Pulsional* (Centro de Psicanálise), São Paulo, Ano VII, n. 57, 1994.

\_\_\_\_\_. *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Ed. Escuta, 1999.

\_\_\_\_\_. *O trabalho do texto, o trabalho da clínica*. Aula inaugural do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da Universidade de Brasília. Abril, 1999.

FREUD, Sigmund. Além do Princípio de Prazer. (1920). *In: Obras Completas*. Vol.XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996a.

\_\_\_\_\_. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909). *In: Obras Completas*. Vol. X. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996b.

\_\_\_\_\_. A Divisão do Ego no Processo de Defesa ([1938] 1940). *In: Obras Completas*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996c.

\_\_\_\_\_. O Ego e o Id (1923). *In: Obras Completas*. Vol.XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996d.

\_\_\_\_\_. Esboço de Psicanálise ([1938] 1940). *In: Obras Completas*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996e.

\_\_\_\_\_. O Estranho (1919). *In: Obras Completas*, Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996f.

\_\_\_\_\_. Fetichismo (1927). *In: Obras Completas*, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996g.

\_\_\_\_\_. Fetischismus (1927). *Gesammelte Werke*, XIV. S. Fischer, 1991.

\_\_\_\_\_. Fetichismo (1927). *In: Obras Completas*, Volumen 21. Amorrortu, 1996h.

\_\_\_\_\_. O Inconsciente. (1905). *In: Obras Completas*, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996r.

\_\_\_\_\_. Os instintos e suas vicissitudes. (1915). *In: Obras Completas*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996i.

\_\_\_\_\_. Triebe und Tribschicksale (1915). *Gesammelte Werke*, X. S. Fischer, 1991.

\_\_\_\_\_. A interpretação dos sonhos (1900). *In: Obras Completas*. Vol.XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996j.

\_\_\_\_\_. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. (1910). *In: Obras Completas*. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996k.

\_\_\_\_\_. Luto e melancolia ([1915] 1917). *In: Obras Completas*. Vol.XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996l.

\_\_\_\_\_. Neurose e Psicose ([1923] 1924). *In: Obras Completas, Vol.XIX*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996m.

\_\_\_\_\_. A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose (1924). *In: Obras Completas, Vol.XIX*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996n.

\_\_\_\_\_. O Problema Econômico do Masoquismo (1924). *In: Obras Completas*. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996o.

\_\_\_\_\_. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). *In: Obras Completas*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996p.

\_\_\_\_\_. Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. (1905). *In: Obras Completas*. Vol.VII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996q.

GADAMER, H.G. *Verdade e Método*. I -Traços Fundamentais de Uma Hermenêutica Filosófica. Petrópolis: Ed.Vozes, 1997.

GHOST in the shell. [*Kôkaku kidôtai*], Direção de Mamoru Oshii, Produção de Mitsuhsa Ishikawa, Ken Iyadomi, Kodansha e Yoshimasa Mizuo. Japão: Manga Entertainment, 1995, vhs.

GHOST in the shell 2: Innocence [*Inosensu: Kôkaku kidôtai*], Direção de Mamoru Oshii, produção de Mitsuhsa Ishikawa e Toshi Suzuki. Japão: Production IG, 2004, dvd.

GREEN, A. The intrapsychic and intersubjective in psychoanalysis. *The Psychoanalytic Quaterly*, vol. LXIX, n.1, p. 1 a 39, 2000.

\_\_\_\_\_. Thirdness and psychoanalytic concepts. *The Psychoanalytic Quaterly*, vol.LXXIII, p. 99-135, Greenacre, P., 1965.

GRONDIN, Jean. *Introdução à Hermenêutica Filosófica* (1991). Rio Grande do Sul: Ed. Unisinos, 1998.

HUSSERL, E. *Meditações Cartesianas*. Porto: Rés-Editora, s/d [1931].

LAPLANCHE, J. *Problemáticas I: A Angústia*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. *Vida e Morte em Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.-B. *Fantasia Originária, Fantasia das Origens, Origens da Fantasia*. [1985]. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.

LINO SILVA, Maria Emília *et al.* (org.). *Investigação e Psicanálise*. v.1. Campinas: Papirus, 1993.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1977.

MATRIX, The. Direção de Andy Wachowsky e Larry Wachowsky, produção de Joel Silver, EUA, Groucho II Film Partnership, Silver Pictures, Village Roadshow Pictures, 1999, vhs.

MATRIX RELOADED, The. Direção de Andy Wachowsky e Larry Wachowsky, produção de Joel Silver, EUA, NPV Entertainment, Silver Pictures, Village Roadshow Pictures, 2003, vhs.

MERLEAU-PONTY M., Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos: 1949-1952: filosofia e linguagem. (1988), São Paulo, Papirus Edt., 1990.

\_\_\_\_\_. Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos: 1949-1952: psicossociologia e filosofia. (1988), São Paulo, Papirus Edt., 1990.

\_\_\_\_\_. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1991a.

\_\_\_\_\_. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991b.

MICHAELIS. Deutsch. Portugiesisches Wörterbuch. New York: Frederick Ungar Publishing Co., 1987.

MILLER, Gerard (Org.). *Lacan* (1987). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1989.

MILLER, Joseph Hillis. *A Ética da Leitura* (1990). Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1995.

MISHIMA, Yukio. *Mar da Fertilidade - Volume I. Neve de Primavera* [1969]. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. *Mar da Fertilidade* - Volume 2. Cavalo Selvagem [1969]. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. *Mar da Fertilidade* - Volume 3. O Templo da Aurora [1969]. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. *Mar da Fertilidade* - Volume 4. A Queda do Anjo [1970]. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MONZANI, L.R. “A Fantasia Freudiana” e “Discurso Filosófico e Discurso Psicanalítico”. In: *Bento Prado Jr.* São Paulo, Brasiliense, 1990.

OGDEN, Thomas. *Os Sujeitos da Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

\_\_\_\_\_, What’s true and whose idea was it? *Int. Journal of Psychoanalysis*, v. 84, n. 3, p. 593 – 606, 2003.

RAFAELLI, Rafael. Vínculos entre Psicanálise e Fenomenologia. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*. Florianópolis, v. 28, p. 1-12, 2002.

REIS, Bruce. You are requested to close the eyes. *Psychoanalytic Dialogues*, Hillsdale, NJ, EUA, Vol. 14, n. 3, 2004.

SALVITTI, Adriana. *Investigações sobre o método de W. Bion: uma leitura de ‘Sobre Arrogância’*. *Psychê*, São Paulo, ano VIII, n. 13, p. 13-24, jan-jun/2004.

SCHLEIERMACHER, F. *Hermenêutica: Arte e Técnica da Interpretação* [1929]. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

SPILLUS, Elizabeth Bott. *Melanie Klein Hoje: Desenvolvimento Teoria e da Técnica*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

UCHITEL, M. *Além dos limites da Interpretação*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1997.

WINNICOTT, D.W. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1979.

\_\_\_\_\_. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1971.

WOOD, G. *Edson's Eve*. Disponível em:  
<<http://www.nytimes.com/2002/08/25/books/chapters/0825-1st-wood.html?ex=138165200&en=a8acf6e9fcc3a7d2&ei=5070>> Acesso em: jan/2006.

---